



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PALMAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA (PGEDA)**

JESSIKA VILLALON SOUSA CRUZ

**POR UMA PEDAGOGIA (TRANS)FORMADORA E DE
(RE)EXISTÊNCIA DAS “PESSOAS T” NA ESCOLA E NA
UNIVERSIDADE DA/NA AMAZÔNIA TOCANTINENSE**

**Palmas, TO
2025**

JESSIKA VILLALON SOUSA CRUZ

**POR UMA PEDAGOGIA (TRANS)FORMADORA E DE (RE)EXISTÊNCIA DAS
“PESSOAS T” NA ESCOLA E NA UNIVERSIDADE DA/NA AMAZÔNIA
TOCANTINENSE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito à obtenção do grau de Doutora em Educação na Amazônia. Linha de Pesquisa 1: Formação do Educador, Práxis Pedagógica e Currículo na Amazônia.

Orientador (a): Dr. Damião Rocha

**Palmas, TO
2025**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

V714p Villalon Sousa Cruz, Jessika.
 POR UMA PEDAGOGIA (TRANS)FORMADORA E DE (RE)EXISTÊNCIA
 DAS “PESSOAS T” NA ESCOLA E NA UNIVERSIDADE DA/NA
 AMAZÔNIA TOCANTINENSE. / Jessika Villalon Sousa Cruz. – Palmas, TO,
 2025.
 135 f.

 Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus
 Universitário de Palmas - Curso de Pós-Graduação (Doutorado) em Educação
 na Amazônia - PGEDA, 2025.
 Orientador: José Damião Trindade Rocha

 1. Escola. 2. Travestis. 3. Transexuais. 4. Amazônia. I. Título

CDD 370

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

JESSIKA VILLALON SOUSA CRUZ

**POR UMA PEDAGOGIA (TRANS)FORMADORA E DE (RE)EXISTÊNCIA DAS
“PESSOAS T” NA ESCOLA E NA UNIVERSIDADE DA/NA AMAZÔNIA
TOCANTINENSE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação na Amazônia (PGEDA) da Universidade Federal do Tocantins (UFT), como requisito à obtenção do grau de doutor em Educação na Amazônia e aprovado em sua versão final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 06/06/2025

Banca de Avaliação

DR. JOSÉ DAMIÃO TRINDADE ROCHA – PGEDA/UFT
[Orientador/Presidente da Banca]

Dr. ^a LUCÉLIA DE MORAES BRAGA BASSALO - PPGE/UEPA
[Membro Externo]

DR. MARCIO DE OLIVEIRA – PPGE/UFAM
[Membro Externo]

DR. FRANCISCO THIAGO SILVA - PPGEMP/UNB
[Membro Externo]

DR. RUHENA KELBER ABRÃO FERREIRA – PGEDA/UFT
[Membro Interno]

DR. JOÃO LUIZ DA COSTA BARROS – PGEDA/UFAM
[Membro Interno – Suplente]

Dr.^a. JOCYLÉIA SANTANA DOS SANTOS – PGEDA/UFT
[Membro Interno – Suplente]

*Dedico este trabalho à todas as pessoas que
contribuíram em minha trajetória de vida, e à
todas as pessoas LGBTQIA+ da Amazônia
Tocantina.*

*A mulher que eu me tornei
Custou muito caro, não vou negar
Noites em que sussurrei pro vento soprar tudo
pro lugar, Veja o quanto ganhei
Descobri ser o meu próprio lar*

(Maria, Perdão, Som Livre, 2019).

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus, pelas bênçãos infinitas concedidas, por tudo o que aprendi e conquistei durante a vida.

Agradeço imensamente ao meu orientador, Professor Doutor Damião Rocha, por todos os momentos maravilhosos de orientação e amizade, pela confiança, por ser rocha e fortaleza, permitindo ver o caminho e me guiando ao longo deste trabalho.

Aos meus amigos, Aurimar Dias, por sempre estar disposto a me ouvir em todos os momentos, Agatha Martins, Talita Paniago, George Hallan, Everton, Raphael Victor, Matheus Aguiar e Nayara Borges pela força que sempre me deram ao longo dos anos.

Aos meus amigos Jardilene, Jardinélio e Marcos Irondes, por serem tão amorosos comigo, me ajudarem a compreender os processos neste doutoramento, e me ajudarem com tanta sabedoria e paciência.

Aos professores doutores que compuseram a banca examinadora, por me mostrarem o caminho a seguir e iluminarem esse uni(verso).

Aos professores e coordenação do Programa, pela inovação e importância no contexto educacional amazônico.

À minha madrinha, Luciana Kramer, pela ajuda e força em momentos que você nem imaginou que eu estava precisando.

À Prefeitura Municipal de Palmas, por investir em minha qualificação profissional.

À minha família, mesmo que não sejamos próximos, foram a motivação para que eu pudesse seguir em frente.

RESUMO

CRUZ, Jessika Villalon Sousa. POR UMA PEDAGOGIA (TRANS)FORMADORA E DE (RE)EXISTÊNCIA DAS “PESSOAS T” NA ESCOLA E NA UNIVERSIDADE DA/NA AMAZÔNIA TOCANTINENSE. Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia (PGEDA), Universidade Federal do Tocantins (UFT), Palmas, 2025.

A educação de pessoas transgênero constitui uma questão central que, no âmbito deste doutorado, problematiza os desafios educacionais regionais relacionados à diversidade sexual e de gênero. O estudo busca integrar a educação escolar ao pensamento amazônico, investigando as experiências de pessoas transgênero nas escolas públicas da Região Tocantina. Para tanto, estabelece um diálogo teórico com autores como Andrade (2019), Butler (2003), Bento (2012), Lanz (2017) e Gomes (2020), que fundamentam a análise sobre gênero, diversidade sexual e educação. A problemática central da pesquisa gira em torno do significado das vivências escolares de pessoas transgênero na Amazônia Tocantina, frequentemente marcadas por violências de gênero, estereótipos sociais e transfobia. O trabalho adota a perspectiva da etnopesquisa-ação e etnopesquisa-formação, fundamentada em uma base fenomenológica, utilizando o método de análise de “conteúdo fixadores de experiências” (Macedo, 2004; 2010; Rocha, 2022), através de um grupo focal (Trad, 2009) com oito participantes transgênero. A pesquisa envolveu a escuta de pessoas transgênero das escolas públicas de Araguaína, Gurupi e Palmas, que se identificam como travestis, transexuais, binárias ou não-binárias. Essas participantes responderam à questão norteadora: “Como você vivenciou a escola enquanto pessoa transgênero?”. A análise dos etnotextos resultantes permitiu identificar similitudes, criar uma nuvem de palavras e definir unidades de significado, que culminaram nas seguintes noções subsunçoras: 1) Escola como espaço de identidade e resistência; 2) Escola como lugar de exclusão e violência; 3) Escola como possibilidade de inclusão e transformação. A tese propõe a visão de uma “escola ideal”, na qual pessoas transgênero têm acesso a conhecimentos de qualidade, culturalmente referenciados, sem enfrentar violências de gênero ou estereótipos sociais. Em sua conclusão, apresenta a visão de uma Pedagogia (Trans)Formadora, que repensa o currículo escolar para atender à diversidade, reduzindo os desafios enfrentados por pessoas transgênero em todas as fases da escolarização. Assim, a escola pública (trans)formadora é concebida como um espaço de acolhimento e transformação para as pessoas transgênero da Amazônia Tocantina.

Palavras-chave: Escola; Travestis; Transexuais; Amazônia.

ABSTRACT

The education of transgender people is a central issue that, within the scope of this doctoral research, problematizes regional educational challenges related to sexual and gender diversity. The study seeks to integrate school education with Amazonian thought, investigating the experiences of transgender people in the public schools of the Tocantins Region. To this end, it establishes a theoretical dialogue with authors such as Andrade (2019), Butler (2003), Bento (2012), Lanz (2017), and Gomes (2020), who underpin the analysis of gender, sexual diversity, and education. The central problem of the research revolves around the meaning of the school experiences of transgender people in the Tocantins Region, often marked by gender-based violence, social stereotypes, and transphobia. The work adopts the perspective of ethno-research-action and ethno-research-formation, grounded in a phenomenological basis, utilizing the "content fixers of experiences" analysis method (Macedo, 2004; 2010; Rocha, 2022), through a focus group (Trad, 2009) with eight transgender participants. The research involved listening to transgender people from public schools in Araguaína, Gurupi, and Palmas, who identify as travestis, transsexuals, binary, or non-binary. These participants responded to the guiding question: "How did you experience school as a transgender person?". The analysis of the resulting ethno-texts allowed for the identification of similarities, the creation of a word cloud, and the definition of units of meaning, which culminated in the following subsuming notions: 1) School as a space of identity and resistance; 2) School as a place of exclusion and violence; 3) School as a possibility for inclusion and transformation. The thesis proposes the vision of an "ideal school," where transgender people have access to quality, culturally relevant knowledge, without facing gender-based violence or social stereotypes. In its conclusion, it presents the vision of a (Trans)Formative Pedagogy, which rethinks the school curriculum to address diversity, reducing the challenges faced by transgender people at all stages of schooling. Thus, the (trans)formative public school is envisioned as a welcoming and transformative space for the transgender people of the Tocantins Region.

Key-words: School; Transvestites; Transsexuals; Amazon.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Concurso Miss Brasil Glamour Gay.....	17
Imagem 2: Um dia normal no trabalho.....	19
Imagem 3: Formatura no Curso Superior em Tecnologia em Gestão Pública.....	23
Imagem 4: Formatura no curso de Licenciatura em Teatro.....	24
Imagem 5: Banca examinadora do Mestrado.....	24
Imagem 6: Concurso Miss Gay Tocantins 2015.....	25
Imagem 7: Bonecas Ritxoko	42
Imagem 8: Capim dourado e artesanato.....	43
Imagem 9: Instituições que oferecem vagas para pessoas trans.....	47
Imagem 10: Nuvem de palavras.....	104
Gráfico 1 – Quantitativo de trabalhos publicados no período de 2014 a 2022.....	52
Gráfico 2 – Quantitativo de dissertações.....	55
Gráfico 3 – Gráfico de representação das cinco palavras com maior ocorrência	105
Gráfico 4 – Gráfico de colocações (links)	105

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Panorama educacional do Estado do Tocantins.....	41
Tabela 1 – Panorama educacional do Estado do Tocantins.....	43
Tabela 2 – Cronologia do Ensino Superior público do Tocantins.....	45
Tabela 3 – Participação de pessoas transgênero no Enem no Tocantins utilizando o nome social.....	48
Tabela 4 – Relação dos trabalhos publicados em periódicos, que abordam a transexualidade e educação, por pesquisadores da Amazônia tocantina.....	50
Tabela 5 – Dissertações que abordam a transexualidade.....	52
Tabela 6 - Perfil das pessoas “T” participantes.....	67
Tabela 7 - Unidades dos significados.....	109
Tabela 8 - Noções subsunçoras.....	110

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANTRA	Associação Nacional de Travestis e Transexuais
DCT	Documento Curricular Tocantinense
EAD	Ensino à Distância
GESPOL	Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas
HQ	História em Quadrinhos
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IES	Instituição de Ensino Superior
JK	Juscelino Kubitschek
Kg	Quilograma
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis
LGBTQIA+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, Queer, Intersexual, Assexual e mais
M	metros
PGEDA	Programa de Pós – Graduação em Educação na Amazônia
PIB	Produto Interno Bruto
PPGE	Programa de Pós – Graduação em Educação
T	Transexuais/Transgêneros/Travestis
TO	Estado do Tocantins
TV	Televisão
UFT	Universidade Federal do Tocantins
XVIII	Dezoito em numerais romanos
XXI	Vinte e um em numerais romanos

SUMÁRIO

1	MEMORIAL: O NASCIMENTO DA ESTRELA	15
2	INTRODUÇÃO: A PARTIDA DA LUA.....	28
3	GUIA ESTELAR.....	34
3.1	O/A (SER) PESSOA TRANSGÊNERO.....	34
3.1.1	As Travestilidades Versus Transgeneridades	34
3.1.2	Adolescência Trans.....	35
3.2	INTERSECCIONALIDADE	37
3.3	AMAZÔNIA, TOCANTINS E SEU CONTEXTO EDUCACIONAL.....	40
3.4	PESQUISA(S) SOBRE TRANSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA TOCANTINA.....	50
3.5	AMOSTRA DA TRANSEXUALIDADE PRODUZIDAS NA UFT	52
4	ROTEIRO INTERESTELAR.....	57
4.1	A ETNOMETODOLOGIA.....	59
4.2	ETNOPESQUISA	60
4.3	TÉCNICA DA REUNIÃO DE DADOS	61
4.4	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	61
4.5	CONSIDERAÇÕES ÉTICAS DE PESQUISA.....	63
4.6	CAMINHOS DA PESQUISA: GRUPO FOCAL	63
5	CORPAS CELESTES	67
5.1	JÚPITER	68
5.2	LUA.....	70
5.3	MARTE	71
5.4	NETUNO.....	74
5.5	SATURNO	76
5.6	SOL.....	78
5.7	TERRA	80
5.8	URANO.....	81
6	(UNI)VERSOS	84
6.1	PROCESSO DE DESCOBERTA E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO..	85
6.2	EXPERIÊNCIAS DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA.....	88
6.3	DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO ENSINO SUPERIOR.....	91

6.4 VIOLÊNCIA DE GÊNERO E A COMUNIDADE TRANS.....	95
6.5 CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA/UNIVERSIDADE ACOLHEDORA.....	98
6.6 IMPRESSÕES E PROJEÇÕES DE VIDAS TRANSGÊNERO.....	101
7 MOSAICO CÓSMICO	104
7.1 PROCESSO DE DESCOBERTA E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO.....	106
7.2 EXPERIÊNCIAS DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA.....	106
7.2.1 Violência e marginalização social.....	107
7.2.2 Necessidade de educação inclusiva.....	107
7.2.3 Projeções e desejos para o futuro.....	108
7.3 A ANÁLISE DOS ETNOTEXTOS COMO FIXADORES DE EXPERIÊNCIA.....	108
7.4 ANÁLISE DAS NOÇÕES SUBSUNÇORAS DA PESQUISA.....	110
8 A TESE: A PEDAGOGIA (TRANS)FORMADORA.....	111
9 CONSTELAÇÃO FINAL DE DESCOBERTAS (IN)CONCLUSIVAS	116
REFERÊNCIAS	121
APÊNDICE A – PERGUNTAS DISPARADORAS	127
ANEXO A – GLOSSÁRIO DE TERMOS INCLUSIVOS.....	128

1 MEMORIAL: O NASCIMENTO DA ESTRELA

A posição dos astros no momento do nascimento de uma pessoa influencia a sua personalidade e o seu destino, sendo o mapa astral uma ferramenta popular para autoconhecimento, pelo menos essa é uma crença entre muitas pessoas. O céu estrelado sempre fascinou a humanidade, inspirando obras de arte, mitologias e crenças ao longo da história e os elementos químicos que compõem nosso corpo, foram formados em estrelas ao longo de bilhões de anos, e nesse sentido, somos, literalmente, "poeira das estrelas". A astrologia pode influenciar a percepção das pessoas sobre si mesmas. E quando se trata de uma pesquisa em primeira pessoa em relação a outras, essa representação da constelação solar, para nós, os símbolos astronômicos são muito representacionais ao considerarmos que assim como cada planeta tem um símbolo próprio, usado em mapas celestes e estudos astronômicos, cada pessoa T entre gêneros, cada mulher Trans, cada menino Trans, representa um planeta de possibilidades identitárias.

A partir desse pressuposto nesta Tese usamos a representação do sistema solar para nos representar e nos apresentar sem que precisemos identificar, apontar ou heteroidentificar alguém, como forma de validar a identidade de gênero das outras mulheres Trans, presente de corpo e identidade, neste trabalho de pesquisa.

Ser trans. Questão muito abordada nos últimos anos, que traz confusões, falácias e até mesmo ideologias que não existem. Desenvolver um tema bastante polêmico para os outros, mas ao mesmo tempo muito importante para minha essência, enquanto pessoa que não se enquadra nos padrões sociais amplamente aceitos, não é algo fácil.

Fui a primeira em muitos aspectos na cidade de Palmas – TO. Uma das primeiras a fazer cirurgias plásticas para tentar adequar minha aparência à minha expressão de gênero. Fui a primeira a concluir o Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas. A primeira a utilizar o nome social na Universidade, antes mesmo da portaria que possibilitaria a utilização. Fui uma das primeiras a retificar prenome e gênero nos documentos civis, através de processo judicial. Mas infelizmente sigo sendo a única da cidade que está cursando doutorado.

Isso por si só já me torna uma pesquisadora implicada (Rocha; Maia, 2017). Mesmo identificando como mulher trans, sofro discriminação bilateral. Da sociedade, que me coloca em um lugar inferior, como se eu não fosse suficientemente mulher, ou me julgam ao primeiro olhar, como se estivesse destinada a trabalhar na área da beleza, ou da prostituição. E das próprias travestis e transexuais que convivo, que consideram que eu fui privilegiada, por ter concluído meus estudos e ser servidora pública municipal.

Em minha pesquisa para a dissertação, verificamos a insuficiência de políticas públicas voltadas para as pessoas LGBTQIA+, principalmente as pessoas “T” entre gêneros, pois são as mais vulneráveis socialmente, pois não há como esconder a expressão de gênero. Não se pode negar todo o preconceito que enfrentamos diariamente.

A maior parte das políticas assegura o nome social. Mas o nome social não assegura um bom tratamento em uma loja, em um serviço público, em uma escola. As pessoas estão completamente confusas sobre o que é gênero, e quais as suas implicações. Acreditam que se falar de gênero na escola, é ensinar que as crianças se tornem mini travestis. Esta é uma concepção completamente equivocada, criada para defasar a compreensão e as discussões de gênero e pautar o discurso heteronormativo e misógino que é perpetuado por décadas.

Meu processo de transição de gênero foi iniciado no ano de 2014. Procurei um endocrinologista que pudesse me orientar quanto ao uso de hormônios, mas sem sucesso. Ninguém em Palmas – TO sabia me orientar como eu deveria proceder. Precisei optar pela auto-hormonização, o que é considerado um risco, que me trouxe inúmeras consequências.

Durante minha infância, minha família era muito liberal. Até mesmo a cabelereira que nos atendia era uma mulher trans. Nas minhas tenras vivências escolares, eu era bastante hostilizada pelos colegas. Mas, de certa forma, aprendi a lidar com isso. Ignorava os xingamentos que eram diários e com muita frequência durante o dia todo. Ao mesmo tempo, começava a me sentir uma menina por dentro.

Quando minha mãe saía de casa, eu aproveitava para calçar os sapatos de salto alto, passar batom, e vestir as roupas mais bonitas que ela tinha. Eu tinha verdadeira paixão por um vestido preto, com um decote em “V”, cheio de brilho, também preto. Inventava desfiles imaginários, tudo isso com muito medo de ser descoberta.

Não tinha uma referência a seguir, muito menos influência de alguém ou algum programa. Ainda eram os anos 90, estávamos muito longe da atual tecnologia. Minha fuga era escrever um diário. Mas tudo desabava quando eu tinha que ir para a escola. Os xingamentos mais leves que eu me recordo eram: “viadinho”, “baitola”, “bambi”, entre outros.

No Ensino Médio, comecei a ter minhas experiências sexuais. Cometi um erro de comentar com colegas de sala. Assim, tive toda minha intimidade exposta, comecei a sofrer mais intimidações e hostilidade por parte dos colegas do sexo masculino, afinal eu não me encaixava nos padrões. Se eu entrasse no banheiro masculino, precisava fazer as necessidades “correndo” para não sofrer ameaças de espancamento.

Os meus pais haviam deixado a religião católica, e com toda a minha exposição na escola, decidiram me mudar para uma escola pública. Eu havia estudado a vida toda em escolas

particulares. Acredito que queriam de alguma forma me penalizar, mas foi na escola pública que finalmente fui aceita pelos meus colegas.

Ainda achava que era homossexual, até quando eu estive pela primeira vez, na extinta boate “Dama de Paus”, em Palmas – TO. Tive o contato com *drag queens*, e nisso vi uma oportunidade de expressar quem eu era por dentro. Aos 17 anos, me vesti a primeira vez de mulher. Não fiquei “bonita”, mas por dentro eu estava em êxtase.

Quando fiz 18 anos, no ano de 2006, fui para a Parada Gay de Palmas. Fui escondida, pois meus pais reprovavam qualquer atitude homossexual. No evento, eu beijei um rapaz e uma das minhas vizinhas estava presente. Nesta época, eu cursava Bacharelado em Farmácia, e como o curso era integral, eu ficava o dia todo fora de casa. Quando cheguei em casa, meu pai me chamou na mesa de jantar e me pediu que deixasse a casa. Ainda passei por diversos constrangimentos, tendo que explicar detalhes da minha vida sexual para membros da religião, o que considero um abuso psicológico até os dias de hoje.

Eu havia prestado um concurso público na cidade vizinha, Porto Nacional – TO, dois meses antes de meu pai pedir que eu me retirasse de casa. Um mês depois eu havia mudado e já estava trabalhando lá. Nisso, precisei largar os estudos do curso de Farmácia. Me recordo de ter entrado em uma profunda depressão, aliada a não saber quem eu era de verdade.

No ano de 2008, quando me recuperei da depressão, voltei a estudar. Comecei a fazer o curso superior de Tecnologia em Gestão Pública. Nesta época estava completamente confusa quanto à minha sexualidade, não conseguia me compreender. Vivia uma vida dupla, de dia sendo menino, a noite sendo a mulher. Nisso, comecei a me aventurar nos certames de beleza, nos quais logrei mais de vinte títulos.

Imagem 1: Concurso Miss Brasil Glamour Gay 2013



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Mesmo passando por tudo isso, sempre tive êxito nos meus estudos. Passamos por duas greves, tendo longos períodos sem aula. Mas as dificuldades continuavam sendo grandes, faltando assim as atividades complementares. A exigência das atividades complementares me desestimulou e tranquei o curso com todas as disciplinas cursadas, faltando apenas o TCC para a conclusão.

No ano de 2014, entrei na Universidade Federal do Tocantins, para cursar Licenciatura em Teatro. Neste mesmo ano, fiz duas cirurgias, uma de rinoplastia e outra de mamoplastia de implante. Ainda assim, eu tinha nos documentos um nome e gênero masculino. Comecei a frequentar as aulas e não era difícil perceber que eu era uma pessoa trans, alta, que chama a atenção. Ganhei o carinho dos colegas, mas não fui bem aceita por alguns professores.

Mesmo conversando com cada um de forma individual, houve professores que se recusaram a me chamar pelo meu nome social, fazendo com que eu solicitasse de maneira formal à Universidade para utilizar o nome social na chamada, provas e documentações. A partir desta demanda, a UFT foi a 25ª universidade brasileira a possibilitar o uso do nome social, através da Portaria Normativa nº 402 de 04 de março de 2015.

Depois que meu nome estava alterado na chamada, alguns professores ainda resistiram a me chamar pelo nome social, inclusive ameaçando na questão de não atribuir as notas, pois “eu não tinha como provar quem era a Jessika”. Isso gerou uma revolta por parte dos colegas de sala, que protestaram e pude concluir o semestre sendo aprovada.

Este fato foi marcante, pois eu sempre acreditei que a universidade fosse um espaço de discussões e socialização. Não acreditava que havia passado por transfobia, já no ensino superior. Já tinha certeza do que eu era, mas passei a perceber que a sociedade não estava tão aberta quanto parecia, principalmente se a pessoa se destacasse. Entendi que se quisesse ser respeitada, teria que fazer o dobro ou o triplo para que não fosse colocada à margem social de forma automática.

No ano de 2013, assumi uma função de confiança dentro da escola que eu trabalhava. Com esta mudança física no ano de 2014, recebi apoio incondicional da diretora da Escola. Ela teve uma sensibilidade incomum e pediu que “eu fosse para a escola da maneira que eu me sentisse bem”.

A partir deste episódio, passei a me vestir como mulher em tempo integral. Fui muito bem recebida pela comunidade escolar, pelos alunos e famílias. Mas não tive aceitação pelo corpo docente. Muitos argumentavam que tinham me conhecido com o meu nome morto e que não conseguiriam se adaptar a mudança. Mas já fazia muito tempo que ele não existia mais dentro de mim.

Só passei a ser aceita e reconheci como Jessika no meu ambiente de trabalho, que é uma escola pública de ensino fundamental, quando venci o processo judicial, obtendo a autorização para a retificação de nome e sexo nos meus documentos civis. Somente após mudar a documentação, pude exigir um direito que tenho enquanto cidadã. Mas naquela época, ainda não existam leis que regulamentassem o nome social na administração pública.

Imagem 2: Um dia normal no trabalho



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Sempre fui uma pessoa que tentou tratar os outros bem. Mas quando foi a minha vez de ser tratada bem, fui tratada com bastante desrespeito, por uma minoria. A transfobia é algo que está implicado nas pessoas. Não se veem bons exemplos na TV, ou nas redes sociais. Sempre as notícias relacionadas à travestis e transexuais soam como “travesti rouba cliente” ou “transexual se arrepende de ter feito mudança de sexo”, seguidas de uma “enxurrada” de comentários negativos. Por que eu deveria esperar que as pessoas me enxergassem de uma forma positiva, quando são condicionadas a acreditar que a transexualidade é algo ruim?

Voltando ao ano de 2014, comecei a morar junto com um namorado. Acreditava que estava vivendo um “conto de fadas”. Tinha encontrado um homem que estava disposto a me

assumir publicamente. Assim, eu descobri que havia maiores implicações em me tornar uma mulher. Teria que obedecer aos padrões de usar roupas mais longas, evitar mostrar o corpo, comportar-se como uma pessoa “casada”. Todas as imposições sociais que se espera de uma mulher, reproduzidas inconscientemente por padrões machistas.

Passei a entender que quando nos tornamos uma mulher, há muito mais que procedimentos estéticos, ou usar roupas consideradas femininas. Ser mulher é um ato de resistir. Resistir à uma inferiorização diária, regras de pode ou não pode, comportar-se como a sociedade espera. E quando se é uma mulher transexual, a inferiorização é ainda mais forte. Não é considerada mulher pelas mulheres cisgênero; também não é considerada mulher pelos homens cisgênero. Para estes, a mulher transexual é apenas um objeto de desejo, algo carnal, que possui um órgão fático, que estará cem por cento disponível para a realização de fetiches sexuais. Esquecem-se que também somos seres humanos.

A válvula de escape que eu tinha quando era criança eram os estudos. Adquiri um prazer enorme pela literatura. Os livros me faziam viajar. Também gostava muito de gibis e HQ's. Isso me ajudava muito a ter eloquência nas palavras, com isso, meus colegas percebiam que eu me destacava.

Durante a adolescência, não demorou muito para que meus colegas me notassem de outra forma. Eu não tive uma puberdade muito masculinizadora. Me recordo bem que meu pai queria me levar ao médico, porque eu não desenvolvi barba, nem pelos no corpo e muito menos uma voz grossa. Ele acreditava que eu tinha algum problema hormonal. Por muito tempo achei que eu era intersexual (intersexuais são pessoas que não se enquadram nas características sexuais femininas ou masculinas, podendo apresentar um ou mais órgãos sexuais, com a nomenclatura antiga hermafrodita). Me levaram à uma pediatra e um urologista, que diagnosticaram que eu era do sexo masculino, apenas estava tardando a passar pela puberdade.

Como eu tinha características andróginas, os xingamentos pararam de acontecer na adolescência, sendo substituídos por uma verdadeira pressão sexual pelos colegas de escola. Por muitas vezes, quiseram ter algum tipo de relação sexual comigo, mas eu não pensava muito nisto, me preocupava mais com os estudos, do que qualquer outra coisa.

Quando meu pai me transferiu de escola, conheci um rapaz, que era meu colega de sala. Ele me chamou bastante atenção. Logo, ele também percebeu minha aptidão para os estudos e me pedia cola nas provas, me enganando, dizendo que gostava de mim. Hoje eu entendo, que ele possivelmente se sentia atraído sexualmente por mim, por causa da minha aparência andrógina.

Nesta fase da minha vida, havia uma pressão imensa por sexo. Tudo era motivo para as pessoas quererem sexo. Mas apesar de já ter tido minha primeira experiência, eu ainda acreditava que era necessário que fosse com alguém especial. Antes de eu ser transferida de escola, um certo dia, compraram um buquê de flores e mandaram entregar na escola. Ao receber, tinha a assinatura de um garoto do terceiro ano, no cartão, que estava repleto de desenhos de vários pênis de vários tamanhos e formatos. A coordenadora queria chamar meus pais, mas eu cheguei a implorar para ela que não os chamasse. Ela acabou descobrindo que foram os meninos da minha turma, muitos deles que eu havia negado ter experiências sexuais, que fizeram essa chacota comigo.

A heteronormatividade sempre me acompanhou desde os primeiros anos do ensino fundamental. Se eu pintasse algum desenho com o lápis de cor, “cor de rosa”, já era motivo para ser xingada pelos coleguinhos de classe. Eu acreditava em minha vã inocência, que algum dia esses contextos sexistas iriam mudar no Brasil, nunca imaginaria os grandes retrocessos que vivemos desde o ano de 2019.

A escolha do meu novo nome teve muito a ver comigo. Jessica, ou Jessika, tem como significado “a observadora”. Sempre fui uma pessoa muito extrovertida, entretanto, observo muito as pessoas. Mas acredito que a vida inteira, nunca olhei realmente para o meu interior, para tudo que estava acontecendo comigo.

Tive anorexia aos 15 anos. Sempre fui uma criança gordinha, mas nunca sofri bullying por causa disso, sempre por conta da sexualidade. O reflexo de tanta pressão psicológica, por parte dos colegas de escola, por parte dos meus pais e da sociedade que me levou a parar de comer. Cheguei a pesar 54 kg, com 1,78 m de altura. Logo depois que consegui vencer a anorexia, desenvolvi bulimia.

Entretanto, nesta época eu sentia cada vez mais que meu corpo não condizia com a minha mente. Eu me estranhava no espelho, era como se minha visão não correspondesse ao que eu via em meus pensamentos. Não gostava de me vestir como menino, não sentia vontade de cortar meus cabelos, não me atraía por gays afeminados. Era como se eu vivesse uma desconexão dentro de mim mesma. Minhas amigas e amigos mais próximos tentavam consertar meu estilo, fazendo-me usar calças mais apertadas, mas tudo o que eu queria era esconder aquele corpo. Eu nunca, em toda minha vida, me senti confortável com o sexo masculino.

Não conhecia nenhuma outra pessoa transgênero, que eu pudesse compartilhar minhas experiências. Havia conhecido a cabelereira Pamela, mas fazia muitos anos que não a via e não sabia qual tinha sido seu paradeiro. Assim, conheci outras pessoas que tinham uma vida dupla como a minha, sendo apresentada à prostituição. Eu não estava trabalhando, morava de favor

em uma quitinete que meus pais haviam cedido, certamente por terem ficado “com pena”. Havia largado a faculdade, retornado a viver na cidade de Palmas. Aquilo foi muito atrativo na época. Um dinheiro que vinha fácil, mas também ia embora muito fácil.

São muitos os riscos que vivenciei nesta experiência. Existem homens de toda a procedência, bem ou mal-intencionados, em busca de sexo fácil. Nunca senti que aquilo era para mim, logo comecei a procurar um emprego. Rapidamente consegui um emprego em uma escola de idiomas, deixando de viver da prostituição.

Com isso, voltei a estudar no Ensino Superior. Sem apoio de família, apenas dos amigos que eu havia conquistado. Nunca havia sido incentivada pelos meus pais, pois sempre havia ouvido que “curso superior era perda de tempo... o Armagedom está próximo”. Minha mãe uma vez me disse que eu “esqueceria de Deus quando entrasse no Ensino Superior”. Apesar de não possuir uma religião, eu continuo a acreditar em Deus.

Os conflitos familiares na época da minha descoberta foram inúmeros. Minha mãe passou a me vigiar constantemente, vasculhava meu guarda-roupa, controlava meus horários. Ela chegou até mesmo a comparar a homossexualidade com drogas. Dizia que uma vez que eu havia “experimentado, não conseguiria esquecer, pois era igual droga, por isso que as pessoas não conseguiam deixar de serem gays”. Ao mesmo tempo que ela falava isso, pedia para eu reprimir os meus sentimentos, fazer mais orações, que eu poderia “voltar ao normal”. Acredito que ela tentava negar, pois sempre deixei claro que não me sentia um menino, desde os oito anos de idade.

Sempre tive uma grande dificuldade em me concentrar. Para terminar um projeto sempre tive que esquematizar tudo antes, pois me perco fácil em meus pensamentos. Não fiz uma investigação com profissionais de saúde, mas acredito que tenho transtorno de déficit de atenção. Apesar de ter boas notas, sempre tive muita dificuldade sem o acompanhamento e orientação devidos. Por toda a minha vida, tive que me esforçar muito para demonstrar que sou capaz e tentar estar acima da média.

Me graduei no curso superior de Tecnologia em Gestão Pública apenas no ano de 2016. Nesta época já havia terminado a transição de gênero. Foi um momento muito emocionante, que guardo uma sensação de alívio. Alívio por ter obtido um diploma de nível superior e ser uma mulher transexual, pois muitas companheiras mal conseguem terminar seus estudos.

Imagem 3: Formatura no Curso Superior em Tecnologia em Gestão Pública



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Eu tinha um sonho maior, que era fazer mestrado e o doutorado. Assim, comecei a tentar a passar em um programa de mestrado. Sempre me encantei pela área da Gestão Pública. No ano de 2017, fui aprovada no Mestrado Profissional em Gestão de Políticas Públicas (Gespól) da UFT. Lembro da alegria dos meus colegas de trabalho quando recebemos a notícia da aprovação. Foi um ano muito “puxado”, pois eu estava fazendo também pós-graduação em Educação, Pobreza e Desigualdade Social, cursando Licenciatura em Teatro e trabalhando.

No ano de 2019, eu concluí o curso de Licenciatura em Teatro na UFT. Foi outra sensação de realização pessoal. Quando eu tinha dez anos, a professora de Artes me humilhou em sala de aula, claramente um episódio de preconceito por eu ser uma pessoa negra e pobre. Ela disse que “você não vai ser ninguém na vida”. Mal sabia ela que eu iria utilizar essa frase como motivação, para ser alguém melhor que ela e nunca humilhar meus alunos.

Imagem 4: Formatura no curso de Licenciatura em Teatro



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No final do ano de 2019, defendi a minha dissertação e me tornei mestra. Este foi outro momento muito marcante em minha vida. Mas não queria parar por ali, queria seguir meus objetivos acadêmicos e no ano seguinte, comecei a participar de processos seletivos para tentar uma vaga no doutorado.

Imagem 5: Banca examinadora do Mestrado



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Em um dos certames fui muito bem avaliada, mas não obtive aprovação. Ao receber o espelho da avaliação do pré-projeto da pesquisa, havia a mensagem que meu projeto era muito bom, mas não havia nenhum professor que pudesse me orientar na pesquisa. Assim, percebi que as questões relacionadas à escola e gênero ainda precisam ser bastante exploradas. Muito se confunde quando se fala de gênero, principalmente quando a abordagem é feita de maneira a propagar inverdades e *fake news*.

Todavia, em 2020, iniciou a 1ª turma do Doutorado em Educação na Amazônia, no polo da UFT. Ao me atentar para essa possibilidade me inscrevi e fui aprovada pelo Dr. Damião Rocha em 2021 para a 2ª Turma. No grupo de pesquisa Gepce/minorias, liderado por ele e pelo Dr. Marcos Irondes, percebi que há 20 anos esse militante do movimento LGBTI+ e pesquisador, orientando investigações no mestrado e doutorado em educação sobre estudos de gênero, me encontrei, fui acolhida, respeitada e de certa forma, aprofundei meu letramento de gênero ao desconstruir estereótipos de gênero e compreendendo as diferentes identidades de gênero e orientações sexuais. Na realidade essa relação já estava posta desde 2015, mas por eu não estar no movimento LGBTI+ não vivíamos tão próximos, como atualmente. Meu orientador se tornou meu mentor nestes últimos quatro anos de convivência humana. Na imagem a seguir nós num evento de miss gay, com outra amiga e ele presente como jurado.

Imagem 6: Concurso Miss Gay Tocantins 2015



Fonte: Acervo pessoal da autora.

Nunca participei de forma muito ativa na militância, mas nunca descreditei que é necessário militar. Sempre procurei participar dos movimentos e eventos que são realizados na

cidade de Palmas - TO, tentando contribuir, mesmo que fosse de forma mínima, para o movimento trans no estado.

Uma frase que marcou muito minha vida, foi a de Simone de Beauvoir: “Ninguém nasce mulher, torna-se”. Continuo em uma busca constante em tornar-me uma mulher. Ser mulher é compreender que ainda somos inferiorizadas em relação aos homens em pleno século XXI. É lutar diariamente por respeito, por não ser sexualizada e nem mesmo tocada em um transporte público. É ocupar espaços, vencendo diariamente o machismo.

Eu nunca deixarei de ser uma pessoa transgênero. Faz parte do que eu sou, e a transição me marcará para todo o sempre. Quero ser reconhecida por ser uma mulher trans. Quero reconhecimento e ser pioneira, abrindo portas para que outras mulheres e homens transgênero possam vir a realizar seus sonhos, sem que o preconceito seja uma sombra, que não tenhamos a expectativa de vida em apenas 35 anos, não chegando nem à metade da expectativa de vida para pessoas cisgênero.

Nunca consegui me encaixar no padrão imposto. Nunca me senti uma pessoa homossexual. Ser trans é ser totalmente diferente. Não nos adequamos ao corpo que temos, aos símbolos, signos e significados que nos são impostos ao nascer. Por isso passamos a vida toda em uma busca da transição corporal, que nos adeque e nos permita sentir-se bem ao nos olharmos no espelho.

A sociedade brasileira é falocêntrica. Como Freud e Lacan já apontavam. Tudo se concentra no patriarcado e no determinismo biológico. Tudo que se distancia do masculino é inferiorizado. As mulheres cisgênero recebem desde a tenra infância brinquedos que simulam a preparação para cuidar da casa, fazer comida, cuidar de filhos, ou seja, estar submissa ao homem, que é o provedor de tudo.

A misoginia atinge as pessoas desde a primeira infância, estando implantada nas escolas. Meninas que jogam futebol sofrem preconceitos, xingamentos, por gostarem de um esporte, que por décadas é algo relacionado diretamente aos homens. Até mesmo no campo profissional, o futebol masculino é muito mais valorizado que o feminino.

Não somente nos esportes, mas em todos os lugares e esferas as mulheres são desvalorizadas. Então, por que alguém que nasceu com o sexo biológico masculino deseja tanto tornar-se mulher? Principalmente no Brasil, o país mais preconceituoso com as pessoas transgênero, que nos consideram uma espécie inferior, um terceiro sexo.

Mas apesar disso, a transição é algo que me orgulha, que me identifica com outras pessoas na mesma situação, somos resistência! É ressignificar, atribuir novas visões e vertente, romper com uma visão única e perpetuada por séculos. É a implicação, o que me torna parte

desta pesquisa. Por mais que eu seja colocada à parte, que elas [travestis e transexuais] considerem que sou privilegiada, isso não me torna diferente delas.

Houve também quem me aconselhou a não fazer o processo de transição. Que eu enfrentaria maiores dificuldades e preconceitos. E essas pessoas estavam corretas. O processo de transição não é algo fácil, passei por uma enxurrada de críticas. Críticas que enfrento até hoje, por agora ter a identidade feminina, como o cuidado em usar roupas curtas, decotes, o jeito que falo, ou que me comporto. O que mais me impressiona é que as críticas vêm quase que sempre de mulheres cisgênero. Acredito que elas reproduzem o discurso que ouvem desde a infância.

Por fim, a heteronormatividade perpassou toda minha vida, da infância à fase adulta. A pressão e imposição por um padrão afasta as pessoas da vida social. Em vários dos locais que frequento sou a única pessoa transgênero. Onde as pessoas transgênero estão? Por que estou sozinha em espaços considerados públicos? A hegemonia masculina segrega e mata, afinal estamos no país que mais mata travestis e transexuais no mundo inteiro.

2 INTRODUÇÃO: A PARTIDA DA LUA

“Nossa maior vingança será envelhecer.
Qualquer travesti que passe dos 35 anos
estará se vingando desse CIS-tema.”

Keila Simpson
Presidenta da ANTRA
(ANTRA, 2022).

A concepção latino-americana de transexualidade permeia as questões políticas no Brasil. E no governo Bolsonaro do PL (2019 - 2022), ser LGBTI+ foi uma questão muito combatida, em seu viés negativo, quando repetidas vezes se falou da então chamada “ideologia de gênero”, que passou a ser contratada com outra falácia a “ideologia de gênese” – a bíblica, a evangélica. Por muitos e muitos anos, as pessoas transgêneros foram e continuam sendo marginalizadas, tendo seu acesso à cidadania básica negado, por fato do preconceito social. Assim, analisaremos neste texto os impactos da segregação de nós pessoas Trans, nossas dificuldades e desafios durante o percurso de formação escolar.

Estamos e vivemos a Amazônia e quando fazemos um recorte regional, temos dificuldades de sobrevida ainda mais agudizadas. No âmbito escolar, os desafios são constantes das pessoas Trans, no que se refere ao acesso e permanência nós temos muitas barreiras sociais, culturais e de aceitabilidade, inclusive devido nossos corpos: o corpo Trans.

A Associação Nacional das Travestis e Transexuais (ANTRA), no dossiê de 2022, demonstrou que entre os anos de 2017 e 2021, aconteceram 781 assassinatos de pessoas Trans, sendo 10,5% na região Norte (ANTRA, 2022). Isso demonstra que a violência de gênero ainda é algo muito forte no Brasil.

Apesar da maioria dos crimes estar concentrada na região Sudeste, os assassinatos ocorrem em todas as regiões do Brasil. Por mais de 13 anos seguidos o Brasil é líder nos assassinatos de pessoas transgênero, fato que obriga muitas de nós a procurarem melhores condições de vida em outros países, principalmente no continente europeu.

Las personas trans migran para encontrar mayor libertad y respeto para expresar y vivir sus identidades de género y sexualidad, pero también buscan – simultáneamente – un escenario económico beneficioso para desarrollar una actividad laboral. En el caso de las travestis brasileñas, el trabajo sexual es una fuente de ingresos muy importante tanto por las ganancias económicas que conlleva, como por ser un elemento fundamental del proceso de construcción de las travestilidades (Vartabedian, 2014, p. 283).

Em meio as dificuldades que permeiam a questão da autoaceitação, aceitação familiar, os processos educativos, analisaremos neste trabalho as relações entre as vivências transgênero e a escola, principalmente na Amazônia tocantinense, quando enfrentamos dificuldades relacionadas ao uso do nome social, acesso a banheiros e vestiários adequados, o *bullying* homotransfóbico, a discriminação por parte de colegas e até mesmo dos professores heterossexuais.

Na região da Amazonia Tocantina, percebemos através de trabalhos como o das professoras Bruna Irineu e Cecilia Froemming, que existem obstáculos para as pessoas transgênero nas escolas. Fato a ser ressaltado, que no trabalho investigativo, as professoras verificaram que existe uma culpabilização dos alunos transgênero pelo preconceito que sofrem.

Outras duas escolas propuseram projetos de intervenção cujos objetivos eram de “auxiliar” pessoas que se declaram com uma orientação sexual LGBT. Em um destes projetos, o objetivo era: “construção de uma postura para não agredir os demais com exageros” [...]. Este retrata a preocupação do grupo com uma aluna travesti que se vestia condizente com o gênero ao qual pertence: como uma mulher. As professoras diziam durante o curso que as agressões verbais que ela sofre; assim como todas as travestis, segundo elas; são motivadas pela forma como se vestem e pelo seu comportamento. Portanto, para este grupo de pessoas, a motivação para a agressão por parte das pessoas heterossexuais da escola era plenamente justificada. Este grupo também pretendia realizar um levantamento de quantas pessoas LGBT tinham na escola, e qual os impactos da homofobia na vida do indivíduo (Irineu; Froemming, 2012, p. 92, 93).

Isso apenas reforça a dura realidade e o estigma que as pessoas trans passam diariamente. Segundo dados da Secretaria de Educação do Tocantins, informados através da Ouvidoria do órgão, que no ano de 2022, os alunos matriculados na rede que utilizavam o nome social eram de 01 na cidade de Lajeado, 05 em Palmas, 01 em Rio Sono, 01 em Santa Tereza do Tocantins, 01 em Carrasco Bonito, 01 em Ponte Alta do Tocantins, 01 em Porto Nacional, 01 em Pedro Afonso, 01 em Guaraí e 04 alunos em Araguaína, totalizando 17 alunos.

De acordo com o IBGE, em 2021, o Tocantins tinha como população total estimada em 1.607.363 pessoas. Em mais de um milhão e meio de pessoas residentes, apenas 17 alunos se reconhecem como transgênero? Ou possuem sua identidade negada através da normatização dos corpos? São perguntas que ponderaremos neste trabalho, afinal é evidente que existe um silenciamento das identidades e corpos transgênero, sendo preciso verificar suas causas e como isso influencia na formação das pessoas “T”.

Em um estado composto por pessoas oriundas de diversos estados e regiões do Brasil, existe uma pluralidade de culturas. Pessoas de toda sorte de credo, etnia, identificações sociais diversas. Com toda certeza, o estado também se constitui por pessoas com várias orientações e identidades sexuais.

Mas, os preconceitos e dificuldades que as pessoas trans passam são semelhantes em qualquer região do Brasil. Em todo o país, apenas 0,1 % dos estudantes universitários são pessoas trans. Oitenta e dois por cento das pessoas transgênero que iniciam seus estudos no ensino superior, desistem durante o percurso (OAB, 2019).

Essa evasão faz com que as pessoas transgênero procurem alternativas para obter sustento, em sua grande maioria, através da prostituição. Sendo marginalizadas pela sociedade, muitas caem no uso de drogas, tornando – se dependentes químicos. Quando não estão na prostituição, outras optam por trabalhar com estética e beleza.

No ano de 2016, em um decreto inédito (Decreto nº 8727), a presidenta Dilma Rousseff sancionou o direito ao uso do nome social na administração pública federal, vedando o uso de palavras ou nomes discriminatórios para as pessoas transgênero. O decreto ressaltou a importância de considerar a identidade de gênero como uma representação social, descartando a relação com o sexo biológico.

Em 2015, a Universidade Federal do Tocantins, foi a 25ª instituição federal a possibilitar o uso de nome social aos alunos, com a Portaria Normativa nº402 de 04 de março de 2015 com finalidade de permitir o acesso, permanência e o sucesso no processo educacional.

Mas apenas em 2018 foi regulamentado o uso do nome social para estudantes transgênero na educação básica, através da Resolução nº 01, do Conselho Nacional de Educação, de 19 de janeiro de 2018, que destaca:

[...]CONSIDERANDO que o pressuposto da legislação, ao possibilitar o nome social aos com maioridade legal, após uma década, não logrou inteiramente os objetivos de impedir a evasão escolar, decorrente dos casos de discriminação, assédio e violência nas escolas em relação a travestis e transexuais, mesmo com legislações específicas emitidas pela ampla maioria das secretarias estaduais de educação. [...]

CONSIDERANDO a discriminação aos estudantes LGBTI nas escolas brasileiras em função de suas identidades de gênero e o impacto positivo que o nome social pode representar em suas vidas, resolve:

Art. 1º Na elaboração e implementação de suas propostas curriculares e projetos pedagógicos, os sistemas de ensino e as escolas de educação básica brasileiras devem assegurar diretrizes e práticas com o objetivo de combater quaisquer formas de discriminação em função de orientação sexual e identidade de gênero de estudantes, professores, gestores, funcionários e respectivos familiares.

A resolução reconhece a evasão escolar motivada por preconceitos, estendendo aos alunos menores de idade, a possibilidade de solicitar o uso do nome social, para que possuam direitos semelhantes aos colegas cisgênero.

O processo de ensino – aprendizagem é ainda mais complexo quando levamos em conta as diferenças entre os alunos. A professora, teórica feminista e ativista bell hooks, em seu livro *Ensinando a transgredir* (2017), apresenta a reflexão:

Mas o entusiasmo pelas ideias não é suficiente para criar um processo de aprendizado empolgante. Na comunidade da sala de aula, nossa capacidade de gerar entusiasmo é profundamente afetada pelo nosso interesse uns pelos outros, por ouvir a voz uns dos outros, por reconhecer a presença uns dos outros. Visto que a grande maioria dos alunos aprende por meio de práticas educacionais tradicionais e conservadoras e só se interessa pela presença do professor, qualquer pedagogia radical precisa insistir em que a presença de todos seja reconhecida. E não basta simplesmente afirmar essa insistência. E preciso demonstrá-la por meio de práticas pedagógicas. Para começar, o professor precisa valorizar de verdade a presença de cada um. Precisa reconhecer permanentemente que todos influenciam a dinâmica da sala de aula, que todos contribuem. Essas contribuições são recursos. Usadas de modo construtivo, elas promovem a capacidade de qualquer turma de criar uma comunidade aberta de aprendizado. Muitas vezes, antes do processo começar, é preciso desconstruir um pouco a noção tradicional de que o professor é o único responsável pela dinâmica da sala (Hooks, 2017, pg. 17 e 18).

Isso apenas reforça a necessidade de toda a comunidade escolar desenvolver um trabalho direcionado ao acolhimento e acompanhamento dos alunos transgênero. E não apenas centrar a responsabilidade nos professores, mas partindo de uma pedagogia libertadora, rompendo com os padrões do tradicional.

Outro fato a ser ressaltado é que a pedagogia atravessa os muros da escola. Existem os conhecimentos empíricos, que refletem o que acontecerá em sala de aula. Cada aluno tem suas particularidades, religiões, formas de criação, que o tornam um ser único e individual. Mas também existem as reproduções sociais, em que os padrões são reproduzidos e perpetuados pela sociedade. A reafirmação dos preconceitos, das diferenças de gênero, estão presentes em todas as escolas (Alós, 2011).

Quando a educação e a sexualidade esbarram uma na outra, formando o pantanoso terreno que responde por educação sexual, torna-se comum ouvir coisas do tipo: “não sei nada sobre educação sexual”, “ignoro como trabalhar com esta questão” ou simplesmente “não quero falar disso”. Quando um professor fala algo como esses enunciados, poderá ser porque ele simplesmente desconhece as questões de educação sexual? Ou será porque ele é apenas incompetente para trabalhar com educação sexual (não no sentido pejorativo, mas apenas sem a devida competência)? Será que, por trás dessa “ignorância”, esconde-se um saber de outro tipo? Ou será que, na oposição entre conhecimento e ignorância, a ignorância seja apenas ausência de conhecimento ou talvez seja um tipo específico

de conhecimento sobre a sexualidade e as diferenças de gênero? (Alós, 2011, p. 422 e 423).

A partir disto, infere-se que as questões de gênero na escola não são trabalhadas efetivamente, pois a maioria dos professores ou se recusa a falar sobre o assunto, ou direcionam essa pauta para as famílias. No Tocantins, não há qualquer menção sobre trabalhar gênero e sexualidade no Documento Curricular Tocantinense (DCT).

As escolas silenciam o comportamento dos seus alunos, invisibilizando as individualidades, desde a educação básica ao ensino superior. Todo o fazer pedagógico é normatizado por documentos, com a premissa que as escolas podem adaptar seus currículos, o que não é realizado em todas as escolas.

Arroyo explica o porquê de as escolas terem tomado este caminho:

A mercantilização da educação e o submetimento da ciência, das instituições do conhecimento à lógica da reprodução de capital e a redução das pedagogias à capacitação para a empregabilidade. Currículos e pedagogias para domínios de competências, avaliações de resultados toraram as instituições educacionais, os currículos e as pedagogias mais rígidos, mais conservadoras, consequentemente territórios de disputas políticas, mais acirradas porque mais fechadas aos coletivos populares, aos trabalhadores (Arroyo, 2012, pg. 33 e 34).

Ainda assim, algumas escolas têm se aberto às novas possibilidades, valorizando os alunos como sujeitos sociais, com outros conhecimentos e outras vivências. Alunos estes que participam de espaços em que lutam por sua equidade social, engajados e politizados, que participam de movimentos sociais de resistência.

Não se pode pensar apenas em políticas que venham a suprir carências momentâneas. Isso reduz muito e mascara a realidade. Por exemplo, existe a política do nome social para as pessoas transgênero, nas esferas educacionais. Mas esta política por si só, não garante que não haja evasão. Arroyo (2012), ainda demonstra:

Os Outros em suas ações coletivas não se reconhecem nessas formas de pensá-los como desiguais apenas em condições de vida ou em valores. Quando defendem a igualdade levam suas lutas mais a fundo, igualdade no ser, no viver, no ser reconhecidas como humanos, não desiguais porque inferiores, sub-humanos. Nessas desigualdades mais radicais foram produzidos porque diversos, em raça, etnia, gênero, orientação sexual, campo, periferia. Desigualdades mais radicais do que nas condições de vida e nas carências morais. Os coletivos levam os embates, contestam essas formas superficiais de pensá-los em que se legitimam as formas históricas de classificá-los e as políticas e as pedagogias de tratá-los e educá-los (Arroyo, 2012).

Assim, os grupos minorizados sempre reagirão à uma pedagogia compensatória, que age de forma a moralizar, partindo para uma pedagogia baseada nas diferenças e na afirmação

social. Mesmo que sejam desprovidas de níveis educacionais elevados, as pessoas transgênero, são conscientes de seu lócus social e politizadas perante as questões relacionadas a elas.

3 GUIA ESTELAR

3.1 O/A (SER) PESSOA TRANSGÊNERO

3.1.1 As travestilidades versus transgeneridades

Existem muitos equívocos quando nos referimos às pessoas transgênero. Algumas pessoas podem pensar que são gays vestidos de mulheres, ou então lésbicas masculinizadas. No entanto, existem muitas diferenças e categorizações das pessoas transgênero. Essas categorizações são realizadas de maneira identitária.

É totalmente natural não haver um entendimento único pois existem várias interpretações e concepções acerca das identidades de gênero. Alguns autores conceituam a travestilidade como resistência social e política.

Entretanto, a transexualidade, e a travestiilidade fazem parte da performatividade de gênero (Butler, 2003). Em geral as pessoas que se denominam transexuais buscam adequar sua aparência física ao sexo que se identificam mentalmente.

Entre as próprias pessoas travestis, há um consenso quanto à transexualidade em que muitas acreditam que só se tornaram mulheres ou homens quando fizeram a cirurgia de redesignação sexual, mas muitas pessoas transexuais não se consideram travestis enquanto não fizeram a cirurgia de resignação de gênero. Segundo Barbosa (2010):

Tais definições são consideradas por muitos como as corretas quando nos referimos à pessoas que praticam transformações de gênero. Segundo tais definições a principal diferença entre travestis e transexuais reside na relação de cada uma com seu órgão genital pênis. Enquanto transexuais sentem repulsa e reivindicam a cirurgia de transgenitalização, travestis convivem satisfatoriamente, não reivindicando assim a construção de uma neovagina (Barbosa, 2010, p. 3).

Dentro da categoria de pessoas transgênero, a orientação sexual pode ser diversa. As pessoas transgênero podem ser heterossexuais (quando se atraem pelo sexo oposto fecha parêntese, podem ser bissexuais (quando se atraem sexualmente pelos gêneros masculino e feminino ou homossexuais quando se atraem sexualmente pelo mesmo sexo). É bastante ofensivo quando as pessoas que completam sua transição são chamadas de acordo com o seu sexo biológico, e se enquadra dentro da transfobia.

Entretanto, na visão geral das pessoas, todas as pessoas transgênero estão dentro de uma mesma categoria e são vistas como prostitutas. Até mesmo as pessoas transexuais são advertidas ao longo da vida para não fazerem cirurgias "para que não venham a se arrepender".

3.1.2 Adolescências trans

Adolescer não é um processo fácil. Passamos por uma chuva de hormônios, que deixam nossas emoções à flor da pele. Deixamos de gostar de coisas que habitualmente adorávamos, passamos a considerar coisas de crianças e coisas de adolescentes. A forma com que vemos as pessoas se torna diferente.

Os amores platônicos passam a tomar novas formas, e percebemos os corpos de uma forma mais voluptuosa. Muitos jovens começam a descobrir seus gostos pessoais, em relação aos prazeres, por conta da masturbação. Enquanto alguns sentem vergonha do ato, que é um assunto que não se pode mencionar em lugar algum, nem nas rodas de amigos, outros se deleitam e se entregam ao prazer quando descobrem que seus órgãos não servem apenas para excreção de dejetos.

Entretanto, para uma pessoa que possui disforia de gênero, até o simples ato de se masturbar é algo muito difícil. A rejeição dos órgãos sexuais permeia toda a infância, adolescência e a vida adulta. Quando não possui o devido apoio familiar e orientação, a pessoa se fecha para o mundo e para as relações.

Algo que também acontece com muita frequência é o *bullying*. Todos os adolescentes que não se enquadram nos padrões são xingados, colocados à parte, excluídos, como se já fosse uma preparação para a sua vida adulta. Pois adolescentes transgênero já passam pelo preconceito desde quando ainda não assumem publicamente sua transexualidade.

Até mesmo na cinematografia brasileira, as adolescências trans foram retratadas. Nos filmes *Alice Junior* (2019) e *Valentina* (2020), as duas protagonistas, que são adolescentes trans, são retratadas com seus desafios e vivências diárias em suas vidas pessoais e na escola, com dificuldades como o uso do nome social, mesmo garantido em quase todo o território nacional.

Em *Alice Junior* (2019) a protagonista se vê obrigada a mudar para uma cidade do interior, já tendo sua transexualidade aceita por seu pai. Entretanto, a jovem passa por muitos preconceitos ao encontrar uma sociedade completamente retrógrada e misógina.

Valentina (2020) tem quase o mesmo pressuposto, porém foca bastante nas vivências escolares da jovem, que não possui os documentos retificados e precisa de uma autorização de seu pai, que não tem um contato próximo, para utilizar seu nome social na escola.

As duas situações abordadas nos filmes podem se transpor para a vida real de uma adolescente transgênero. Nos filmes, as protagonistas têm apoio familiar apesar das dificuldades diárias. Na vida real, tudo acontece muito diferente. A maior parte não tem apoio da família, saem cedo de casa para encarar uma vida que em muitas das vezes não é fácil.

Não apenas as dificuldades externas, mas também as dificuldades internas fazem da adolescência trans um verdadeiro pesadelo. As mudanças corporais que acontecem em todos, como a mudança de voz, aparecimento de pelos pubianos, crescimento das mamas, podem ser exemplos de coisas assustadoras para quem não se reconhece em seu próprio corpo.

É a partir dessas mudanças, e na tentativa de retardá-las, que muitas jovens travestis e transexuais dão início à hormonização, sem a devida supervisão médica. Para uma adolescente *Male to female* (Masculino para feminino, tradução livre), no Brasil, o acesso aos medicamentos é mais fácil, pois muitas tomam anticoncepcionais, que são vendidos livremente nas farmácias.

Para um adolescente *Female to male* (Feminino para masculino), a hormonização é mais difícil, pois, na maioria das vezes é realizada com esteroides, que são vendidos com retenção de receita. Esse fácil acesso para as mulheres trans, permite as mudanças corporais, contudo, com inúmeros riscos, como disfunção hepática, trombose e até mesmo acidente vascular cerebral.

Toda a experiência de uma pessoa transgênero parte da transição de um corpo que não condiz com a mente. As experiências escolares são estressantes para uma pessoa “T” mesmo que ainda não tenha feito a transição. Larossa (2002) cita que o sujeito da experiência:

O sujeito da experiência é um sujeito “ex-pos”. Do ponto de vista da experiência, o importante não é nem a posição (nossa maneira de pormos), nem a “o-posição” (nossa maneira de opormos), nem a “imposição” (nossa maneira de impormos), nem a “proposição” (nossa maneira de propormos), mas a “exposição”, nossa maneira de “ex-pormos”, com tudo o que isso tem de vulnerabilidade e de risco. Por isso é incapaz de experiência aquele que se põe, ou se opõe, ou se impõe, ou se propõe, mas não se “ex-põe”. É incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre (Larossa, 2002, p. 24, 25).

Quando não há uma passabilidade, as pessoas trans são “ex-postas”. Sempre haverá algo que insinuará que não nasceram no gênero a que expressam. Entretanto, podem ser características percebidas em pessoas que se identificam com seu gênero. Para exemplificar, uma mulher trans pode ser alta e calçar o número 42. Uma mulher cis, também pode ser alta e calçar o número 42 (padrão brasileiro de calçados). Mesmo que não esteja no padrão social, isso não a torna menos mulher.

E nem toda pessoa passável está isenta de sofrer o que uma pessoa não passável vivência. As experiências estão interligadas. Existem inúmeros casos de mulheres trans redesignadas que são abandonadas por seus parceiros quando estes descobrem “seu passado”.

A experiência da transexualidade não pode se apagar. Podem ser feitas inúmeras cirurgias, como a feminização facial, mas sempre haverá uma marca que ali houve uma mudança. E não apenas marcas físicas, como também marcas psicológicas, independentemente de como tenha sido feita a transição.

3.2 INTERSECCIONALIDADE

O conceito de interseccionalidade, pode ser definido como revela a pesquisadora Carla Akotirenne (2019), como a “inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado”. Pessoas transgênero, pessoas negras, mulheres cisgênero, também estão sujeitas às marcas de classe e da heteronormatividade.

É como Fátima Lima (2018), aponta que

Negras/os, transexuais, sapatões, afeminadas, machonas, putas e travestis constituem corpos subjetividades privilegiados nas relações de poder, nas violências, assujeitamentos e opressões, em que uma necroeconomia da matabilidade (vidas que se tornam cada vez mais matáveis), um necropoder (poder de morte) e uma necropolítica (política da morte) (MBEMBE, 2018) infelizmente vão colocando em degradês econômicos as vidas que são mais possivelmente matáveis ou mais matáveis do que outras. Em nenhum momento estou afirmando ou tomando esses modos de vidas como iguais. Pelo contrário, é na força de suas diferenças e diferentes modos de ser e estar nos mundos que pode residir um comum: marcadores categoriais e dinâmicos como raça, gênero, sexualidade, território, classe, entre outros, interseccionados, vão compondo uma gramática em que a política da matabilidade opera ações cotidianas (Lima, 2018, p.74).

A exclusão é o marcador comum para interseccionalizar as diferenças. Mesmo em diversos contextos, há inúmeras semelhanças nas tentativas de silenciamento e apagamento dos grupos considerados subalternizados. Marcadores como gênero, sexualidade, escolaridade, são fatores comuns que se perpassam nas tratativas, principalmente quando falamos de violência.

Mesmo se atravessando em um denominador comum, são perspectivas singulares e cada uma tem a sua devida importância. Não se pode exaltar uma em detrimento da outra. É preciso acabar com a ideia de uma democracia perfeita no Brasil, em que todos os cidadãos são beneficiados por políticas públicas que os atendem em sanar suas necessidades. Principalmente para as pessoas transgênero há um grande trabalho a ser realizado.

Os movimentos sociais, bem como as organizações da sociedade civil têm pressionado os governos em suas esferas, para a produção de leis e políticas que atendam às necessidades. Entretanto, o fundamentalismo religioso faz parte da necropolítica que tenta apagar as populações transgênero, como a fala de Thatiane Dias presente no trabalho da professora e pesquisadora Silvia Aguião (2014)

A nossa população é mais vulnerável e merece uma atenção especial porque nos ceifaram o direito à família. Quando a família não nos compreende, nos expulsa de casa. Em contrapartida, não temos direito de ser travesti ou transexual dentro de uma escola, então tiram um segundo seio de formação para a vida, que é a escola. E só nos sobra a esquina da rua, que é perversa. O mesmo que paga à noite o programa com a gente recrimina de dia, não dá emprego, não dá oportunidade e, diante disso, somos os mais vulneráveis (Aguião, 2014, p. 99).

As pessoas transgênero podem vir a se sentirem inferiorizadas, não encontrando outras semelhantes em suas comunidades, como se estivessem enfraquecidas na luta pela resistência, passando por outros problemas e preconceitos de forma interseccional. Para enfrentar a segregação imposta pela sociedade, essas pessoas precisam de apoio, principalmente no âmbito familiar e profissional.

Cada pessoa tem sua singularidade e vivências próprias, mas quando há um denominador comum, passa a fazer parte, mesmo que inconscientemente de alguma classe. Quando transexuais binárias assumem sua identidade feminina, tornam-se mulheres, passando a estar sujeitas aos mesmos desafios que as outras enfrentam, como por exemplo o machismo.

Tanto que as questões de gênero causam certa repulsa, devido ao fato que as mulheres sempre foram silenciadas em toda a história, sendo inferiorizadas até mesmo atualmente, vide os índices de violência familiar, desempregabilidade, e diferenciação salarial (Pordeus; Viana, 2021).

A sexualidade está intrinsecamente ligada à essa relação de subjetivação. As mulheres, em seu silenciamento histórico, ainda são repreendidas caso falem abertamente sobre sexo. Se tiverem uma sexualidade mais aflorada, são inferiorizadas, até mesmo por outras mulheres, que reproduzem discursos machistas.

Essa construção social permeia por décadas. Quando as pessoas transgênero rompem os paradigmas acerca das construções existentes, causa revolta nas pessoas de opinião mais conservadora, com discursos sobre a imutabilidade do gênero, com discursos ligados a partes específicas da biologia, ou com a possibilidade de transformar crianças e jovens em pessoas transgênero, ignorando que cada pessoa traz consigo uma performatividade de gênero (Butler, 2011).

Em todo o Brasil, a média de pessoas transgênero que obtém renda exclusivamente da prostituição é de 90%. Isso apenas demonstra que as empresas não têm o mínimo interesse de empregar pessoas consideradas “diferentes”. A discriminação se acentua quando falamos de pessoas LGBTQIA+ negras, principalmente de classe social considerada como média.

Em sua maioria, as pessoas transgênero lidam com dificuldades no seio familiar, nas relações de trabalho, na escola, e na vida social. Para Bento (2009)

A descoberta do corpo sexuado é um momento de atribuição de sentido para as várias surras, insultos e rejeições familiares. Ter um/a pênis/vagina e não conseguir agir de acordo com as expectativas, ou seja, não conseguir desenvolver o gênero “apropriado” para seu sexo, é uma descoberta vivenciada com grande surpresa para alguns/algumas (Bento, 2009, p. 97).

Nos estudos de gênero, estão listadas mais de 31 manifestações distintas. A perseguição LGBTfóbica da bancada evangélica se estende até as escolas, quando se excluem os estudos de gênero alinhados aos currículos escolares. Com toda a falácia e manifestações preconceituosas do antigo (des)governo, essas marcas ainda estão sendo refletidas na sociedade brasileira.

As estatísticas mostram que houve o aumento da violência contra mulheres, ainda há diferenciação salarial entre homens e mulheres, chegando a variar em 20%. Também há o preconceito interseccional contra pessoas pretas e LGBT, principalmente quando fazemos um recorte para as pessoas transgênero, que ainda em 2022, por 14 anos consecutivos o Brasil é líder nos assassinados de pessoas “T”.

Sobre o acesso e a permanência das pessoas “T” no mercado de trabalho, Pordeus e Viana (2021) apresentam uma grande problemática:

Se já é difícil uma pessoa transexual ou transgênero conseguir adentrar o mercado de trabalho, imagine-se quão desafiadora se mostra nele permanecer diante de pessoas que a agridem verbalmente no dia a dia laboral. No Brasil, cerca de 40% da comunidade LGBTQIA+ já sofreu discriminação no ambiente de trabalho e aproximadamente 90% dos travestis afirmam permanecer na prostituição por não serem absorvidos pelo mercado de trabalho, mesmo apresentando qualificação para exercer grande parte das profissões formais. A discriminação de gênero ocorre em todas as esferas sociais, porém, quando afeta as condições financeiras de populações específicas, isso precariza seus modos de vida. Em suma, hodiernamente, as empresas ainda não proporcionam oportunidades de atuação ativa e visibilidade social à comunidade LGBTQIA+ (Pordeus; Viana, 2021, p.124).

Essa rejeição às pessoas transexuais influencia diretamente em outros aspectos da sociedade, pois muitas entram para a criminalidade, criando ônus para o Estado, com prisões e processos. Não é raro ver uma pessoa transgênero em um noticiário sendo presa, por ter “cobrado o dinheiro do programa” quando muitos dos clientes se recusam a pagar, achando que

as pessoas transexuais fazem programas por perversão sexual, mas a realidade é que para muitas é a principal fonte de renda.

No estudo de Alcantara *et al.* (2022) evidenciou-se que

Dos estudos, 92% mostraram que se torna necessário pensar em políticas públicas direcionadas, traçando relação entre o campo das políticas públicas e da perspectiva intersetorial, além de problematizar as estratégias necrobiopolíticas nos espaços institucionais. Todos os artigos abordaram a interseccionalidade, evidenciando que posições sociais marginalizadas eram estruturalmente produzidas nas interseções de cor, etnia, cidadania, gênero, sexualidade, idade, deficiência e classe. Notou-se claras ligações entre a interseccionalidade e a piora dos marcadores de discriminação em geral que geram graves prejuízos (Alcantara et al, 2022, p. 6).

As estruturas do poder que causaram a dificuldades que as pessoas transgênero vivem. Pela reprodução e perpetuação do discurso de segregação, falocentrismo, rejeição no mercado de trabalho. A expectativa de vida de uma pessoa transgênero é de 35 anos, e quando esta pessoa é preta, a expectativa cai ainda mais.

3.3 AMAZÔNIA, TOCANTINS E SEU CONTEXTO EDUCACIONAL

A Amazônia legal compreende quase 60% do território nacional e integra a maior parte da floresta amazônica. É composta de nove estados, sendo eles: Amazônia ocidental: Acre, Amazonas, Rondônia e Roraima; Amazônia Oriental: Amapá, Tocantins, Pará Maranhão e parte do Mato Grosso.

Com a lei nº 1806/53, se estabeleceu o plano de valorização econômico da Amazônia. Isso tornava claro o plano de desenvolvimento da região, não de uma perspectiva geográfica, mas política. Em 05 de outubro de 1988, o estado do Tocantins foi criado, sendo integrado à região, como Estado Federado.

O conceito de Amazônia Legal, surgiu, pela:

“necessidade de planejar o desenvolvimento econômico da região e, por isso, não se resumem ao ecossistema de selva úmida, que ocupa 49% do território nacional e se estende também pelo território de oito países vizinhos. Os limites da Amazônia Legal foram alterados várias vezes em consequência de mudanças na divisão política do país.” (IPEA, 2008).

Sua composição abriga diversos biomas e vasta biodiversidade que contribui diretamente para a manutenção dos ecossistemas globais. A região também possui uma rica diversidade cultural, dada a grande variedade de etnias dos povos indígenas, bem como os migrantes de outros estados.

Com tanta riqueza, a região é alvo de exploração ilegal. Grandes áreas sofrem com o desmatamento desenfreado, a mineração sem regulamentação e principalmente o conflito por terras entre pecuaristas e as populações tradicionais e indígenas. Com a construção dos primeiros eixos rodoviários, a exemplo a rodovia Belém-Brasília, a ocupação da região tornou-se prioritária a partir dos anos 1970 (Maurano; Escada; Renno, 2019).

O Tocantins ainda é o estado mais novo do Brasil, sendo criado no ano de 1989. Ele é o território do antigo norte goiano, e possui 139 municípios. O estado foi criado através da separação do norte goiano. Segundo o último censo, o Tocantins tem 1.511.459 habitantes (IBGE, 2022). Também é localizado no estado, o centro geodésico do Brasil.

Durante o ano de 1989, a cidade de Miracema, foi a sede provisória do governo. Mas com a criação da cidade de Palmas, a sede foi transferida para a mais nova capital. A capital foi planejada, localizada à margem direita do rio Tocantins. Projetada com ruas e avenidas largas, tem alto potencial turístico, sendo o principal ponto de partida para os turistas que chegam ao estado para visitar a região do Jalapão.

O Tocantins possui 139 municípios. A capital, Palmas, abriga diversos centros universitários, faculdades, em destaque a Universidade Federal do Tocantins, que foi criada no ano de 2003, bem como o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia, que foi criado em 2008. O estado é banhado pela bacia Tocantins – Araguaia, possuindo abundância de recursos hídricos, e diversas usinas hidrelétricas.

A região do Jalapão, que abriga a maior área de cerrado preservado do Brasil, possui mais de três milhões de hectares, com serras, chapadões, dunas, fervedouros e cachoeiras. Também é berço do capim dourado, que é utilizado na confecção de biojoias. O Parque Estadual do Cantão tem 843 lagos que abrigam uma fauna composta de diversas espécies de peixes, ariranhas, jacarés e outras espécies.

O lago de Palmas, é formado pela represa da Usina Hidrelétrica do Lajeado, sobre o rio Tocantins, na cidade de Lajeado. O lago concentra passeios de barcos turísticos, conhecidos pelos populares como “flutuantes”, bem como turismo de pesca. Palmas ainda tem como distrito, a região de Taquaruçu, que concentra as atividades de ecoturismo, com mais de 80 cachoeiras, com grutas, paredões de rocha, córregos e mirantes.

O estado do Tocantins ainda abriga cidades que são patrimônios históricos, como a cidade de Natividade, comunidades de povos tradicionais, quilombolas e reservas indígenas. O estado é formado pelo antigo norte goiano, sendo um estado federativo com a criação da Constituição Federal de 1988. Seu bioma principal é o cerrado, mas existem partes de transição com a Floresta Amazônica, principalmente mais próximo da região do Rio Araguaia.

Mas, as lutas para a separação do antigo norte goiano são anteriores à Constituição de 1988. Essa luta separatista vem desde os povos originários, muito antes da Independência do Brasil. A mineração era a principal atividade econômica da região, dando origem às cidades de Natividade, Almas e Arraias.

Com o final da exploração do ouro, o norte de Goiás ficou esquecido, os povos originários e indígenas lutaram pela autonomia política. Foi quando, no século XVIII, Joaquim Teotônio Segurado, incentivou a navegação pelo Rio Tocantins, para levar ouro à Lisboa, via Belém – PA.

No estado, a comunidade quilombola é forte presença, sendo mais de quarenta quilombos. Existem conflitos pela demarcação de terras, na região do Bico do Papagaio. Um dos principais, foi o que envolveu a presença marcante do Padre Josimo, culminando em seu assassinato.

Também a história das quebradeiras de coco, que resistem às tecnologias de extração do coco babaçu. Na pessoa de Dona Raimunda, que foi indicada ao prêmio Nobel da Paz, por sua luta pelos direitos das mulheres trabalhadoras rurais e extrativistas. Ela também recebeu, o título de doutora *honoris causa* pela Universidade Federal do Tocantins.

O estado tem uma grande diversidade cultural. Um exemplo disso, são as bonecas *ritxoko*, confeccionadas em cerâmica pela etnia karajá. Até mesmo a confecção destas bonecas, são feitas de mãe para filha, de geração em geração, sendo reconhecidas como Patrimônio Imaterial da Cultura Brasileira (IPHAN, 2012).

Imagem 7 – Bonecas Ritxoko.



Fonte: Acervo Funai (2022).

O capim dourado, por sua vez, é um elemento da natureza que já se tornou um símbolo da identidade cultural do Tocantins, apresentando a região tocantina, não só para o Brasil, mas

para todo o mundo. Esse capim nasce apenas nesta região, sendo trabalhado por artesãos quilombolas, e difundido para outras partes do Jalapão.

Imagem 8: Capim dourado e artesanato



Foto: Thiago Sá/Governo do Tocantins.

A região do Jalapão engloba alguns municípios, sendo eles: Mateiros, São Félix, Novo Acordo e Ponte Alta do Tocantins. Ocupa uma área aproximada de 34 mil km². Algumas de suas atrações são das dunas, que podem chegar até 30 metros de altura; fervedouros, que tem o fenômeno da ressurgência, impedindo o banhista de afundar, bem como fauna e flora exóticos. (Tocantins, 2023).

A capital, Palmas, tem apenas 34 anos de existência. Possui duas principais avenidas. A que divide a cidade em norte e sul, avenida JK (Juscelino Kubitschek), e a que divide a cidade em leste e oeste, avenida Teotônio Segurado. Possui além do Plano Diretor, que é a parte planejada da cidade, as regiões de Taquaralto e Aurenys, bem como dois distritos: Taquaruçu e Buritirana.

Com quase 1,6 milhões de habitantes, o PIB *per capita* do Tocantins é o 15º do Brasil. O estado apresenta uma taxa média de 11,4 anos de escolaridade, contra 11,3 a nível nacional.

A tabela abaixo mostra alguns dos índices educacionais do Estado do Tocantins:

Tabela 1 – Panorama educacional do Estado do Tocantins

IDEB – Anos iniciais do ensino fundamental (Rede pública) [2021]	5,1
IDEB – Anos finais do ensino fundamental (Rede pública) [2021]	4,8
Matrículas no ensino fundamental [2021]	227.743 matrículas

Matrículas no ensino médio [2021]	68.479 matrículas
Docentes no ensino fundamental [2021]	12.118 docentes
Docentes no ensino médio [2021]	4.863 docentes
Número de estabelecimentos de ensino fundamental [2021]	1.247 escolas
Número de estabelecimentos de ensino médio [2021]	347 escolas

Fonte: Adaptado de Tocantins: Panorama (IBGE, 2023).

No último IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), a cidade de Palmas, ficou em primeiro lugar nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano), e em segundo lugar nos Anos Finais do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano), entre as capitais brasileiras. Vale ressaltar que esse índice foi avaliado em um contexto pós-pandêmico, em que não houve reprovações.

No estado, 26 IES ofertam cursos presenciais e 44, EAD (esse tipo de IES cresceu 22,2% no mesmo período, 36 IES tinham cursos à distância em 2018). Para o Ensino Superior, o panorama do Tocantins é:

O estado possui a maior taxa de escolaridade líquida (que mede o percentual de jovens de 18 a 24 anos matriculados no ensino superior em relação ao total da população da mesma faixa etária) da região Norte, 23,4%, acima da média nacional (18,1%). Do total de alunos do ensino superior no estado, 54,7% têm até 24 anos, um dos menores índices do país. Com um PIB de 36 bilhões de reais e 15,2 mil concluintes no ensino médio, em 2019, o estado do Tocantins registrou quase 72 mil matrículas no ensino superior: 50,4 mil em cursos presenciais e 21,5 mil na modalidade EAD. 64,2% das matrículas totais (presencial e EAD) do estado estão em instituições privadas. Em relação às modalidades 70,1% das matrículas são em cursos presenciais (SEMESP, 2023).

Isso mostra que houve uma adoção significativa da modalidade EAD, o que pode indicar uma resposta para a demanda de flexibilidade de ensino. O PIB também indica que o estado tem um potencial de crescimento econômico contínuo. Mas não existem apenas cursos de instituições privadas. A luta pelo ensino superior gratuito vem ainda da década de 1990, com a possibilidade de privatização da Unitins (Universidade do Tocantins), que gerou uma forte mobilização social, com passeatas e até greve de fome, na busca do direito e acesso à educação.

A tabela abaixo apresenta a linha do tempo até a criação da UFT (Universidade Federal do Tocantins):

Tabela 2 – Cronologia do Ensino Superior público do Tocantins

<i>21 de fevereiro de 1990</i>	Criação da Universidade do Tocantins (Unitins) pelo Decreto nº 252/90 do Governo do Estado do Tocantins.
<i>06 de dezembro de 1996</i>	Lei nº 874/96 altera a Lei nº 873/96 e autoriza o Poder Executivo, na condição de constituidor, a promover a instituição da Fundação Universidade do Tocantins.
<i>1º de fevereiro de 2000</i>	Lei nº 1.126/2000 reestrutura a Fundação Universidade do Tocantins e adota outras providências;
<i>Início do ano 2000</i>	Estudantes criam o movimento SOS Unitins e passam a realizar diversas manifestações.
<i>31 de março de 2000</i>	Após passeata pela cidade e manifestação no Espaço Cultural de Palmas, estudantes da Unitins decidem entrar em greve.
<i>25 de abril de 2000</i>	Grupo de alunos inicia greve de fome para pressionar um acordo com o governo estadual.
<i>19 de junho de 2000</i>	Lei nº 1.160/2000 revoga a Lei nº 1.126/00, reestrutura a Fundação Universidade do Tocantins e adota outras providências.
<i>23 de outubro de 2000</i>	Lei nº 10.032/2000 cria a Universidade Federal do Tocantins.
<i>18 de abril de 2001</i>	É nomeada a primeira Comissão Especial de Implantação da Universidade Federal do Tocantins, por meio da Portaria de nº 717/2001.
<i>21 de junho de 2002</i>	Decreto nº 4.279/02 atribui à Universidade de Brasília (UnB) competências para tomar as providências necessárias à implantação da UFT. Professor doutor Lauro Morhy, na época reitor da Universidade de Brasília, é designado para o cargo de reitor pro tempore da UFT.
<i>17 de julho de 2002</i>	Firmado o Acordo de Cooperação nº 01/2002 entre a União, o Estado do Tocantins, a Unitins e a UFT, com interveniência da Universidade de Brasília, com o objetivo de viabilizar a implantação definitiva da Universidade Federal do Tocantins.
<i>15 de maio de 2003</i>	Implantação da UFT, com a posse dos primeiros servidores.

Fonte: Site oficial da UFT.

Desde então a UFT tem crescido bastante, com a implantação de diversos programas de ensino, extensão e pesquisa. Ressaltamos o Programa de Pós – Graduação em Educação (PPGE – UFT), que trouxe o Mestrado Acadêmico e Profissional em Educação para o campus Palmas, bem como o primeiro doutorado em educação do estado:

O curso de Doutorado em Educação na Amazônia, foi criado, então, em 2017 a partir da formação da rede Educante. Concluída sua elaboração/proposição foi submetida à Análise de Proposta de Cursos Novos (APCN), homologada na 184ª Reunião do CTC-ES. Parecer CNE/ CES nº 944/2019, aprovada e reconhecida pela Capes, conforme a Portaria nº 475, de 12 de maio de 2020. Iniciou ainda em 2020 a sua 1ª Turma com 55 (cinquenta e cinco) doutorandos de toda a região Norte, com um quadro docente de 39 (trinta e nove) docentes-pesquisadores. [...] O PGEDA articula pesquisadores vinculados a nove Instituições de Ensino Superior (IES) da Amazônia: Universidade Federal do Pará (UFPA); Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA); Universidade Federal de Roraima (UFRR); Universidade do Estado do Amazonas (UEA); Universidade Federal do Tocantins (UFT); Universidade Federal do Acre (UFAC); Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Universidade Federal de Rondônia (UNIR). Essas instituições funcionam como polos, e outras como associadas aos polos, ou seja, organizadas em 4 (quatro) polos/associadas: 1) Polo Belém (UFPA; UNIFAP; UFAC); 2) Polo Santarém (UFOPA; UNIR); 3) Polo Palmas (UFT) e 4) Polo Manaus (UFAM; UEA; UFRR) (Rocha; Coelho; Hora, 2021, p. 323, 324).

O campus Palmas da UFT, é polo do PGEDA (Programa de Pós-Graduação em Educação na Amazônia), vinculado à rede Educante, que é o primeiro doutorado em rede do Brasil.

Por ser um Estado relativamente novo, o Tocantins ainda se encontra em desenvolvimento em diversas áreas. Não obstante, as políticas educacionais vêm sendo reformuladas ano a ano. A Universidade Federal do Tocantins (UFT) sempre tem promovido debates através de grupos e núcleos de pesquisa.

A partir do ano de 2015, que foi publicada a primeira normativa para o uso do nome social pelos alunos(as/xs) transgênero, esses debates se intensificaram. Mas esse não foi o início da luta por políticas que incluíssem as pautas de gênero e sexualidade.

Muito antes disso, foram organizados os grupos e núcleos de pesquisa que contribuíram pela luta, como: Núcleo de Estudos, Pesquisas e Extensão em Sexualidade, Corporalidades e Direitos da UFT; Núcleo de Estudos das Diferenças de Gênero (Nedig); Movimento Universitário de Diversidade Afetivo Sexual (Mudas); Coletivo de Mulheres da UFT; Liga Brasileira de Lésbicas (LBL); Articulação Brasileira de Lésbicas (ABL); Lesbica; Flor de Pequi; Arte Gay Jovem, Kizomba, com destaque para o Coletivo LGBT do Tocantins, que atua há mais de 20 anos. (UFT, 2016).

No ano de 2013, também houve outra ação da UFT, em busca do combate à discriminação de gênero:

Outra iniciativa da UFT para promover a discussão das temáticas de diversidade cultural e de gênero foi o edital de Apoio à Diversidade Cultural e de Gênero, publicado pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (Proex), em 2013, que também teve o propósito de fomentar atividades de extensão que combatam a discriminação dentro do ambiente universitário e na sociedade. (UFT, 2016).

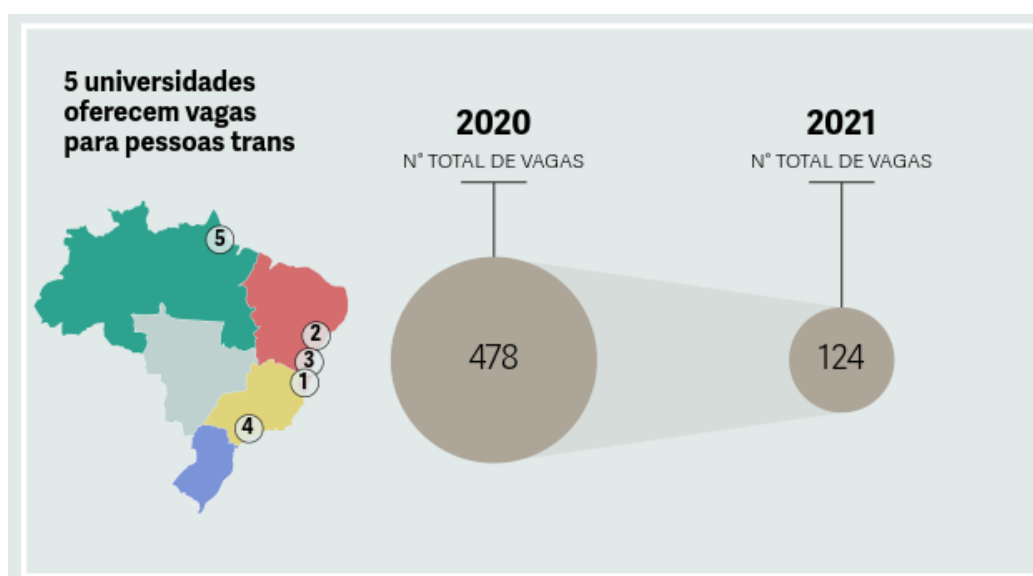
Também já foi ministrada uma Pós - Graduação Lato Sensu em Gênero e Diversidade nas Escolas, nas três maiores cidades do Estado, que são: Araguaína, Gurupi e Palmas. Outras ações foram desenvolvidas também, como a produção de documentários, livros e pesquisas.

No ano de 2020, o Mestrado em Letras da UFT, *campus* Porto Nacional, ofertou cotas para alunos LGBTI+. Entretanto, o edital causou polêmica, sendo rechaçado pelo então deputado federal Eli Borges (PSD-TO), e teve que ser alterado, com a retirada da cota.

Ainda não existem cotas para pessoas transgênero ou LGBTI+ garantidas por lei, mas por terem autonomia, as universidades públicas podem criar suas regras. Porém, quando essas iniciativas abrangem pessoas transgênero quase sempre são negadas, como por exemplo, a oferta de 120 vagas para pessoas “travestis, transexuais, não-binárias e intersexuais”, na Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), que foi suspensa pelo MEC no ano de 2019.

No cenário nacional, nos anos de 2020 e 2021, apenas cinco universidades públicas ofereceram cotas para pessoas trans, representando uma queda na oferta de vagas diretas, pois no ano de 2019 eram 16 instituições públicas de ensino superior:

Imagem 9: Instituições que oferecem vagas para pessoas trans



Fonte: GeneroNumero (Ribeiro; Nascimento, 2023).

Com toda a dificuldade no acesso, a permanência de pessoas trans também é difícil durante os anos na graduação. Para isso, são necessárias políticas que ajudem na manutenção dos estudos. De acordo com Ribeiro e Nascimento (2023):

Em 2018, a UFABC criou o regimento da Comissão Especial para Pessoas Transgêneras, Transexuais e Travestis (CEPT), aprovado em fevereiro de 2023. A UFSB oferece a Bolsa de Auxílio à Permanência – Vivências Trans e a Cartilha Nacional de Serviços Públicos de Saúde para a Pessoa Trans. Já a UNEB tem o Programa Afirmativa, que visa conceder bolsas de pesquisa e extensão a alunos cotistas, além de disponibilizar cartilhas voltadas para docentes. (Ribeiro; Nascimento, 2023)

Há quem problematize ainda mais os editais com vagas específicas para pessoas transgênero. Geralmente esses editais causam polêmicas por não ser tão específicos, pela questão da passabilidade. Pessoas lésbicas, gays e bissexuais não passam pelas exclusões sociais que as pessoas transgênero têm explícitas em sua aparência.

Por serem diferentes, são constantemente marginalizados/as. O ENEM, que é o Exame Nacional do Ensino Médio, foi criado em 1998, com a finalidade de avaliar o desempenho dos alunos que concluíam o ensino médio. Atualmente, serve para o ingresso nas Universidades Federais, através do SISU (Sistema de Seleção Unificada), bem como nas particulares, através do PROUNI (Programa Universidade para Todos).

Apenas a partir do edital do ano de 2014 houve a possibilidade de utilização do nome social no ENEM. Com o decreto da ex-presidenta Dilma Rousseff, em 2016, que que “dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais, no âmbito da administração pública federal” (Brasil, 2016, p. 1), o número de pessoas trans aumentou progressivamente. No Tocantins, houve um número expressivo de participantes, conforme demonstrado na tabela abaixo:

Tabela 3 – Participação de pessoas transgênero no Enem no Tocantins utilizando o nome social

Ano	Inscritos	Egressos	Concluintes	Cursistas	Não concluintes e não egressos
2023	2	1	0	1	0
2022	0	0	0	0	0
2021	1	1	0	0	0
2020	3	2	1	0	0
2019	3	2	1	0	0

2018	1	1	0	0	0
2017	1	1	0	0	0
2016	1	1	0	0	0
2015	1	1	0	0	0

Fonte: a autora.

Entretanto, aconteceram episódios de discriminação durante a aplicação do ENEM, que incluem falta de respeito ao uso do nome social, erros nos pronomes, entre outros que foram amplamente divulgados na mídia nacional.

No Tocantins, o Grupo de Estudos e Pesquisas de Currículos Educacionais das/para/com minorias sociais nortistas amazônidas, conhecido por sua sigla Gepce/minorias, é um grupo de pesquisa, vinculado ao CNPq, que foi formado no ano de 2004, sob a liderança do professor doutor Damião Rocha.

O grupo tem como foco de pesquisa o currículo, currículos diversos e justiça curricular, especialmente relacionados às pessoas LGBTI+, afro masculinidades/feminilidades, diversidade sexual e identidade de gênero. Ao longo de seus 20 anos de atuação, o grupo tem trabalhado em colaboração com comunidades tradicionais quilombolas e povos tradicionais do cerrado tocantinense, florestas e águas.

Além disso, se conecta com outros grupos de pesquisa nas regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, bem como com associações acadêmicas e redes de pesquisadores. Seus projetos de pesquisa são financiados por convênios com instituições públicas e privadas, com apoio da fundação Fapto.

O Gepce atua nas seguintes linhas de pesquisa: Currículo, formação de professores, saberes docentes; Currículos Específicos de Etapas e Modalidades de Educação e Educação na Amazônia: formação do educador, práxis pedagógica e currículo.

É composto por nove pesquisadores, vinte e um estudantes, dois técnicos, e um colaborador estrangeiro. O Gepce se destaca por sua forte atuação na pesquisa LGBTI+ no Estado do Tocantins, bem como suas ações sociais, como a participação direta nas Semanas da Diversidade e Parada LGBTI+.

No ano de 2022, aconteceu o 1º Simpósio do Gepce/minorias, com apresentação de resumos expandidos, mesas-redondas e a conferência magna. Foram apresentados aproximadamente trinta resumos expandidos durante a programação. O grupo se destaca por pesquisar com afincos as questões de gênero e sexualidades ligadas à educação.

3.4 PESQUISA(S) SOBRE TRANSEXUALIDADE E EDUCAÇÃO NA AMAZÔNIA TOCANTINA

Para a presente pesquisa, fizemos o levantamento dos estudos sobre pessoas trans e educação, referentes ao estado do Tocantins. Utilizamos como palavras-chave: travestis, transexuais, LGBT e educação. Entendemos que a sigla LGBT traz a letra “T”, que representa as pessoas transgênero. O espaço temporal compreendido foi do ano 2014 até o ano de 2023. Assim, dividimos os resultados em duas seções, a primeira em periódicos, a segunda em dissertações e teses defendidas na Universidade Federal do Tocantins, que têm o assunto como tema principal, ou o aborda de maneira transversal.

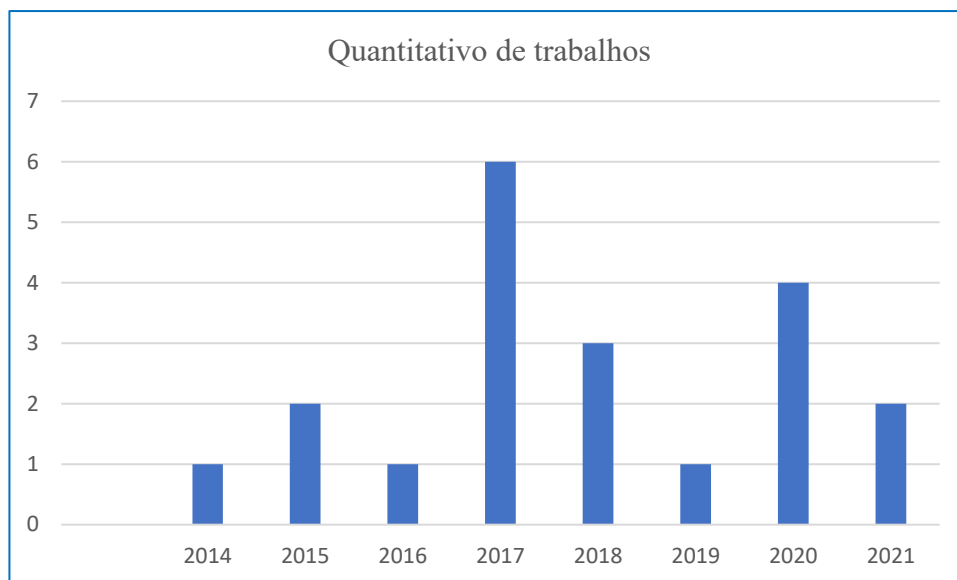
Tabela 4 – Relação dos trabalhos publicados em periódicos, que abordam a transexualidade e educação, por pesquisadores da Amazônia tocantina

Título	Autor(es)	Periódico	Ano de Publicação
A extensão universitária na contramão das cruzadas antigênero: educação e política de resistência no Tocantins	VIANNA, Cristina; IRINEU, B. A	Revista Debates Insubmissos	2019
A incômoda representabilidade da figurabilidade expulsa abjeta, mas não aniquilada.	ARAUJO, RUBRA.	REVISTA X	2020
A pesquisa implicada de inspiração fenomenológica para estudos in situ de/com sujeitos sociais da diversidade sexual e de gênero	ROCHA, J. D. T.; MAIA, M. F. G.	Revista Ensino de Ciências e Humanidades - RECH	2018
Brincadeiras de masculinidades, (re)configurações familiares e relacionamento interrelacional em Menino brinca com menina?, de Regina Drummond	ARAUJO, R. P.	HUMANIDADES & INOVAÇÃO	2018
Currículo da/na diferença: indagações sobre práticas preconceituosas na escola	Marcos Irondes Coelho de Oliveira	Humanidades e Inovação	2020
Direitos humanos LGBTI+ em tela: debatendo o filme "Paraíso Perdido" à luz das decisões judiciais recentes no Brasil	Gleidy Braga Ribeiro	Humanidades e Inovação	2020
Direitos humanos, pobreza e exclusão social - um olhar para travestis e transexuais em contextos educacionais	CRUZ, J.V.S.; SILVA, R. B. E.	Humanidades e Inovação	2017
Diversidade Sexual, Diferenças e Currículo: um diálogo (im)pertinente.	ARAUJO, R. P..	Omnes Humanitate	2014
Educação transformadora em tempos de pandemia: o programa pensar	Mariana da Silva Neta, Fabian Serejo Santana,	Humanidades e Inovação	2021

direito - Unitins/Extensão	Paulo Benincá, Wolfgang Teske		
Exclusão “da” e “na” educação superior: os desafios de acesso e permanência para a população trans.	LACERDA, M. C.; ALMEIDA, G.	Revista em Pauta	2021
Experiências de/com uma "pessoa T" indígena entre-gêneros do/no cotidiano tocantinense.	ROCHA, José Damião Trindade; COELHO, Marcos Irondes; FERNANDES, Alexandre Araripe.	TEIAS (RIO DE JANEIRO. IMPRESSO)	2020
Extensão Universitária em Gênero e Sexualidades	FERNANDES, F. B. M.; IRINEU, Bruna A.	Revista Feminismos	2015
Gênero e Sexualidade em Devir: desafios e possibilidades no cenário educacional	LACERDA, M. C.	Emancipação	2016
Identidade Cultural, Diversidade e Diferença: um olhar para gênero e sexualidade na educação.	MAIA, M. F. G.; ROCHA, J. D. T. VIZZOLI, Idemar	Cadernos de Educação, Tecnologia e Sociedade	2017
Ideologia de gênero na educação: A desqualificação de saberes sujeitados.	ROCHA, J. D. T.; MAIA, M. F. G.	REVISTA CONTEMPORÂNEA DE EDUCAÇÃO	2017
Ideologia de gênero: tensões e desdobramentos na educação.	ROCHA, J. D. T.; MAIA, M. F. G.	REVISTA CONTEMPORÂNEA DE EDUCAÇÃO	2017
Ideologia de gênero”: uma leitura crítico-reflexiva da Lei Municipal 2.243 de 2016.	Wellington Campos Araújo	Humanidades e Inovação	2018
Mídias Educativas -Mais Mulheres-: um centro de documentação interdisciplinar de gênero e comunicação em Palmas, Tocantins, Brasil.	GONÇALVES MAIA, MARCOS FELIPE; TRINDADE ROCHA, JOSÉ DAMIÃO; MERIQUI RODRIGUES, MARIANA.	Revista Observatório	2017
Militância LGBT, Memória e Extensão Universitária: reconstruindo histórias de resistência a partir da produção de um documentário em Palmas/Tocantins.	IRINEU, Bruna A.; RODRIGUES, M. M.	Revista Feminismos	2015
Narrando a mim mesmo: “Hoje sou peixe/E sou meu próprio pescador” – percursos de resistências marcados de Trans-Solidão na tecelagem de uma vida!	ARAUJO, R. P.	Revista Periódicus	2017

Fonte: Autoria própria (2023).

O gráfico 1 apresenta o quantitativo de trabalhos publicados sobre a temática durante o período compreendido:

Gráfico 1 – Quantitativo de trabalhos publicados no período de 2014 a 2022

Fonte: Autoria Própria (2023).

A maior parte dos trabalhos publicados foi no ano de 2017, com seis trabalhos. Quando comparamos com outras pesquisas, percebemos que as pesquisas que entrelaçam as pessoas transgênero e educação, ainda são escassas em nosso Estado.

3.5 DISSERTAÇÕES QUE ABORDAM TRANSEXUALIDADE PRODUZIDAS NA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

Foi realizada uma busca no Repositório Institucional da UFT, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações. Não foram encontradas teses de doutorado que abordassem o tema. Quanto às dissertações foram encontrados 39 trabalhos, dispostos na tabela 5:

Tabela 5 – Amostra dos trabalhos que abordam a transexualidade na UFT.

Título do trabalho	Autor(a/x)	Data da defesa
“Corpo feito no olho para o olhar”: contornos da trans-formação de gênero nas experiências das trans-travestis no contexto de prostituição em Araguaína -TO	Barros, Lídio Fernando Yale Vieira	09/set/18
“O olho que tudo vê”: uma análise do corpo e da cidade na perspectiva de gênero em Palmas - TO	Santos, Jeany Castro dos	16/set/21
A ascensão do "Mito" e a ascensão da violência contra a mulher no Brasil	Gomes, Beatriz Batista Ribeiro	12/set/22
A atuação de professores homens na educação infantil e as relações de gênero	BARBOSA, Rafael Rodrigues	27/mar/21

A atuação do professor e da escola no combate à prática do bullying escolar: uma revisão bibliográfica	GALVÃO, Débora Ferreira	03/ago/21
A diversidade sexual e de gênero nos currículos que (in)formam pedagogas(os), professores(as) de Educação Física e bacharéis em Direito na Universidade de Brasília (UnB)	Santos, Anderson Neves dos	14/ago/19
A educação em direitos humanos das mulheres e a formação de promotoras legais populares: a experiência da Casa 8 de março no Tocantins	Ferreira, Bernardete Aparecida	30/jan/18
A inclusão dos LGBTs no serviço público: um estudo nas secretarias estaduais do Tocantins	Cruz, Jessika Villalon Sousa	14/dez/19
A percepção do professor diante do Bullying	Alves, Yane Firmino	25/set/19
A relação entre satisfação na atividade sexual e qualidade de vida em pessoas idosas	Rodrigues, Carolina Freitas do Carmo	22/mar/19
A universidade como território de resistências: trajetórias socioespaciais de mulheres cotistas do câmpus de Araguaína - UFT	Germano, Grazielly dos Santos	16/jun/18
As territorialidades da prostituição às margens da rodovia BR-153 em Araguaína -TO	Palmeira, Marlucy Sousa Albuquerque	20/abr/16
Aspectos jurídicos da mudança do nome e gênero: estudo da ação que julgou a constitucionalidade do direito fundamental ao nome social	Ferreira, Mayssa Rebecca Batista	04/mar/20
Atos de violência contra pessoa idosa: a notificação compulsória dos atos de violência contra a pessoa idosa no ambiente da saúde da cidade de Araguaína	Néia, Kátia Daniela	26/fev/19
Bullying no ambiente escolar - A perspectiva dos alunos da 3ª série do ensino médio de uma escola pública em Porto Nacional - TO	Silva, Maria Rufina Pereira da	15/set/21
Cinedebate como instrumento de educação em direitos humanos	Galan, Débora Regina Honório	18/dez/17
Defesa e promoção dos direitos humanos no ambiente universitário: um olhar sobre a Universidade Federal do Tocantins	Silva, Eder Gama da	26/fev/19
Desafios da empregabilidade de LGBT's na percepção de gestores na cidade de Araguaína - TO.	Faria, Erick Oliveira	04/mar/20
Discurso midiático da ideologia de gênero e sua ressonância nos planos estadual e municipais de educação do Tocantins	Maia, Marcos Felipe Gonçalves	10/mar/17
Dizeres discentes nos cursos de Direito: discursividade arquetípica, sexista, heteronormativa e homofóbica em cena	Dropa, Romualdo Flávio	14/dez/18
Ensino de história das mulheres: experiência na Educação de Jovens e Adultos– EJA em Imperatriz - MA (2017)	Almeida, Jucileide da Silva	08/ago/18
Ensino de literatura infantil e juvenil e diversidade sexual: perspectivas e desafios para a formação de leitores na contemporaneidade	Cruz, Vanessa Rita de Jesus	06/mar/14
Entre - lugares do nome social e do uso autorreferido dos banheiros: um itinerário de assujeitamentos e resistências na Universidade Federal do Tocantins	Lacerda, Milena Carlos de	19/jul/18
Gênero no ensino de Geografia em escolas estaduais do Tocantins	Lira, Alline Lemos	21/mar/19

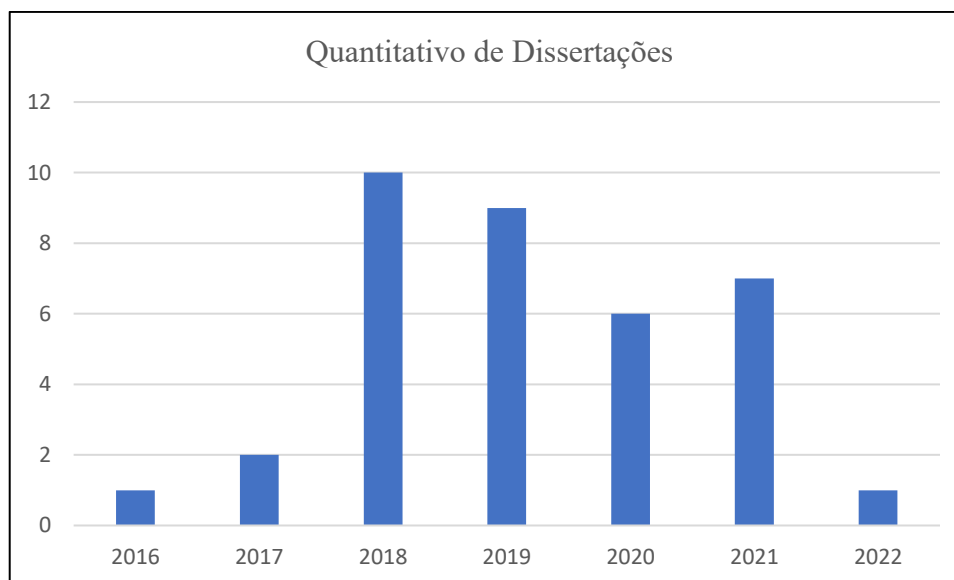
Histórias de in/exclusão na escola: análise semiótica de histórias de vida e de formação de acadêmicos homossexuais na UFT	Castro, Nilsandra Martins de	23/mai/18
Identificando e invisibilizando conflitos e violências na escola: representações e agenciamentos de membros de uma comunidade escolar de Tocantinópolis - TO.	Mota, Ana Paula Silva	09/dez/20
Ideologia de gênero: uma leitura crítico-reflexiva da lei municipal 2.243 de 2016.	Araújo, Wellington Campos de	12/mai/22
Juventudes, escola e ensino de Geografia: sujeitos, espaços e sentidos	Vanderlei, Shirley Alves Viana	27/mar/18
Los géneros y las sexualidades en los saberes, los discursos y las prácticas en las clases de literatura de una escuela céntrica de la ciudad de Araguaína. Una mirada etnográfica	Abel, Santiago	27/nov/19
Menina e menino vestem azul e vestem rosa: reverberações das questões de gênero na infância, nos eventos acadêmicos no período de 2008 a 2018 e nas mídias digitais brasileira	Pinho, Rutileia Carvalho Xavier	12/mar/20
O Bullying como discurso civilizador: uma análise sociológica do programa “conte até dez nas escolas”.	Silva, Raquel Angelino da	10/dez/18
O ensino de História: as relações de gênero e poder na família brasileira por meio das imagens dos livros didáticos	Marinho, João Cândido Carvalho	06/mai/20
Pautando gênero: narrativas jornalísticas sobre a proibição da discussão de gênero na Educação	Santos, Ana Paula dos	30/mai/18
Prática de leitura dialógica em contexto remoto: o professor como agente de letramento na construção de sentido	Assis, Juliana Pereira de	20/dez/21
Relações de gênero e sexualidade na formação das/dos professores/as de Educação Física nas instituições de ensino superior públicas do Tocantins	Neves Júnior, Ismael Barreto	11/jun/21
Sexualidade, gênero e diversidades no contexto de formação inicial de professores na Universidade Federal do Tocantins	Reis, Edmilson Andrade	19/mar/20
Uma reflexão a partir de Nietzsche sobre a intolerância de gênero no espaço escolar	Alves, Catherine Melo	11/abr/19
Universidade, saúde mental e direitos humanos: uma análise institucional a partir das vivências dos estudantes da Universidade Federal do Tocantins	Bernardes, Luzia Vieira da Silva	18/ago/21

Fonte: a autora (2023).

A análise da Tabela 5, extraída do Repositório Institucional da UFT, revela a diversidade de dissertações que abordam questões de gênero, sexualidade e direitos humanos, com foco em contextos educacionais, sociais e jurídicos no Tocantins. Dos 39 trabalhos listados, destacam-se temas como transexualidade, violência de gênero, bullying escolar, inclusão de LGBTs e o ensino de gênero em currículos escolares. As dissertações, defendidas entre 2014 e 2022, refletem a crescente atenção à diversidade e à equidade no ambiente acadêmico, com ênfase em Araguaína e Palmas. Trabalhos como os de Barros (2018) e Ferreira (2020) exploram, respectivamente, experiências de trans-travestis na prostituição e questões jurídicas do nome social, evidenciando a interseccionalidade entre gênero, espaço e direitos. A presença de estudos sobre bullying e educação em direitos humanos sugere um esforço para enfrentar

violências estruturais. O gráfico 2 apresenta o quantitativo de trabalhos realizados por ano, defendidos na Universidade Federal do Tocantins, em diferentes programas de pós-graduação *strictu sensu*:

Gráfico 2 – Quantitativo de dissertações



Fonte: Autoria Própria (2023).

A partir do gráfico averiguamos que nos anos de 2018 e 2019 houve a maior concentração de estudos sobre a temática. Ainda assim, a temática possui pouca quantidade de estudos, quando comparamos até mesmo com outras universidades amazônicas.

Pode-se levantar a hipótese de que o baixo índice de pessoas travestis e transexuais que estudam em qualquer nível de ensino, leva a baixa incidência de estudos sobre o tema. Paralelo a isto, também há poucas expressões de políticas públicas existentes no Estado do Tocantins, que garantam o acesso e permanência das pessoas transgênero no percurso escolar/acadêmico.

É preciso reforçar que o Brasil passou por anos obscuros quando falamos das pessoas transgênero. A falsa visão que o ex-governo passou à população brasileira, fez com que os debates se acalorassem, gerando intensos debates como o uso de banheiros públicos por pessoas transgênero.

No âmbito educacional, apenas no ano de 2018 houve a garantia do uso do nome social nos espaços educativos, com o verdadeiro início das ações afirmativas voltadas especificamente para pessoas transgênero. Logo no início do ano de 2023, com a posse do Governo Lula, foi retomada a agenda de políticas públicas para pessoas LGBTQIA+, com a criação da Secretaria

de Promoção e Defesa das Pessoas LGBTQIA+, liderada pela travesti e militante Symmy Larrat.

4 ROTEIRO INTERESTELAR

O conhecimento é a base de toda e qualquer sociedade. Quando falamos de pesquisa em educação, lidamos com seres humanos, que passam por um processo de incompletude e buscam por respostas aos seus questionamentos. (Minayo, 2009).

O cotidiano nas escolas e universidades é mutável e a escola é viva, passando por constantes transformações. As mudanças tecnológicas avançam, e cada vez mais se fazem necessários estudos que analisem as vivências, trocas e a diversidade.

Esta pesquisa se configura em um movimento dialético, que perpassa por uma interlocução com outros estudos, dentro da epistemologia social, para compreender mais sobre os atores envolvidos. Ainda assim, este percurso não é algo que será atingido em sua plenitude, mas sim em mudança constante e permanente. (Minayo, 2009).

Na definição de Brandão (2001, p. 13):

A pesquisa qualitativa (...) está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências do mundo social e a como as pessoas compreendem esse mundo. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais (interações, comportamentos, etc.), em termos de sentidos que as pessoas lhes dão; em função disso, é comumente referida como pesquisa interpretativa (Brandão, 2001, p.13).

A pesquisa qualitativa está ligada ao levantamento de informações muito específicas, de forma particular ou em grupo, para solucionar ou responder às questionamentos, a partir da percepção dos sujeitos que nela estão envolvidos. Ela está diretamente ligada ao objetivo do estudo, partindo do problema pesquisado, descrevendo de forma complexa o fenômeno a ser analisado. (Gil, 1999).

Isso envolve análise, observação, descrição e interpretação do fenômeno para a compreensão de seus significados e impacto na sociedade. É como nos explica Minayo (2009):

[...] a pesquisa qualitativa responde a questões referentes a um conjunto de fenômenos humanos entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes (Minayo, 2009, p. 21).

A etnografia surgiu dentro das análises antropológicas, mas quando a utilizamos nos estudos sobre a Educação, ela se relaciona diretamente com as vivências nestes espaços.

A etnopesquisa crítica possibilita a descrição e análise em profundidade das teias, dos enredamentos que constitui o sujeito, embasado na matéria de suas vivências (dos

atores), pertinências, possibilidades e as interpretações das experiências vividas cotidianamente (em nosso caso, no ambiente escolar). É diante desse contexto em que sujeitos têm suas identidades forjadas e o escrito se tece com o intuito de explicitar como e quais mecanismos e lógicas simbólicas e reais operam e efetivam a dinâmica de subalternização das identidades dos sujeitos [...]. (Santos, 2017, p. 27)

O caminho tomado neste trabalho é através da implicação da autora, mulher trans, preta, professora, pesquisadora das questões de gênero e sexualidade na Educação, com foco na Amazônia tocantina. Com as vivências, estudos, encontros, no grupo GEPCE/Minorias, buscando compreender mais acerca dessa relação entre as pessoas “T” entre gêneros e o percurso educacional.

O trabalho é uma etnopesquisa implicada, a partir do e com os etnométodos dos sujeitos da pesquisa, com suas marcas e vivências, problematizando e criticando, ressignificando conceitos enraizados. Trabalhando com uma forma propositiva para novas conquistas sociais, favorecendo a “legitimação das ações sociais e afirmativas em educação (Macedo, 2012, p. 70).

Assim, tendo como lócus a região da Amazônia tocantina, objetivamos de forma geral compreender as narrativas escolares de pessoas transgênero, que se reconhecem como travestis/transsexuais, discutindo a problemática de gênero, diversidade sexual, sexismo e a transfobia no ambiente escolar/universidade. Como objetivos específicos temos: a) Analisar as violências de gênero e os estereótipos sociais que afetam a trajetória escolar de pessoas transgênero no ensino básico e superior na Amazônia tocantina; b) Investigar o impacto das violências sofridas e ações tomadas pelas pessoas transgênero para a permanência e sucesso escolar; c) Categorizar as narrativas de vivências escolares de pessoas transgênero para sugerir uma estratégia pedagógica. Quando pensamos na abordagem metodológica, em um primeiro momento consideramos diversas possibilidades. Com o aprofundamento do estudo, foram feitas mudanças de acordo com o processo investigatório. Considerando nossas fraquezas e oportunidades, foi pensada uma nova forma de analisar as trajetórias das pessoas participantes. Dada a implicação da pesquisadora, esta tese se alinha com o “ser”.

Uma pesquisa com base etnometodológica, parte do pessoal. Nossa relação com a pesquisa é intrínseca. Assim, nossa abordagem de pesquisa é a qualitativa. Em uma tentativa de mensuração das vivências e relações sociais de pessoas transgênero, nosso tipo de pesquisa escolhido foi a etnopesquisa implicada.

Com uma articulação às teorias disponíveis, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, mas não tão somente em estudos de autores que desenvolvem a temática. Priorizamos estudos decoloniais, e principalmente de pesquisadoras transgênero, em uma perspectiva transfeminista, como nos mostra Rodarte (2022):

O que a pesquisadora quer salientar é que, assim como ela, há uma pluralidade de pessoas rios – ou seja, pessoas que rompem e navegam por diversas águas. É nessa linha que ela enfatiza a necessidade de que o feminismo saiba reconhecer e escutar outras mulheres, como é o caso do transfeminismo. A ideia das mulheres trans e travestis não é dividir o movimento, muito menos rejeitar toda a construção teórica e social deste, mas evidenciar que existem pautas sociais e políticas específicas sobre elas, assim como os outros feminismos, que necessitam da atenção da sociedade. Almejam também evidenciar que todas as mulheres estão, de certo modo, interligadas por relações de opressão (Rodarte, 2022).

Partindo dos estudos das mulheres trans, focamos na etnopesquisa implicada. Essa pesquisa implicada com inspiração fenomenológica é explicada por Rocha e Maia (2017):

Na área de educação quando tratamos da abordagem qualitativa entendemos aquelas práticas de pesquisas que fazem referência mais a seus fundamentos epistemológicos do que propriamente a especificidades metodológicas. São recorrentes as pesquisas como: história oral, etnográfica, pesquisa participante, pesquisa-ação, representação social, pesquisa do/no cotidiano, etc. Por concebermos que esta abordagem é a que melhor retrata o fenômeno educacional ou a educação como fenômeno, contrapomos aos fundamentos das pesquisas em ciências naturais, e destacamos mais as experiências vivenciais, a experiência consciente de sujeito, apreendendo o sentido do objeto, do que os constructos hipotéticos teórico-dedutivos (Rocha; Maia, 2017).

Para essa investigação, nossa epistemologia parte do processo de pesquisa imersa. Não há como dissociar a relação da pesquisadora com os/as sujeitos/as investigados, por compartilharem das mesmas vivências e desafios. É partindo do olhar mais afunilado, de um olhar implicado na inseparabilidade, que realizamos esta pesquisa.

Este processo metodológico, com os caminhos que foram trilhados durante a investigação, sustentaram a busca para a solução da nossa problemática. Esse contato direto com as pessoas trans favoreceu os recortes e aportes teóricos que permeiam este trabalho.

4.1 A ETNOMETODOLOGIA

Harold Garfinkel desenvolveu a etnometodologia a partir da década de 1950, com o objetivo de perceber como as pessoas constroem a realidade social. A partir disso, ele definiu métodos que compreendem a observação, interpretação e classificação. Analisando os dados obtidos a partir deste método, é o foco da etnometodologia.

A etnometodologia tem uma forma diferente de outras pois foca na perspectiva dos indivíduos pesquisados. Garfinkel afirma que a compreensão da realidade social parte do pressuposto da interação entre as pessoas, não podendo ser inferida de uma vez só. Ele também argumenta que as pessoas utilizam – se de métodos para manter a ordem social, com regras para

evitar conflitos. Tais métodos podem ser descritos como a coletividade de expectativas e confiança mútua entre atores sociais.

A linguagem é algo imprescindível para a produção de significado, pois ela faz com que as pessoas construam seus significados em comum, de acordo com suas vivências, estando ou não sujeitas às construções de normas nas interações sociais. Garfinkel também introduziu a teoria da indexicalidade, em que as expressões indexicais proporcionam a compreensão do significado dentro das interações sociais. (Garfinkel, 2018).

4.2 ETNOPESQUISA

A etnopesquisa vai de encontro às pesquisas quantitativas, pois se pauta na relação direta entre pesquisador/pesquisado. Ela proporciona a reflexão das realidades e panoramas aos quais o sujeito pesquisado está inserido. Assim, a pesquisa segue por um viés não genérico, explicitando realidades em comum, mas de forma peculiar e particular.

Para tanto, a etnopesquisa pode caminhar por uma observação da realidade, das vivências, podendo ser feitas em grupos focais/dialogais, sempre com a relação do pesquisador com o foco pesquisado. Pensando nisso, a pesquisa se torna parte de uma construção social, sendo construída progressivamente com a participação dos atores envolvidos.

Na etnopesquisa, o pesquisador não age apenas como observador, mas está intrinsecamente ligado à compreensão daquilo que se pretende analisar, sendo também “produtor de sentidos e significados” (Ferreira; Brito, 2015). Isso é evidenciado por Alain Coulon (2017)

Se o processo fundamental da interação repousa sobre a interpretação, então torna-se necessário. Para o investigador colocar-se na posição do ator, é preciso que o investigador perceba o mundo do ator "do ponto de vista do ator", a fim de poder identificar e compreender as suas ações (Coulon, 2017, p. 38).

Sendo o investigador parte da sua comunidade investigada, ele possui um senso em comum com seu objeto de pesquisa. O maior desafio é ter essa relação com a pesquisa transformada e reconhecida pela comunidade científica, para explicitar e atingir seus objetivos. Ainda assim, a pesquisa científica parte de um pressuposto comum, do contexto implícito, que desperta um “ponto de partida”.

Essa é a diferença da etnopesquisa dos outros tipos de pesquisas. Ela parte da premissa que o pesquisador se torna um membro da pesquisa, saindo de um conglomerado de normas,

deixando com que os pesquisados ajam livremente, para assim refletir livremente naquilo que se deseja alcançar com a pesquisa. Freire (2002) reforça que

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um "penso", mas um "pensamos". É o "pensamos" que estabelece o "penso" e não ao contrário. Esta coparticipação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação. (Freire, 2002, p. 66)

4.3 TÉCNICA DA REUNIÃO DE DADOS

A técnica escolhida para a reunião de dados foi a entrevista fenomenológica. Neste tipo de entrevista, o/a pesquisador/a estimula que o participante fale acerca de sua experiência, com o máximo de detalhes possíveis, partindo de uma pergunta norteadora (RANIERI; BARREIRA, 2010). Em nosso trabalho, a pergunta norteadora foi: “Como você se sente/sentiu quando frequentava a escola/universidade sendo uma pessoa ‘T’ entre gêneros?”.

De acordo com Ranieri e Barreira (2010):

As perguntas que surgem durante a entrevista demonstram o interesse e a curiosidade pelo conteúdo narrado, não sendo possível estipulá-las prévia e restritamente. O despertar das perguntas nasce de um desconforto, de um vazio compreensivo que corresponde a um sentido não preenchido intuitivamente, não captado explicitamente naquilo que o faz, o sustenta, mas captado apenas como sentido aludido, referido, sinalizado, indicado ou insinuado. A questão retoma algo desse sentido vazio solicitando justamente que a experiência que implicitamente o faz seja dita a fim de que se o preencha. Assim como as perguntas pré-definidas e que constituem o roteiro, estas questões buscam suscitar no sujeito a retomada das experiências ou o aprofundamento/elucidação no momento da entrevista, e sua consequente descrição. Assim, a título ilustrativo, as perguntas que podem ser adequadas e podem favorecer tal intento se iniciam pela construção o que é e como é – construções com pronomes assumidas na forma interrogativa –, sempre remetendo à vivência da pessoa (p. ex., “como você vivenciou/vivencia...?”; “como foi/é para você...?”; “o que é essa experiência para você?”) (Ranieri; Barreira, 2010, p. 4).

Foi elaborado um roteiro de questões disparadoras (ANEXO I), podendo ser incluídas novas questões caso se fizesse necessário, permitindo ter uma maior flexibilidade em relação à possíveis novos temas que surgissem durante os encontros virtuais. Consideramos que tais perguntas podem incluir temas sensíveis e despertar memórias sensíveis diante dos aspectos envolvidos.

4.4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para este trabalho escolhemos o método da etnografia com a pesquisa implicada. Este método é bem singular em detrimento de outros métodos pois lança um olhar compreensivo do pesquisador não somente na teoria e metodologia, mas valorizando os sentidos e sentimentos dos sujeitos estudados.

O trabalho etnográfico permite que o pesquisador construa e reconstrua seus próprios significados e entendimentos dos sujeitos sociais refletindo através de um processo de ensino e aprendizagem com respeito à condição social fazendo um intercâmbio com o seu olhar e o olhar do outro.

Principalmente quando lidamos com os grupos que são minorizados, na compreensão histórica de subalternização através das bases educacionais tradicionalistas, pautadas no capitalismo.

Pretendemos através das experiências da pesquisa ressaltar as singularidades das pessoas transgênero, sejam elas travestis ou transexuais, e suas vivências educacionais revelando seu *ethos* grupal, ressaltando suas dificuldades ao acesso e permanência na escola/universidade.

Apenas o fato de ser uma pessoa transgênero traz uma implicação com os sujeitos da pesquisa. Existem vivências semelhantes, como a modificação corporal, o preconceito sofrido, a violência diária.

O próprio processo da pesquisa etnográfica é um processo de aprendizagem, em entender o outro, compreendendo a educação por outros olhares. Olhares em comum, que estão implicados, entrelaçados, nas lutas diárias por respeito e aceitação social. Tornando o processo de registro e escrita bastante sensível, transformando as percepções de campo, em análise e tese. Macedo e Sá ainda afirmam que este método:

Necessário se faz explicitar ainda, que a concepção de pesquisa aqui trabalhada, entretece sem hierarquizações e antinomias, *implicação como competência epistemológica e qualidade investigativa*. Nestes termos, *vínculo, pertencimento e afirmação* como mobilizadores de *modos de criação de saberes* e atores como sujeitos coletivos criadores interativos de sapiências emergem numa lógica e numa epistemologia social ao mesmo tempo heurística e acionalista (Macedo; Sá, 2018, p. 332).

Assim, a etnografia aborda a experiência social, o pensar-fazer, com sua culturalidade implicada. Com a etnopesquisa crítica, faremos uma intersecção com outras realidades conjugadas, apontando a necessidade de ações afirmativas, de acordo com o que for ressaltado nas falas dos/das/xs participantes da pesquisa.

4.5 CONSIDERAÇÕES ÉTICAS DE PESQUISA

A pesquisa foi conduzida em conformidade com os princípios éticos. Os participantes foram informados sobre o propósito da pesquisa, os procedimentos e seus direitos, incluindo a confidencialidade e a possibilidade de retirar-se a qualquer momento. Pseudônimos (nomes de corpos celestes: Júpiter, Lua, Marte, Netuno, Saturno, Sol, Terra e Urano) foram utilizados para proteger a identidade dos participantes. Todas as informações sensíveis, dada a natureza do tema que envolve experiências de preconceito e violência, foram tratadas com o máximo cuidado, servindo apenas para refletir a opinião pública dos/as participantes¹. A implicação da pesquisadora como mulher trans também foi um elemento considerado na postura metodológica e ética.

4.6 CAMINHOS DA PESQUISA: GRUPO FOCAL

Nas pesquisas de cunho qualitativo não se faz necessária uma amostra probabilística e nem um grande número de pessoas entrevistadas. (Gil, 2010; Appolinário, 2006; Malhotra, 2006). O interesse principal foi em selecionar pessoas transgênero que tivessem passado por uma experiência completa de escolarização. Desta forma, os/as participantes são pessoas capazes de expor suas vivências diante a problemática, contribuindo para a pesquisa de Tese como um todo.

Os grupos focais são uma técnica de pesquisa qualitativa que se consolidou a partir da década de 1980, como um instrumento metodológico central em investigações nos âmbitos social, cultural, psicológico, organizacional, educacional e da avaliação. Essa abordagem se distingue por sua capacidade de promover uma análise aprofundada dos temas em estudo, uma vez que o processo reflexivo é enriquecido pelas dinâmicas interativas entre os participantes. As opiniões, longe de serem estáticas, emergem e se transformam no interior do grupo, moldadas pelo jogo de influências mútuas que caracteriza o contexto das interações. Nesse

¹ A submissão desta pesquisa ao sistema CEP não foi necessária, pois a natureza do estudo atende aos critérios de dispensa definidos pela legislação pertinente. Especificamente, trata-se de uma pesquisa de opinião pública realizada com participantes não identificados, conforme previsto no Inciso I do Parágrafo único do Artigo 1º da Resolução CNS nº 510/2016. A razão para essa dispensa reside no fato de que o anonimato completo dos participantes elimina os riscos éticos associados à identificação individual, como quebra de sigilo ou potenciais constrangimentos e discriminações. Visto que não há coleta de dados que permitam identificar os respondentes, a avaliação pelo comitê de ética não se aplica.

ambiente, o grupo funciona como um espaço privilegiado para a expressão de divergências, a explicitação e defesa de pontos de vista e, em alguns casos, a reformulação de perspectivas iniciais à luz do diálogo estabelecido. Para Minayo (2009) um bom grupo focal:

A organização de um grupo focal segue mais ou menos a seguinte orientação: o coordenador, também chamado moderador, esclarece aos participantes o motivo da pesquisa e qual o tema-chave que pretende colocar em discussão. A seu lado deve estar um relator que toma nota de todos os detalhes da reunião, a grava ou a filma (com o consentimento dos participantes), deixando o coordenador com tempo e tranquilidade suficientes para ouvir e encaminhar as discussões. Um bom grupo focal não deve ter mais que seis a oito pessoas, para que todos tenham possibilidade de se expressar, debater e defender suas ideias. As regras básicas de funcionamento dos grupos focais, a serem combinadas de antemão com os participantes, são: (1) solicitar que apenas uma pessoa fale de cada vez; (2) evitar discussões paralelas, para que todos possam participar; (3) pedir que cada um fale livremente o que pensa; (4) evitar que alguns participantes dominem a discussão e (5) manter a atenção de todos voltada para a temática em questão. Além de garantir essas regras, o coordenador deve estar atento para que o grupo não se disperse, introduzindo perguntas que possam aprofundar o assunto e esclarecê-lo o mais adequadamente possível (Minayo, 2009, p. 87 e 88).

No que se refere ao papel do moderador em grupos focais, é fundamental que este possua um conhecimento aprofundado do tema em discussão, condição essencial para conduzir o grupo de maneira eficaz e pertinente. Esse domínio temático permite ao moderador desempenhar suas atribuições com competência, cabendo ao moderador apresentar o tema de forma clara e objetiva, assegurando a compreensão por parte de todos os participantes, e sustentar a dinâmica do debate ao longo da sessão, garantindo que a interação permaneça focada e produtiva. Também é responsabilidade do moderador destacar que não existem respostas corretas ou incorretas, criando um espaço de liberdade expressiva e respeito mútuo, o que favorece a diversidade de perspectivas e enriquece os dados coletados. O moderador deve observar atentamente os participantes, incentivando a contribuição de cada um, de modo a assegurar que todas as vozes sejam ouvidas e que a discussão reflita a diversidade de opiniões presentes no grupo. Trad (2009) defende que:

A tarefa de condução do grupo focal, enquanto instrumento de pesquisa, exige do moderador habilidades específicas no manejo de discussões em grupo. Ele deverá ter sensibilidade e bom senso para conduzir o grupo de modo a manter o foco sobre os interesses do estudo, sem negar aos participantes a possibilidade de expressar-se espontaneamente. O moderador de grupo deve ser treinado para exercer um papel menos diretivo e mais centrado no processo de discussão; alguns moderadores dirigem o grupo de tal modo que a discussão gira em torno de suas opiniões, e não daquelas expressas pelos participantes (Trad, 2009, p. 787).

O grupo focal é eficaz na obtenção de informações qualitativas relativamente complexas, com um mínimo de interferência por parte dos pesquisadores. Esse aspecto é

particularmente relevante em estudos que exigem uma abordagem não intrusiva, permitindo que os dados emergam de forma mais orgânica a partir das interações entre os participantes.

Para esta pesquisa, mobilizamos um grupo focal, formado por oito pessoas transgênero: sete mulheres travestis/transexuais e um homem trans, utilizando o método etnográfico, não apenas sendo uma pesquisadora/observadora, mas buscando explicitar informações e vivências que não estão em suas falas, para uma total análise dos depoimentos dos/das interlocutores/as.

Os convites foram realizados por meio de contato através do aplicativo *Whatsapp*, com convite informal, com informações sobre o projeto de pesquisa, explicando para o possível participante sobre o tema, a hipótese de tese e a perspectiva da pesquisa, explicando como seria feita a reunião do grupo, bem como o tratamento confidencial dos dados.

Todos/as participantes aceitaram o convite de imediato. Foram ajustados os dias e horários para os encontros, de acordo com sua agenda e disponibilidade. Os encontros aconteceram em sua maioria, no período noturno e em finais de semana, através do aplicativo *Google Meet*. Participaram pessoas das cidades de Araguaína, Gurupi e Palmas – TO.

Foi utilizada a técnica *snowball* (bola de neve, em tradução nossa), em que um(a/x) participante da pesquisa indica outro (a/x), que tenha passado por uma experiência escolar, mesmo que não a tenha concluído, para relatar suas vivências (Vinuto, 2014). Dada a invisibilidade e marginalização das mulheres transgênero/travesti, que vivem em grupos reclusos, foi possível estabelecer uma rede de contato, possibilitando uma melhor análise de narrativas.

Tivemos como pergunta disparadora: ““Como você se sente/sentiu quando frequentava a escola/universidade sendo uma pessoa ‘T’ entre gêneros?”. Havia a possibilidade de entrelaçamentos nas falas, bem como também ocorrer divergências, pois estamos lidando com vivências diferentes.

Para analisar as narrativas, utilizamos a análise de conteúdo, segundo Laurence Bardin (2016). Essa forma de análise possibilita que se utilize várias técnicas para entender os sentidos das falas dos/as participantes da pesquisa, bem como documentos e outras fontes de dados.

Assim, fizemos a análise em três etapas, como propõe Bardin (2016):

1. **Pré-Análise:** Leitura, seleção das falas que mais contribuem com a pesquisa, estabelecimento de hipóteses e conexões com os objetivos propostos
2. **Exploração do material:** Transformação das transcrições dos encontros virtuais em unidades de análise e categorização, que nesta tese chamamos de “Perspectivas de

análise”

3. **Tratamento dos dados obtidos e interpretação:** Utilizamos o *software Voyant Tools* para buscar a significação das falas, para entender o fenômeno , interpretando também o que está implícito, com fins de torná-lo claro e compreensível.

5 CORPAS CELESTES

As escolas em seu padrão heteronormativo abrigam histórias de pessoas que não estão em conformidade com as normas impostas. Essas *corpas*, abrigam sentimentos diversos: culpa, medo, determinação, mudança, entre outros. Suas vivências se interseccionam, mesmo que estejam à quilômetros de distância. É sempre um período difícil quando não há a certeza plena do que se é, muito menos como se entender em um mundo tão cheio de regras, que não reconhece a pluralidade.

Cada realidade é única, mas o entrelaçamento das vivências é o mesmo quando falamos de pessoas transexuais. Trajetórias praticamente invisíveis, escolaridades interrompidas, não por vontade própria, mas por um verdadeiro condicionamento social. Poucas exceções conseguem vencer os empecilhos dentro do percurso. Nossa pesquisa, apresenta as vivências de oito pessoas transexuais, que serão tratadas como *corpas* celestes. Em uma analogia à intangibilidade dos planetas, bem como a sua solidão no espaço, porém, pertencentes à mesma galáxia, dentro de um universo, têm seus perfis relatados na tabela abaixo:

Tabela 6 - Perfil das pessoas “T” participantes

Nome	Como se identifica	Formação
Sol	Mulher trans	Ensino Superior Completo
Lua	Mulher trans	Ensino Médio Completo
Júpiter	Mulher travesti	Ensino Superior Completo
Terra	Mulher trans	Ensino Médio Completo
Marte	Mulher travesti	Ensino Superior em andamento
Urano	Homem trans	Ensino Superior Completo
Saturno	Mulher travesti	Ensino Superior em andamento
Netuno	Mulher travesti	Ensino Médio Completo

Fonte: a autora.

As participantes possuem a formação mínima do ensino médio. Foram escolhidas pois poderiam relatar o que aconteceu durante o seu percurso escolar. É uma verdadeira responsabilidade social afirmar que quando tratamos de pessoas trans, não existe evasão, e sim

expulsão, pois quando a escola não é acolhedora, ela exerce o contrário, pressionando os/as/xs estudantes a desistirem. Não é possível mencionar ou estudar o contexto transgênero e são poucos os profissionais preparados para isso. Ainda assim há a rejeição do uso dos banheiros, principalmente quando tratamos de uma realidade transgênero infantil e adolescente. No momento dos encontros, todas as/os participantes estavam em empregos formais e haviam concluído suas etapas escolares.

5.1 JÚPITER

Júpiter é a caçula de sua família. A última de quatro irmãs. Tinha 36 anos, no ano de 2024. Possuía Técnico em Gestão de Marketing, que havia concluído dez anos antes. Trabalhava como auxiliar de cozinha. Ela nasceu no interior do estado do Maranhão, mas muito pequena se mudou para a região metropolitana de Salvador, na Bahia. Veio para Palmas, aos seis anos de idade, se estabelecendo na região norte da cidade. Logo, sua mãe e seu pai compraram o imóvel que residem até hoje.

Herdou sua profissão de seu pai, que trabalhou no Iraque como chefe de cozinha, para uma petrolífera. Ele sustentava a família, enviando recursos mensalmente para mantê-las. Sua mãe não trabalhava fora de casa, vivendo apenas da renda que seu pai enviava. Ela tinha hipertensão e diabetes, não conseguia desenvolver atividades fora de casa.

Com uma casa predominantemente feminina, todas as suas irmãs ajudavam nas tarefas domésticas. Sempre conciliaram a escola com as atividades de casa. Também começaram a trabalhar muito cedo. As duas mais velhas partiram para a área da beleza, a mais jovem, auxiliar de serviços gerais.

Júpiter demorou um pouco para concluir o ensino médio. Só começou a trabalhar quando terminou seus estudos através da EJA. Na época que estudava, já se “montava”, ou seja, se vestia de mulher nas noites. Conciliava sua vida estudantil com a prostituição. Afirmou que era a única forma que via para se manter, pois não tinha experiência alguma para tentar um emprego formal.

Já na infância, por ser preta e retinta, sofreu preconceito duplo, racismo e homofobia. Como relatou, seu ouvido “calejou” com tantos xingamentos. Sempre foi alvo de chacota por fazer parte do grupo de dança da escola. Gosta de moda e quadrilhas juninas, relata ter verdadeira paixão. Contou que uma vez ganhou nota máxima na disciplina de arte por fazer roupas recicladas, com plásticos e anéis de latinhas de metal.

Quanto a violências físicas, nunca sofreu. Era uma criança alta e “gordinha”, por isso os colegas não se atreviam a agredi-la. Reprovou dois anos seguidos. Mesmo assim não esmoreceu e procurou o ensino de jovens e adultos para tentar recuperar o tempo perdido. Nesta época, já se considerava uma travesti. Fez automedicação para afirmar seu gênero, e muito rápido obteve brotos mamários (são pequenos nódulos na região dos mamilos, muitas pessoas trans adquirem quando fazem a etapa de hormonização). Ainda assim, se vestia como homem de dia, para se adequar às normas sociais.

Sua família sempre a aceitou. Nunca precisou se impor, ou brigar. Não houve rejeição alguma. Sempre a trataram com muito amor e carinho. Júpiter afirma que suas irmãs ainda a chamam pelo nome morto de vez em quando, mas não por maldade, e sim por se confundirem às vezes. Ela disse que demorou bastante para tomar a decisão de mudar de nome nos documentos, fazendo-o somente no ano de 2023.

Saiu de casa por um tempo, para viver com um namorado. Com isso, parou por um tempo com a automedicação. Os dois tinham juntos um pequeno restaurante e bar, que acabou fechando com a separação do casal. Depois disso, ela relata que não teve mais vontade de encontrar alguém para amar. Voltou para a sua casa logo em seguida.

Com as habilidades que aprendeu com o pai, antes da sua partida para o Oriente Médio, conseguiu um emprego em um *buffet*. Auxiliava no preparo das comidas, e durante a festa trabalhava servindo as mesas. Durante o dia, cuidava da sua mãe, que a cada dia precisava de mais atenção.

Ficou algum tempo sem estudar, pois, considerava que não tinha conhecimento suficiente para enfrentar um vestibular na Universidade Federal do Tocantins, e muito menos para pagar um curso em uma instituição particular. Naquela época o ensino à distância ainda não era tão popularizado.

Somente com a chegada de uma faculdade que cobrava um valor mais acessível, foi que se interessou em fazer um curso superior. Começou sem muita intenção, mas afirmou dar o seu melhor para conseguir concluir. Se registrou no Conselho Regional de Administração, mas nunca trabalhou na área. Sempre por falta de oportunidades.

Ainda na época da faculdade, em que as aulas aconteciam no período noturno, assistia às aulas no polo, já levando as roupas, maquiagem e peruca, logo depois indo se prostituir com outras travestis. Ela chegou a contar mais de vinte compartilhando o mesmo ponto. Fazia programas pois não encontrava trabalho formal. Com esse dinheiro, mobiliou seu quarto, fazendo uma reforma na casa que vivia, dividindo-a em três: uma para sua mãe, uma para sua

irmã e outra para ela. Assim, garantiria mais tranquilidade para sua mãe, pois acreditava que não faria mais barulho chegando tarde da noite.

Dividiu casa com outra amiga trans. Viveram juntas por mais de três anos. Só pararam de compartilhar casa, quando sua colega começou um relacionamento com um garoto. Não gostava da presença dele. Não achava que ele era confiável. Ela relatou que viu diversas vezes ele traindo a amiga enquanto ela trabalhava fora de casa. Ela inclusive foi sua colega de classe no período que cursou a EJA.

5.2 LUA

Lua é uma jovem que se considera privilegiada. Teve total apoio da família, principalmente sua mãe. Ela relatou que desde muito pequena, sua mãe já percebeu seus trejeitos e afirmava que nunca viu a filha como menino. Tinha muito desejo de ter uma filha, e sabia que mais cedo ou mais tarde isso viria acontecer.

Não precisou contar para a sua mãe sobre nada. Afirma que tudo fluiu naturalmente. Em casa, tinha um ambiente de muito amor e respeito. Nasceu na cidade de Porto Nacional – TO, porém se mudou para a capital Palmas aos dois anos de idade. Seu pai é um servidor público e sua mãe é médica.

Ainda vive com sua família e não tem interesse de sair de casa. Considera que sua vida é confortável e pretende ser médica como a mãe. Na época da pesquisa, estava estudando em um cursinho preparatório para o vestibular de medicina e para o ENEM. Sua mãe a havia dado a opção de estudar em uma universidade particular, caso não conseguisse em uma federal.

Ela considera que sua infância foi tranquila, porém, ainda sofreu muitos xingamentos na escola, por seu jeito, que sempre foi mais feminino. Uma professora, deixou escapar um nome pejorativo e isso foi o motivo de sua mãe procurar a escola e exigir a demissão da professora. Lua relata que sua genitora sempre foi muito protetora, queria que ela vivesse em um mundo perfeito, e tentava deixar tudo mais confortável para a filha.

Sempre teve uma predileção por brinquedos considerados femininos. Sua mãe lhe dava roupinhas de princesa, bonecas de variados tipos e tamanhos. Jamais pensou em ter brinquedos masculinos, lhe dava pânico pensar em futebol, carrinhos e outras coisas que são atreladas ao universo masculino.

Lua iniciou sua transição aos 15 anos. Pediu para a mãe que procurassem atendimento para realizar a hormonização. Mas em Palmas, o ambulatório trans ainda estava em fase de

estudos de implantação, então foram até o estado de São Paulo para consultarem com um endocrinologista especializado.

Ela conta que foi algo tranquilo para ela, mas assustador para seus parentes, pois o restante de sua família é formado de pessoas cristãs – conservadoras. Sua mãe sofreu muitas críticas, mas nunca a abandonou, muito menos seu pai. Lua conta que a mãe foi chamada de “comunista esquerdista” e até não convidada para os eventos sociais quando ela começou a transicionar. Porém, como sua transição lhe trouxe passabilidade, hoje sua família a respeita como ela é.

Na escola, Lua afirmou que apenas sofreu xingamentos por parte dos colegas até o momento que se identificava como homossexual. Quando finalizou sua transição, a homofobia sofrida por ela praticamente acabou, despertando outro efeito nos colegas, a curiosidade em saber como era ser trans.

Lua diz reconhecer seu papel enquanto uma pessoa privilegiada em certos aspectos: é branca, loira, de cabelos lisos naturais e tem a passabilidade. Atingiu um patamar sonhado pelas outras trans que convive, raramente a identificam como uma pessoa transgênero. Também sabe que só precisa contar às pessoas se ela mesma quiser.

Porém, Lua afirma saber seu papel dentro da sociedade, mesmo que as coisas tenham sido mais fáceis para ela. Ainda falta uma etapa em sua transição de gênero, mas ainda está em busca do melhor profissional, que possa atender suas expectativas. Mas de alguma forma quer encontrar algo que possa fazer em benefício de outras pessoas trans que não tiveram os mesmos processos que ela.

Ela admira a área da medicina por causa de sua mãe e viu nisso uma forma de também ajudar ao próximo. Acredita na medicina por amor. E que a medicina que a possibilitou ser quem é.

5.3 MARTE

Nasceu na cidade de Natividade – TO. Sua mãe trabalhava com serviços gerais, contratada para a prefeitura da cidade. Morava com sua avó e um tio. Desde muito pequena, via o sofrimento da sua avó, lutando contra o alcoolismo de seu tio. Sua mãe sempre ausente, pois ajudava no sustento da casa. Somente a aposentadoria da sua avó não era suficiente.

Desde muito jovem, já sabia que era uma pessoa trans. Apenas não entendia como isso funcionava. Queria ter uma boneca. Pegou uma de sua prima, e a escondia debaixo de sua cama.

Quando as luzes se apagavam, ela pegava o bebê de plástico para brincar, no escuro mesmo. Na escola, amava pular elástico, amarelinha, mas odiava jogar bola.

Reagia com agressividade quando era xingada. Se recorda que levou uma suspensão porque derrubou um colega e esfregou seu rosto na areia do pátio. Apanhou da avó quando chegou em casa, mas relata que a surra não doeu. A satisfação em ter se vingado foi excitante. Considera que sua infância foi muito feliz. Apesar de sua primeira relação sexual ter sido contra a sua vontade. Seu tio chegou bêbado e a obrigou a fazer sexo.

Não chegou a relatar para sua avó, nem para a sua mãe. Começou a ter a vida sexual ativa muito cedo. Conta que tinha relações com vários meninos da cidade, alguns muito mais velhos que ela. Não entendia muito bem, mas a sensação de fazer sexo era boa. Terminou o ensino fundamental e logo a situação se tornou insustentável em casa. Sua mãe não aceitava sua transição.

Com quinze anos, foi de carona até a cidade de Gurupi e gostou de estar em uma cidade maior. Sua família a procurou por todos os cantos e quando se reencontraram, sua mãe foi enfática: só deixaria a casa quando fizesse dezoito anos. Teria que terminar ao menos o ensino médio.

E assim o fez. Já estava transicionando quando cursou o ensino médio. Seu cabelo estava liso à altura dos ombros. Sofria muita homofobia. Quando comentava algo ou respondia o questionamento de algum professor, era alvo de piadas. A escola se isentava. Uma supervisora, uma vez, a chamou e falou que se ela se comportasse como homem, cortasse o cabelo e falasse com a voz grossa, os outros alunos poderiam lhe respeitar mais.

Mas ela já tinha sua convicção. Não iria mudar, nem voltar atrás. A sua visita a Gurupi, a fez ver que a vida poderia ser diferente. Adorava sua cidade, mas queria ter novas experiências. Então partiu, de carona, descendo de posto em posto até chegar à cidade de Goiânia – GO. Não conhecia ninguém até então. Já sabia que a moeda de troca era seu corpo. Se quisesse comer, precisava fazer isso. Até que foi vista por outra pessoa trans, que a levou para um pensionato.

No pensionato, teria comida e cama, mas teria que pagar por tudo, e seria anotado em um “caderninho”. Nesse lugar, que era chamado de “hostel”, caso alguma fiscalização chegasse, o local tinha um registro de pessoa jurídica e as meninas precisariam dizer que estavam apenas hospedadas ali.

A dona do hostel também controlava as ruas que elas trabalhavam. Então praticamente todo o dinheiro que elas ganhavam, era administrado pela dona do lugar. Ela fazia questão de influenciar as meninas com ofertas de mudanças corporais, com um baixo custo. Marte conta

que uma vez acompanhou uma colega em uma sessão de “bombaço”, que era a injeção de óleo de silicone líquido, para aumentar os glúteos e pernas. Isso consistia na aplicação com agulhas com calibres cavaleares, já perfuradas em via intramuscular, de grandes quantidades do óleo de silicone, que é geralmente utilizado na indústria automobilística, moveleira, e outros segmentos. Logo depois que injetavam esse óleo, as meninas precisavam permanecer por dias deitadas, de bruços, com amarrações para que essa substância se alojasse nas áreas pretendidas e não percorresse o corpo delas.

Mas essa amiga que Marte acompanhou não se sentiu bem. Logo após às primeiras horas da aplicação, começou a “ficar branca e tremer de febre”. Apenas lhe deram dipirona para a dor e febre, mas ela teve duas paradas cardíacas e faleceu enquanto estava sendo atendida pelo SAMU. Foi enterrada com seu nome masculino, que ainda está em sua lápide. A dona do hostel dividiu os custos do funeral com as meninas que trabalhavam no hostel. Nenhuma se opôs.

Mesmo vendo o que aconteceu com sua colega, Marte passou pelo mesmo procedimento. Em seu caso, deu tudo certo. Atrairia mais clientes, com suas formas mais proeminentes. Planejava voltar a estudar quando estivesse bem-sucedida. Não queria permanecer a vida toda neste trabalho, mas acreditava que era sua única opção.

Teve alguns desentendimentos com a dona do hostel que morava. Descobriu que tudo era superfaturado. Não concordava com aquilo e foi questionar. Apanhou bastante naquele dia, e foi obrigada a dormir nua, molhada e com frio, no pátio do lugar. Aquilo serviu como uma lição e decidiu que não questionaria mais nada diretamente. Iria agir de forma ardilosa. Além de todo o seu dinheiro ir para a dona do lugar, toda e qualquer coisa que não a agradasse, gerava uma “multa”. De um chinelo fora do lugar, à cabelo no ralo do banheiro. Tudo era um motivo para ter que dar dinheiro à cafetina.

Aquilo foi o ponto de virada em sua vida. Decidiu voltar a morar no Tocantins, escolhendo a cidade de Gurupi para se estabelecer. Tinha um sonho de abrir uma loja de roupas e assim o fez. Juntou algumas economias e fugiu de Goiânia, lugar em que sua cafetina declarou que se voltasse, morreria.

Decidiu também voltar a estudar, e fez todo o ensino médio, na modalidade regular. Estudava à noite e relata que ia mesmo se estivesse cansada do trabalho na lojinha. Decidiu seguir os estudos, e até a época da pesquisa estava cursando Administração, na modalidade EAD, totalmente digital. Estava bastante animada com a facilidade e não precisar se deslocar diariamente para uma sala de aula. Porém, ela dava muito valor à escola, pois isso fez com que ela pudesse mudar de vida.

5.4 NETUNO

Nasceu em um pequeno povoado no estado do Maranhão. Seu parto foi muito difícil, feito por uma parteira, na pequena casa de adobe, coberta de palha. Tinha dois irmãos mais velhos. Depois de seu nascimento, sua mãe ainda teve duas meninas. O pequeno povoado era afastado da cidade, então seu pai permanecia em casa durante três dias na semana, e viajava até a cidade mais próxima para vender o que produziam em casa.

Sua mãe era artesã. Produzia inúmeros itens em palha, como bolsas, chapéus, bandejas, entre outras coisas. Seus irmãos mais velhos a ajudavam. Quando completaram a maioridade, saíram de casa para construir suas famílias. Sua mãe, apesar dos afazeres era muito amorosa. Mesmo cansada, no final das noites, pedia para ver o caderno dos filhos. Não era alfabetizada ao ponto de ter uma leitura fluente, mas sempre procurava pelos sinais de correto nas atividades de seus filhos. Brigava bastante com eles quando via os sinais de “X” em vermelho.

Seu pai já era muito mais exigente. Desde muito pequenos, todos os filhos deveriam ajudar no trabalho. Tinham uma pequena horta em casa, que usavam para complementar a alimentação. Netuno se recorda que desde muito pequena, já tinha a responsabilidade de regar as plantas. Quando cresceu mais, assim que chegava da escola, tinha que ir ao matagal, ajudar seu pai a cortar as palhas que sua mãe usaria no artesanato. Nas férias, as responsabilidades dobravam.

Na escola, era outra pessoa. Conversava muito na sala de aula, escrevia bilhetinhos, não conseguia copiar as coisas antes da professora apagar o quadro. Se aproveitava do fato de sua mãe não saber ler direito e fazia ela assinar os recados da professora, pensando que era outra informação.

Netuno disse que nunca gostou muito de estudar. Não conseguia entender direito o que era ensinado. Matemática então “era um horror”. Quando se tornou adolescente, pegava o ônibus que os levava para a escola, mas pulava o muro da escola e “matava aula” na praça da cidade.

Foi nessa época que se descobriu sexualmente. Relata que começou a ter relações sexuais de maneira desenfreada. Não importava com quem fosse. Isso fez com que perdesse o interesse total na escola, reprovando três vezes. Com muita luta terminou o ensino fundamental. Ficou conhecida em toda a cidade, ainda antes de transicionar. Seu pai ficou sabendo de sua fama e lhe agrediu fisicamente, por diversas vezes, na tentativa de lhe transformar em um “homem de verdade”.

Como seu pai era muito conservador, fez um casamento arranjado. Netuno disse que nunca sentiu raiva de sua esposa, pelo contrário, tinha muito carinho e admiração por ela. Mas foi uma verdadeira luta para “consumar o casamento”. Tiveram três meninas. Foi quando as condições ficaram mais apertadas e Netuno decidiu se mudar para Palmas – TO, na esperança de conseguir emprego, para proporcionar algo melhor para suas filhas.

Assim, se mudou para Palmas, e inicialmente ficou na casa de uns amigos que tinha. Mas isso durou pouco tempo, pois um dia a noite, passou perto de um ponto, onde travestis faziam programas e isso despertou a sua curiosidade. Fez amizade com elas. Teve um desentendimento na casa que estava hospedada, e se mudou provisoriamente para a casa de uma das travestis que havia feito amizade.

Por sugestão de uma delas, se “montou” e foi para a “pista”, que era como apelidavam o ponto em que se prostituíam. Foi quando Netuno sentiu a sensação de liberdade. Percebeu que não era aquele homem que a sociedade esperava e que lutava tanto contra seus sentimentos. A primeira semana foi muito lucrativa. Conseguiu mandar bastante dinheiro para a mãe de suas filhas.

Quando ligava para elas, sempre dizia que havia arrumado um emprego bom. Mas escondia da família que se travestia. Não fez nenhuma intervenção hormonal, muito menos cirúrgica. Se transformava à noite e de dia vivia como um homem homossexual. Ajudava sua amiga nas despesas com a casa e estava vivendo feliz, apesar da saudade que sentia de suas filhas.

Sua então esposa decidiu que viria visitá-la com as três crianças. Netuno teve que alugar um quarto às pressas e suas amigas emprestaram alguns itens. Quando a esposa chegou e viu a situação, decidiu que retornaria para o Maranhão, para que Netuno se estabelecesse, e somente quando tudo estivesse bem, se reuniriam como família novamente.

Isso foi o estopim para que Netuno lhe contasse o que estava acontecendo. A partir daí, não se relacionariam mais, estando casados apenas no civil. Netuno se sentiu livre para encontrar um amor. Isso também a motivou para retornar aos estudos. Seu novo companheiro a estimulou a se matricular na EJA (Educação de Jovens e Adultos), pois lhe permitiria concluir em menos tempo.

Netuno ainda tentou um emprego em um restaurante. Começou com a experiência de noventa dias, em carteira assinada. Porém, para fazer a efetivação dela na empresa, o dono do estabelecimento pediu sua documentação completa, mas como ela não havia terminado o ensino médio, perdeu a vaga.

Continuou então a trabalhar com prostituição e seu parceiro não aceitou, se revoltando contra ela. Entre idas e vindas, terminaram o relacionamento. Com muita luta, Netuno conseguiu terminar o ensino médio. Também teve a ajuda de uma amiga, também trans que a estimulava.

De vez em quando voltava para visitar suas filhas no Maranhão. Por causa da distância e das poucas ligações, elas não a reconheciam como pai, e sim, o avô paterno, que as sustentavam. Netuno conta que depois que seu pai descobriu a sua sexualidade, a relação deles piorou. Sua mãe intervia na situação, por isso o afastamento aconteceu. Para as meninas, Netuno era apenas “um primo”.

Netuno conseguiu a separação somente depois que sua filha mais velha fez dez anos de idade. Já vivia com outro companheiro e ele a sustentava. Já não queria mais voltar para sua antiga cidade, porque passou a se reconhecer como uma mulher. Seria mais um motivo de chacota, como sua vida toda foi. Estava feliz com o que havia se tornado, queria apenas esquecer o seu difícil passado.

Ainda tem vontade de cursar uma faculdade, mas não sabe qual curso escolher. Iniciou o curso técnico em enfermagem, mas abandonou. Achava muito complicados os termos técnicos. Mas não desistiu do sonho, só acha que precisa estudar mais, considera que por toda a sua vida a escola não foi suficiente.

5.5 SATURNO

Nasceu em Cariri do Tocantins, quando o território do estado ainda era Goiás. Sua família é humilde e bem numerosa. É uma família católica, bem conservadora. Quando era muito jovem sua família se mudou para a cidade de Gurupi. Moravam em uma casa pequena, com seu pai, mãe e irmãos.

Conta que sua mãe era daquelas que se sentava na frente da casa e observava a vida de todos os outros vizinhos. Ela poderia ser perguntada, que sempre saberia o que cada um estava fazendo. Saturno tinha proximidade com uma de suas irmãs, que sabia que desde pequena ela já era diferente.

Ela assume que não gostava de estudar. Parou na antiga oitava série, atualmente, nono ano do ensino fundamental. Começou a trabalhar em uma empresa de transporte e com isso conheceu várias cidades do Estado. Decidiu se mudar para a capital para tentar uma vida nova. Assim que chegou, conseguiu um emprego em um escritório, para despachar documentos,

postar encomendas nos correios, atender telefone e outras coisas relacionadas ao ofício de assistente de escritório.

Gostava bastante do que fazia porém tinha uma grande dificuldade em ler pois havia parado de estudar há muitos anos. Foi quando decidiu terminar o ensino fundamental através da prova do Encceja. Não passou de primeira, e tentou no ano seguinte. Comprou um caderno, e começou a assistir aulas via plataformas de vídeo, como YouTube.

Também pediu a ajuda de alguns amigos para que lhe ensinassem os conteúdos que cairiam na prova. Somente assim conseguiu passar e concluir o ensino fundamental. Foi aconselhada a se matricular no EJA, pois os professores poderiam lhe dar uma atenção melhor. Iniciou os estudos em uma escola pública, porém faltava muito e não concluiu o semestre.

Foi quando se matriculou em uma instituição do sistema s, o Sesc que ofertava o EJA de ensino médio. Em um ano e seis meses conseguiu concluir o ensino médio. Nesta época tinha uma vida dupla: trabalhava de dia no escritório, e à noite se vestia de mulher e se prostituía. Foi quando o seu chefe descobriu sua vida dupla. Ele conversou com Saturno, mas não a impediu de continuar, apenas pediu discrição no seu local de trabalho.

Saturno sempre foi muito próxima de sua família. Nos feriados e finais de semana, viajar para Gurupi para ficar com seus parentes. Neste início, apenas tomava hormônios por conta própria para tentar se feminizar. Mas como ela mesma relata já havia passado dos 30 anos e não sentia que havia algum efeito feminizante.

Deixou os seus cabelos crescerem, entretanto, foi admoestada por seu chefe para que cortasse pois não estava de acordo com os padrões do escritório. Foi quando decidiu voltar a estudar e fazer um curso técnico profissionalizante. Estava em plena época de transição. Decidiu abandonar o trabalho e negociou com seu chefe para que recebesse o auxílio desemprego.

Enquanto estudava, decidiu transicionar completamente. Não teve problemas com seus colegas de curso, apenas um ou outro que ainda chamavam pelo pronome masculino. Ela relatou que estava em uma mudança externa e interna e que não foi fácil seu processo de transição após os 35 anos.

Como sua família era muito conservadora passou a ser vestir como um menino quando ia visitá-los, apesar de já estar com o corpo mais feminino. Essa dualidade lhe causava muito medo, pois tinha algumas amigas que haviam sido rejeitadas por suas famílias e não queria que essa história se repetisse com ela.

Relata que usava roupas mais largas, e faixas para esconder os pequenos seios. O cabelo amarrado sempre. Conta que em uma das visitas a mãe lhe perguntou se estava virando

“roqueiro” por causa do cabelo grande. Em Palmas, já era conhecida pelo seu nome social, pois ela se considera uma pessoa que é popular no meio LGBTI+.

Nossa participante afirma que não foi um processo fácil. Mas pouco a pouco foi realizando suas alterações corporais. Fez cirurgia de feminização facial total, lipoescultura, colocou próteses nos seios. Tudo para harmonizar seu interior com o exterior. Mas sentiu que enquanto fazia sua transformação, se afastou bastante de sua família, chegando a passar datas comemorativas sozinha, datas essas que eram especiais para eles.

Ela acredita que a parte mais difícil de sua transição foi abandonar a prostituição. Ela usou como um suporte até conseguir terminar o seu curso técnico e encontrar uma oportunidade. Porém, para ela, aquilo se tornou viciante. Não apenas pelo dinheiro que ganhava, mas se sentia amada e desejada. Afirmou que já não era mais tão nova, que havia outras mais jovens e bonitas que ela, mas ali era um lugar em que se realizava.

Ainda está trabalhando no emprego que conquistou logo após terminar o curso. Saturno conta que foi bem difícil estudar, pois seu curso envolve muitos termos técnicos que não são de uso comum. Ela cita que a parte mais difícil foi a anatomia humana, e que pensou em desistir por diversas vezes. Mas que se sente uma guerreira em não ter desistido. Quer influenciar outras pessoas.

Um desafio era fazer um curso superior, apesar de suas dificuldades cognitivas. Ela acredita ter um pouco de dislexia, mas nunca procurou um profissional para verificar se tem essa condição. Conta com ajuda de amigos, que lhe auxiliam na questão do uso do computador para fazer os trabalhos e atividades acadêmicos. Quando participou do grupo focal, estava cursando Tecnologia em Gestão Pública.

Almejava fazer mais pela população e pretendia ingressar na carreira política. Mas sabia que não seria algo tão fácil. Daí encontrou no curso superior a maneira de entender mais como funciona a administração pública, para daí conseguir se dedicar à atividade que tanto sonha. Se considera uma pessoa carismática, que tem por dever de vida ajudar outras pessoas, independentemente de “quem seja”.

5.6 SOL

Nasceu na cidade de Araguaína, no norte do estado. Caçula de uma família de sete irmãos, foi criada em um lar extremamente conservador. Toda semana participava de três cultos. Em casa, sempre ouviam os hinos da igreja. Sua mãe era obreira e seu pai um pastor muito importante.

Cresceu com um enorme sentimento de culpa. Precisava esconder seus sentimentos, pois não sabia como sua família iria reagir. Uma de suas irmãs foi sua maior confidente nos tempos em que se escondia. Relatou que fazia força para engrossar a voz, mas não conseguia. O bullying acontecia e se tornou normal em sua vida.

Quando começou a acessar a internet, no início dos anos 2000, costumava entrar em salas de bate papo. Conversava com outros garotos, em busca de encontrar alguém que pudesse contar tudo o que sentia. Sexualmente, teve experiências ainda muito cedo. Aos dezoito, iniciou sua vida amorosa. Namorou um garoto que conheceu na universidade federal.

Logo, foram morar juntos. Havia se mudado para Palmas, pois só havia o curso de economia na capital. Foi quando conseguiu finalmente se libertar de toda a pressão. Mudou suas roupas, usava calças apertadas, que estavam conforme a moda da época. Acessórios, chapéus, até uma leve maquiagem... estava realmente livre.

Sua irmã fazia visitas mensalmente. Nunca proferiu nenhuma palavra de julgamento. Logo, escolheu fazer o curso de odontologia, mas a família iria ajudá-la. Com isso, SOL nasceu. Como uma brincadeira, começou a se “montar”. Colocava peruca, passava maquiagem, usava tênis. Se inspirava na cantora Britney Spears, sua ídola adolescente.

Se sentiu confortável nas vestes femininas. Não se entendeu como trans em um primeiro momento, os tempos eram outros, não havia muitas informações como atualmente. Ainda assim, surgiu um sentimento de compaixão pelas travestis e transexuais que ia conhecendo. Via as histórias e dificuldades de cada uma. Era preciso fazer algo. Começou a organizar ações informais como servir marmitas para as que estavam em situação de prostituição. Até acolhia algumas temporariamente em sua casa.

Seu namorado da época não entendeu quando SOL começou a ajudar as pessoas “T”. Isso foi o que os fez terminar o relacionamento. Ela decidiu, a partir deste acontecimento, que assumiria quem realmente era. Ela confessa que renasceu. Deixou seu cabelo crescer, pintou de uma cor diferente e passou a usar lentes de contato. Agora trabalharia arduamente para garantir os direitos das pessoas trans.

Em seu trabalho, foi muito bem aceita. Nunca houve problemas, e ainda conseguiu um cargo de chefia. Porém, um acidente grave a fez deixar a capital e voltar para sua cidade natal pois precisava de cuidados especiais. Fazia muito tempo que sua família não a via. Houve reações mistas.

Sua mãe, muito fervorosa na igreja, teve uma reação que a surpreendeu. A aceitou tranquilamente. Com isso, toda a sua família passou a se abrir mais para ela. Usavam muito a questão da religião, mas respeitavam a sua decisão. Ela era pós-graduada, e os estudos eram

muito valorizados em sua família. Sol utiliza seus conhecimentos para ajudar outras pessoas “T” à conquistarem seu espaço na sociedade, em busca de condições de vida melhores.

5.7 TERRA

Desde pequena sua mãe lhe contava que ela já tinha “um jeitinho”. Uma delicadeza especial. Por isso, ela seria uma mãe leoa, daquelas que protege sua prole a qualquer custo. Tinha mais irmãos, porém já era a “queridinha da mamãe”, como conta. Entretanto, sempre teve uma personalidade forte, não gostava de injustiças.

Conta que na época que iniciou o ensino fundamental, tinha uma coleguinha preta, retinta, de cabelos crespos. Os outros colegas não queriam brincar com ela, por sua cor. Aquela foi sua primeira indignação. Brigou na escola para defender sua amiguinha. Isso criou uma amizade duradoura: são amigas até os dias atuais.

Uma defendia a outra quando sofriam os ataques na escola. Nossa participante ainda não sabia bem o que era. Por dentro já se sentia uma menina. Quando contou para sua mãe, ainda pequena, obteve muito apoio. Mas na escola, era rejeitada pelos meninos. Principalmente quando foi crescendo.

Quando estava no 7º ano, decidiu começar sua transição, por conta própria. Pediu dinheiro para sua mãe, se dirigiu até uma farmácia e comprou anticoncepcional. Ninguém lhe perguntou o que iria fazer com a medicação. Tomava religiosamente um comprimido por dia. Na escola, ia uniformizada. No período oposto, já estava usando roupas femininas, que pegava da sua irmã e que sua amiga lhe dava quando já não servia mais.

Ganhou um apelido pejorativo dos colegas de escola. Esse apelido ultrapassou os muros da escola e toda a cidade a chamava dessa forma. Mas isso não abalou a sua confiança, pelo contrário, quanto mais a xingavam, mais criava força para ser quem era. Logo, com seu corpo se transformando, chamava a atenção de colegas, que queriam se relacionar sexualmente com ela.

No ensino médio, conheceu um rapaz que mudaria sua vida. Ele veio com sua família, do Paraná, para o Tocantins. Se matriculou na mesma escola que Terra. Ele era bem mais introvertido, ela já bem agitada. Porém, foi bem direto quando disse que queria conhecê-la. Começou a visitá-la em casa.

Quando estavam no segundo ano do Ensino Médio, ele a chamou para morarem juntos. Ela conta que se sentiu realizada. Mas seu namorado sofria uma grande pressão dos colegas. Ele não tinha trejeitos, era o “homem” que a sociedade esperava. Ela relatou que eles

perguntavam o porquê de seu namorado não procurar uma mulher de verdade, que ele poderia estar apenas confuso. Aquilo sempre a machucava. Nas brigas de casal, ela falava isso para ele. Ela diz que ele também se sentia machucado, mas nunca a retrucava. Foi uma relação que a machucou muito, e a moldou para ser a pessoa que ela é hoje.

Quando se separou, fez de tudo para tentar voltar com ele. Mas descobriu suas traições, com outras trans. Isso a fez ver a vida com outros olhos. Primeiro, sentiu raiva das outras. Depois, percebeu que não podia ir contra, pois as outras não tinham culpa de nada. Começou a ter contato com outras mulheres travestis e transexuais e a entender os contextos que elas estavam inseridas.

Realizou um grande sonho que era o de ser mãe. Conseguiu adotar uma criança. É uma mãe muito presente, assim como a sua também foi. Assim que sua criança crescer mais um pouco, vai voltar a estudar. Pretende ingressar em uma faculdade, mas ressalta que precisa ser presencial, pois ela afirma que vai conseguir aprender muito mais.

5.8 URANO

É filho de uma professora de séries iniciais. Desde muito pequeno acompanhava sua mãe em suas atividades profissionais. Ela sempre foi muito dedicada e empenhada no ensino de seus alunos. Porém, nunca deu aula para seus filhos. Queria que eles recebessem uma educação de qualidade e acreditava nisso. Por isso, achava que suas colegas deveriam também ofertar o melhor a seus alunos.

Quanto a Urano, sempre gostou muito de esportes. Quando sua mãe foi trabalhar em uma escola de tempo integral, matriculou os filhos lá. A escola ofertava várias modalidades e também treinamentos após o horário das aulas. Foi nessa época que ele começou a se descobrir. Relata que suas amigas sempre tentavam arrumar um colega para que Urano pudesse “dar uns beijinhos”. Mas Urano não queria beijar meninos, queria meninas.

Urano já tinha um jeito masculinizado, mas suas colegas não entendiam. Em um dos vários eventos da escola, lhe emprestaram vestido e um sapato de salto. Ele se recorda que foi muito constrangedor, porque não sabia como andar e nem se portar de vestido. As colegas o repreendiam por sentar-se de pernas abertas.

Maquiagem só se recorda de ter usado nesse dia em específico. Era algo quase repugnante para ele. Quando chegou na fase da adolescência, brigava bastante com os colegas de sala. Era xingado de “sapatão, macho-fêmea, lambe-lambe e muito mais”. Ainda assim, resistia sozinho contra as investidas homofóbicas que sofria.

Quando entrou para o time de futsal da escola, conheceu outras pessoas que pensavam como ele. Se aproximou de uma jogadora, que foi a primeira a saber sobre ele. Recebeu total apoio da colega. Ela dizia sentir atração por meninas também, mas não chegava a se identificar como menino.

Urano tomou confiança e contou para outra amiga. Porém, a recepção não foi o que ele esperava. Ela argumentou que isso não era de Deus. Que iria levá-lo para sua igreja e com muita oração esses sentimentos poderiam ir embora. Só que a partir daquele dia, Urano não poderia mais dormir na sua casa, como faziam desde quando eram crianças, porque ela contaria para sua mãe e ela impediria qualquer aproximação a partir dali.

Ele relatou que isso foi um choque. Como Deus poderia ser tão mau, quando ele não tinha escolha sobre os seus sentimentos. A partir disso, sua fé ficou abalada, e ele “se fechou novamente em seu mundinho”. Achava até então que preconceito era somente aquilo que os seus colegas faziam com ele em sala de aula.

O estranhamento de sua amiga fez com que se afastassem. Mas encontrou outras amigas que o compreendiam e até mesmo compartilhavam dos mesmos sentimentos, “em partes”. Ele contou que não se entendia direito, não queria ser uma menina, nem ter um visual de menina. Por isso, conversou com sua mãe e cortou o cabelo bem curto. Isso foi o estopim para que a homofobia aumentasse com ele.

Decidiu que ia pesquisar mais sobre o que sentia. Até que viu um caso semelhante ao seu, que ficou muito popular. O filho da cantora Gretchen havia feito a transição. Poderia ser que ele também fosse um homem trans. Como sempre foi muito aberto com sua mãe, ela foi a primeira a saber. Recebeu total carinho e apoio.

Entretanto, não havia opção de uma hormonização segura na cidade. Ele precisaria de apoio não apenas de um médico endocrinologista, mas de suporte psicológico também. Devido ao não acesso e não disponibilização dessa equipe pelo Sistema Único de Saúde (SUS) em Palmas, ele decidiu procurar no Estado de São Paulo.

Assim, iniciou com a medicação receitada. Somente depois de algum tempo que o processo transexualizador chegou até a sua cidade, e pôde ser acompanhado mais próximo de sua residência. Ele relata que sua transição foi um processo incrível e emocionante. Quando o primeiro pelo de sua barba cresceu, ele derramou lágrimas de emoção.

Durante o ensino médio, ele manteve sua paixão pelo esporte. Montou um time estudantil e começaram a competir em todo o estado, até mesmo fora. Jogava bastante com suas colegas. Começou a se dividir entre a escola e os jogos. Assim que terminou o ensino médio, começou a trabalhar.

Sua mãe havia conseguido um contrato para ele, na escola que estudou. Ele entrou para a equipe de serviços gerais. O salário não era bom, mas ele se dedicou ao máximo. Para complementar a renda, ele começou a ser entregador de aplicativo. Com isso, prestou vestibular para Educação Física, em uma faculdade particular. Foi aprovado e começou a estudar.

Teve dificuldade na inserção do seu nome social. A faculdade alegou que não havia recebido alunos assim antes. Nos primeiros semestres, ainda foi chamado pelo seu nome feminino. Isso o motivou a procurar um cartório para alterar seus documentos. O processo foi bem rápido, devido a regulamentação do Conselho Nacional de Justiça, que facilitou para muitas pessoas trans. Somente assim que conseguiu ser chamado pelo seu nome.

Enquanto ainda estudava, sofreu um acidente enquanto ia fazer uma de suas entregas. Não se recorda direito como foi, só lembra de pedir socorro a um de seus colegas. Ficou vários dias no hospital. Perdeu o movimento de um dos pés. Essa condição o afetou profundamente, pois era um esportista ativo.

Precisou se readaptar e recomeçar a vida. Começou a fazer uso de uma órtese, que lhe daria sustentação para os movimentos cotidianos. Se tornou o técnico do time, e permaneceu na faculdade de Educação Física. Como técnico, guiou o time para diversas vitórias. Algum tempo depois se formou. Ele relata que ainda tem vontade de fazer uma pós-graduação, mas não escolheu qual. Está atualmente esperando sua nomeação em um concurso público, no qual foi aprovado.

6 (UNI)VERSOS

O processo de descoberta de uma pessoa transgênero nem sempre é fácil. É marcado por várias impressões pessoais, sendo na maioria das vezes um desconforto com o corpo biológico que se reflete na aparência. Isso vai de encontro com o que a sociedade espera, que todos os corpos sejam normatizados entre macho e fêmea.

O processo de escolarização é delicado para as pessoas trans. Isso pode refletir traumas e medos quando chegam à vida adulta. Diversas pesquisas mostram que existe uma evasão alta, por parte de pessoas “T”, tanto nas escolas quanto na universidade (Castilhos, 2024; Jacinto, 2022; Salvador, Oliveira, Franco, 2021). A escola raramente é um local acolhedor, que respeita as diferenças e sabe lidar com as diversas expressões de gênero. A heteronormatividade e cisgeneridade fazem com que o próprio sistema seja opressor. Pessoas trans com altos níveis de escolaridade, ainda são exceções no Brasil.

As pessoas participantes relatam seus episódios de preconceito sofridos no ambiente escolar. Por parte dos colegas, todas relatam xingamentos, brincadeiras de mau gosto, discriminação, entre outras formas de violência. Interessante ressaltar a hipersexualização das pessoas transgênero, desde a tenra infância, dentro e fora da escola, como se toda a sua vida fosse ligada a algo sexual, ou a preparação para se tornar alguém atrativo para o sexo oposto.

Mas não apenas tristeza marca os momentos em âmbito escolar. Algumas relataram com alegria suas fases estudantis, com o reforço das amizades de outras pessoas que lhes serviram como apoio emocional. Outras relatam o importante apoio familiar, que as fizeram ser quem são.

As experiências aqui compartilhadas serão divididas em perspectivas de análise, sempre ligadas às vivências escolares, e paralelos em torno deste processo. Mesmo com narrativas diferentes, apresentaremos as experiências de cada pessoa trans participante. Para a presente etapa da pesquisa, identificaremos nossos(as) participantes com nomes de corpos celestes: Júpiter, Lua, Marte, Netuno, Saturno, Sol, Terra e Urano. Foram oito pessoas no total, que compartilharam suas vivências enquanto pessoas trans que passaram por processos educacionais.

Assim, dividimo-las em seis perspectivas:

- Processo de descoberta e afirmação da identidade de gênero
- Experiências de preconceito e discriminação na escola
- Desafios e oportunidades no ensino superior

- Violência de gênero e a comunidade trans
- Construção de uma escola/universidade acolhedora
- Impressões e projeções das vidas transgênero

6.1 PROCESSO DE DESCOBERTA E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO

O processo de descoberta de uma pessoa transgênero nem sempre é fácil. É marcado por várias impressões pessoais, sendo na maioria das vezes um desconforto com o corpo biológico que se reflete na aparência. Isso vai de encontro com o que a sociedade espera, que todos os corpos sejam normatizados entre macho e fêmea.

Nos relatos percebemos que na infância, acontecia uma pressuposição de uma homossexualidade, e que não se falava sobre a possibilidade da transexualidade. Eram “meninos gays” e “meninas lésbicas”. Júpiter afirma que o acesso à informação não era como é hoje, com a presença de mídias e conteúdos especializados. Primeiro, começou se identificando como gay, mas ao longo do tempo percebeu que algo não estava certo. Não se sentia bem vestindo determinados tipos de roupas, e, além da atração sexual por outros homens, também percebeu que não se sentia bem com seu corpo. A genitália não define sua orientação sexual, nem sua identidade como mulher, mas ao olhar no espelho e ver características masculinas, como a barba e o pelo, sentia-se incomodada.

Longe de ser uma questão de inveja, Júpiter queria se ver como as mulheres cisgêneras. No entanto, na época, não havia o acesso à informação que existe hoje, o que fez com que ela começasse a se descobrir lentamente, em um processo clandestino. A falta de informação era um grande obstáculo, e hoje ela observa que, em sua época, o termo “trans” ainda não existia e os termos como “travesti” eram usados de forma pejorativa. Atualmente, ela vê um grande avanço, com trans participando de novelas e programas de televisão, algo impensável no passado.

Urano descreveu seu processo de descoberta como lento, devido à falta de acesso à informação. O processo foi gradual e envolveu a aceitação dos pais, dos locais de trabalho, da escola e da faculdade. Primeiro, veio a aceitação de si mesmo, pois Urano não tinha acesso a informações sobre os procedimentos na época. Depois, a aceitação dos pais, que foi difícil, já que eles se separaram após a transição e descoberta de Urano. Na faculdade, houve um processo para a alteração do nome. Urano considerou todo o processo muito gradual e demorado.

Podemos perceber nas falas deles/as que o entretenimento teve um papel importante no processo de descoberta. As discussões sobre transexualidade são muito recentes, fato dado que não existe uma normatização sobre o processo transexualizador em todo o Brasil, apenas em alguns estados, sendo que no Tocantins ainda não faz parte.

Sol referenciou a frase de Simone de Beauvoir, "Não se nasce, torna-se assim", mas afirmou que sentia ter nascido assim. Desde a infância, Sol se identificava como menina, embora não compreendesse completamente isso na época. Sentia tristeza por não ter cabelo longo ou uma aparência feminina, o que a motivava a sonhar em se tornar a mulher que desejava quando crescesse. Ao longo da infância, Sol sempre se sentiu uma menina.

Diferentemente de Terra, que nasceu em uma outra época e teve total aceitação por parte de sua mãe. Ela diz que teve muita sorte, pois cresceu em um ambiente acolhedor, com uma mãe que a aceitou plenamente desde muito jovem. Sua mãe, que era bem instruída, logo identificou a identidade de Terra e, sem julgamentos, a apoiou nas escolhas de vida, como brincar de boneca ou vestir-se de forma feminina. Isso tornou o processo de descoberta e transição de Terra muito tranquilo.

Saturno relembrou que, desde pequena, sabia ser diferente e não gostava de atividades associadas aos meninos. Odiava usar camisas de botão e cortar o cabelo, preferindo brincar com bonecas. Saturno brincava secretamente com espigas de milho como bonecas, evitando as bonecas das irmãs por medo da reprovação dos pais. Apesar disso, participava de brincadeiras inclusivas na rua com outras crianças. O desejo de brincar com bonecas permaneceu forte, e, ao crescer, suas maneiras e voz se tornaram mais distintas, dificultando esconder sua identidade. Inicialmente, pensou ser gay, mas depois percebeu que era travesti.

Netuno descreveu seu processo de transição como muito lento, atribuindo o atraso às responsabilidades familiares e ao fato de ter filhos. Considera-se ainda em transição, fazendo pequenas mudanças diárias, e acredita que ser trans é uma jornada contínua que nunca termina.

Eles/as tiveram vivências semelhantes quando falamos de seus processos de descoberta. Isso acontece deste a tenra infância. Ainda assim, existe um momento de contraste, em que deixam de viver a vida que lhes foi designada no nascimento, para deixarem aflorar quem são em verdade.

Terra mencionou ser frequentemente insultada por um colega com termos depreciativos como "bichinha" e "baitolinha". Apesar disso, Terra tinha certeza de que não queria ser masculina de forma alguma.

Sol observou que, ao contrário de muitas pessoas trans e gays, teve a oportunidade de deixar o cabelo crescer longo e liso, o que considerou uma experiência positiva. Tem fotos com

professores da escola e reflete sobre como, na época, ter cabelo longo era visto como um traço feminino.

Lua expressou que sua experiência foi relativamente fácil, pois não enfrentou oposição e não sentiu necessidade de se assumir formalmente. Sua mãe a apoia, inclusive comprando roupas juntas, e Lua se identifica como mulher em casa. Alterou legalmente seu nome em todos os documentos sem precisar declarar explicitamente sua orientação sexual, sentindo-se muito à frente de seus amigos nesse aspecto.

Urano menciona que foi ao assistir ao programa Big Brother Brasil e à novela que teve um personagem trans, que começou a se perceber como alguém que poderia ser trans também. Isso lhe motivou a buscar mais informações sobre o processo de transição, o que fez por cerca de um ano antes de se assumir para sua família.

Por incrível que pareça, ele já conhecia uma pessoa que fazia parte do seu ciclo de amizade. E, curiosamente, essa pessoa também fazia parte da mesma trajetória. No caso, esse amigo também é um homem trans, e, coincidência ou não, ambos iniciaram a transição na mesma época, estando muito próximos um do outro. O amigo dele foi o primeiro a iniciar a transição, e foi através dele que o processo começou para ele também. Inicialmente, ele obteve informações sobre a transição pela internet, mas logo passou a se informar com o amigo, o que marcou o início de sua própria jornada.

Júpiter sentia muito medo no início, como já havia mencionado, devido à falta de conhecimento sobre o que estava vivenciando. Lembra-se de um momento específico, como se fosse ontem, quando uma amiga trans lhe disse: "A gente sabe o que você é, mas o que está te faltando? O que você precisa?" Ela teve a sorte de contar com o apoio de 'uma família maravilhosa, que esteve ao seu lado em todos os momentos'. Apesar do medo, a coragem surgiu para que ela enfrentasse a situação de forma aberta. Durante esse período, ela tomava hormônios de forma escondida, mas, após fazer algumas pesquisas, tomou uma decisão importante: não queria mais viver sua vida com base nos outros, mas sim por si mesma. Ela entendeu que, a partir daquele momento, a sua vida seria vivida de forma autêntica, e que, quem o aceitasse, aceitaria do jeito que era. Se alguém não aceitasse, ela seguiria sua vida assim mesmo.

Para Júpiter, a transição foi tranquila, especialmente no que se refere ao apoio da sua família. Inicialmente, ela sentia receio em relação à reação do seu pai e das suas irmãs, mas, felizmente, tudo ocorreu de maneira muito tranquila. Ele lembra de uma conversa com seu pai, que lhe disse que o mais importante era ser feliz do jeito que ele fosse. Seu pai reforçou que ela deveria viver a vida para si mesma, não para agradar aos outros, nem à mãe que já havia falecido, nem às irmãs. "Você tem que viver a sua vida para você, ser feliz do jeito que você é.

Não adianta se esconder atrás de máscaras ou portas. Vai em frente, e sempre terá apoio aqui," afirmou o pai. A partir desse momento, ela sentiu que obteve a coragem necessária para seguir com a transição. Júpiter sabe o quanto é difícil passar por isso, e reconhece que o apoio da família foi fundamental.

Saturno teve outra realidade. Demorou muito a aceitar a sua identidade de travesti. Nos primeiros tempos, ela apenas se "montava", mas sentia um alívio momentâneo ao tirar a roupa e a peruca, voltando à sua vida cotidiana como homem durante o dia. Esse alívio, no entanto, durava pouco, e com o tempo a vontade de se expressar como mulher só aumentava. Ela começou a perceber que os homens a desejavam mais quando se apresentava como mulher, o que raramente acontecia quando se apresentava como homem. Quando se via como homem, poucos a olhavam, e ela era alvo de insultos, como ser chamada de "viado feio". Durante esse período, ela mesma se sentia confusa sobre sua identidade. Era uma mistura dos dois gêneros, e ela pensava muito sobre o que sua família poderia achar. No entanto, decidiu parar de se preocupar com os outros e passar a pensar nela mesma. Afinal, já sofria preconceito, e um insulto a mais ou a menos não faria diferença. Foi então que tomou a decisão de assumir para o mundo que era uma travesti, "com muito orgulho".

No caso de Netuno, ela acredita que o ponto de partida para a transição foi o tempo que passou esperando. Durante muitos anos, tentou esconder sua sexualidade, e a situação não foi tão simples quanto para outras pessoas. Seu pai a forçou a se casar com uma mulher, e desse casamento nasceram três filhas. Ela pensava constantemente nelas, em como contar a elas que, desde criança, não se sentia como um homem. Se tivesse nascido em outra família, acredita que tudo teria sido diferente: teria sido aceita e não teria precisado enfrentar tantas dificuldades. Mas, naquele contexto, com o apoio de seu marido, ela finalmente começou sua transição. Sempre soubera que a travesti morava dentro dela, e só precisava ter coragem para deixá-la emergir.

6.2 EXPERIÊNCIAS DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA

Todas as pessoas LGBTQIA+, em algum momento da vida, já passaram por algum episódio de preconceito. Principalmente na escola, desde o ensino fundamental. Nossos/as participantes falam sobre suas experiências:

Marte reflete sobre o ódio que as pessoas sentem por pessoas trans e como isso está relacionado à dificuldade delas em respeitar as diferenças. Ela observa que muitas vezes esse ódio é direcionado sem fundamento, e questiona a forma como as pessoas maltratam as travestis

de maneira gratuita: “A travesti, por exemplo, está ali na rotatória onde ela se prostitui, porque ela não tem oportunidade de emprego.” Marte ressalta que as pessoas não precisam passar por aquele local ou recorrer aos serviços delas. Mesmo assim, as travestis são desrespeitadas e maltratadas, tudo isso sem motivo algum. Para ela, esse ódio parece irracional e sem justificativa, assim como todo tipo de ódio.

Já Júpiter acredita que o preconceito e o ódio contra pessoas trans vêm de uma origem muito antiga, com raízes no sincretismo religioso e nas influências da Bíblia e da Igreja Católica. Segundo ela, essas instituições têm um papel importante na formação de crenças que contribuem para a marginalização dessas pessoas. Ela também menciona as crendices populares e a maneira como, ao longo do tempo, as religiões influenciaram negativamente a visão que a sociedade tem sobre as travestis e pessoas trans em geral. Ela aponta que as igrejas, ao longo dos anos, se transformaram em negócios, e por isso muitas vezes fecham os olhos para questões que antes eram rigorosamente abordadas.

Sol vê o ódio direcionado às travestis como algo gratuito e sem explicação lógica. É um sentimento que ela não consegue entender completamente, uma raiz de ódio que parece não ter uma origem clara. Ela reflete sobre o fato de que nem todas as pessoas trans cometem crimes, como roubo ou assassinato, e que não são todas problemáticas. Mesmo que algumas travestis se envolvam em comportamentos indesejados, isso não as torna iguais a ela, e muito menos diminui o valor que ela tem como pessoa. Para ela, a diversidade dentro da comunidade trans é imensa, e o ódio contra elas não tem explicação. É um ódio sem motivo, que não consegue ser identificado.

Urano relatou vários incidentes, especialmente um da escola fundamental. Ao ir ao banheiro feminino para trocar de roupa após a aula, com seu cabelo curto e aparência geral, as outras meninas reagiram com surpresa e se afastaram. Isso fez Urano se sentir mal, como se estivesse fazendo algo errado, quando apenas queria trocar de roupa e tomar banho. Essa experiência marcou Urano profundamente.

Ele apenas queria se trocar, tomar banho e seguir para a aula, mas o olhar e o afastamento das meninas fizeram com que se sentisse rejeitado e desconfortável. Esse episódio ficou marcado em sua memória, mostrando como o simples ato de ser quem ele era gerava repulsa e desconforto nos outros.

Terra lembra com clareza o quanto sofreu bullying quando era mais jovem, mas destaca que, naquela época, o conceito de bullying e de preconceito não tinha visibilidade. As pessoas simplesmente não reconheciam o que estava acontecendo, e ela se via obrigada a engolir aquilo tudo sem poder expressar sua dor. Ela era forçada a tolerar o comportamento cruel dos outros,

como se fosse uma obrigação. Relatava episódios em que os meninos tiravam seu short para ver o que ela tinha embaixo das pernas e até colocavam borracha dentro de seu short para que ela tivesse que pegar com a mão, situações humilhantes e constrangedoras. Ela sofreu muito, mas, apesar de tudo isso, nunca deixou que aquelas experiências a abalassem. A dor estava ali, mas ela se concentrava em seus objetivos e no desejo de estudar. Para ela, embora o que acontecesse fosse doloroso, o mais importante era seguir em frente. Ela acreditava que, naquela época, o desconhecimento sobre questões de identidade e respeito era o principal culpado. Segundo ela, o problema estava na falta de educação e no desconhecimento, uma falha grande e latente na sociedade. Se tivesse tido acesso a mais informação, ela acredita que poderia ter lidado com essas situações de forma mais assertiva. Por isso, ela defende que hoje em dia as crianças devem ser ensinadas a respeitar as diferenças desde cedo, para que, quando chegarem à adolescência, possam compreender melhor a diversidade. Ela faz questão de ensinar seus sobrinhos sobre a transexualidade e outras questões de identidade.

Júpiter acredita que, desde a infância, quando era chamada de "viado" ou "boiola", ela já começava a se blindar contra os ataques e a violência verbal que sofria. A palavra "bullying", que atualmente é mais comum, não era alvo de discussões naquela época. A sociedade simplesmente a rotulava de maneira cruel, chamando-o de "viado", "viadinho", "florzinha". Mas com o tempo, ela aprendeu a lidar com isso. Ao ser chamada de "viado" ou "gay", ela foi desenvolvendo uma proteção emocional, uma resistência que a tornava mais forte. Ela acredita que, ao passar por tudo isso desde cedo, quando se tornou travesti, já estava tão blindada pelas experiências do passado que nada mais a afetava profundamente. Ela aprendeu a lidar com a hostilidade com leveza, sem deixar que as palavras ou atitudes dos outros a abalassem.

Durante o ensino fundamental, Lua enfrentou preconceito, incluindo atitudes cruéis de uma professora. Ela lembra que a professora disse uma vez: "Ai, viadinho", como se aquilo fosse algo normal e aceitável. Além disso, essa professora era evangélica, que, em sua visão, se sentia no direito de atacá-la verbalmente. Para Lua, o fato dela ser trans significava que ela não tinha Deus no coração, que não tinha amor a Deus, e isso fazia com que a professora tentasse impor sua religião de maneira intolerante. Fora essas atitudes, ela também enfrentava o desrespeito de seus colegas.

Saturno sofreu muitos insultos e até agressões físicas na escola. Um colega ameaçou "transformá-la em homem" e a agrediu fora da escola, enquanto outros assistiam sem intervir. Anos depois, o colega pediu desculpas. Saturno escondeu o incidente do pai para evitar mais punições. Apesar de gostar da escola e ser comunicativa, sua timidez a impedia de reagir ao bullying. Ao relatar os incidentes à professora, às vezes ela intervinha, mas outras vezes

ignorava, dizendo não querer "fofoquinha". Nas aulas de educação física, o professor a excluía do futebol, e após ser ignorada quando quis jogar, Saturno perdeu o interesse.

Netuno também passou por muitas situações de preconceito e abuso durante sua vida. Era constantemente alvo de piadas e chacotas, e um episódio que ele vivenciou foi particularmente doloroso: “eu acho que até eu fui abusada porque eu não morava perto da escola, e tinha que pegar um ônibus para ir nisso, dentro dos ônibus os meninos faziam o que queriam comigo[...] eu não sei se isso foi um abuso, até hoje eu não entendo direito”.

Além disso, ela enfrentava piadas e xingamentos todos os dias. Os professores até tentavam falar com ela, mas ela não prestava atenção, estava desmotivada. Para ela, ir à escola não tinha grande importância, exceto para comer a merenda. Ela nunca se interessou profundamente pelos estudos, mas também nunca sentiu raiva de ir à escola, pois aquilo era a única coisa que a animava na vida. Ela saía de casa porque, se ficasse em casa, teria que trabalhar ajudando seu pai na roça.

6.3 DESAFIOS E OPORTUNIDADES NO ENSINO SUPERIOR

Os/as que cursaram o ensino superior também relataram suas experiências enquanto pessoas “T” entre gêneros: Certamente, todo o processo vivido, desde a infância até os dias atuais, está permeado por experiências marcantes. É difícil imaginar alguém que, em algum momento, não tenha enfrentado constrangimentos ou comentários preconceituosos. No caso específico de Marte, antes da transição, houve diversos episódios de discriminação e preconceito dirigidos a ela. Essas situações refletem os desafios enfrentados por muitas pessoas ao longo de sua trajetória pessoal. Marte afirmou que todos, desde a infância até hoje, provavelmente já passaram por constrangimentos ou comentários preconceituosos. Marte, pessoalmente, enfrentou vários episódios de preconceito, especialmente antes da transição.

Durante o período em que cursava a faculdade, Sol acredita que era frequentemente confundida com lésbica, por já ser uma pessoa andrógina. Ela frequentava uma faculdade que considerava bastante ortodoxa, um curso de economia, e ouvia comentários de que algumas ideias associadas à instituição eram modernas para a época. Sol relembra vividamente uma fala de um professor de filosofia: um aluno teria reclamado que a filosofia era teórica demais, e o professor respondeu algo como: "Ainda bem, porque, se fosse prática, você estaria ali no mato, capinando na UFT".

Naquele tempo, o conceito de desconstrução não era amplamente discutido, mas, ainda assim, Sol reconhece que o professor a ajudou a desconstruir muitos conceitos, especialmente

sobre si mesma, incluindo sua sexualidade. Ele lhe ensinou reflexões profundas que a levaram a questionar e reconstruir suas percepções. Isso foi crucial para a sua aceitação pessoal, um verdadeiro desafio naquela época. Sol explica que, na sociedade em que vivia, era considerada "moderna demais" e isso era algo que gerava julgamentos e a deixava retraída.

No entanto, ao assumir sua transexualidade, Sol afirma que esse aspecto deixou de ser um empecilho para ela. Apesar dos desafios iniciais, ela enfrentou as adversidades de frente, determinada a ser quem realmente é. Com o tempo, ela encontrou sua verdadeira identidade como Sol e percebeu que as coisas realmente mudaram. Essa transformação trouxe um novo olhar sobre si mesma e sobre a importância da aceitação pessoal. Sol enfatiza a necessidade de nos aceitarmos como somos, mesmo diante das pressões e preconceitos da sociedade.

Ela também reflete sobre como a marginalização começa cedo, especialmente na escola, e aponta para a relevância do apoio familiar. Embora não tenha recebido apoio direto da família na época, ela também não sofreu preconceito dentro de casa. Seu pai, por exemplo, disse uma vez: "Não foi o que sonhei para você, mas, independentemente disso, quero que saiba que eu te amo". Sua mãe, embora ainda tenha dificuldade em chamá-la pelo nome de Sol, e a trata como menina, o que Sol considera um grande avanço e motivo de gratidão.

Ao comparar sua história com a de outras meninas trans, Sol percebe o quanto o respeito e o acolhimento da família podem fazer diferença. Ela lamenta que muitas meninas trans não encontrem esse suporte nem na escola, nem nas instituições públicas, nem mesmo em casa. Essa ausência de aceitação frequentemente as joga para a prostituição, para a marginalização, criando problemas sociais enfrentados por elas.

Urano relata que enfrentou principalmente dificuldades relacionadas à burocracia no ambiente acadêmico. Apesar de não ter vivenciado preconceito explícito nas aulas, ele observa que falas preconceituosas ocorreram em diversas situações. Uma das principais dificuldades estava ligada à questão do nome: como ainda não havia realizado a alteração formal de seu registro civil, precisou iniciar um processo junto à faculdade para que fosse possível o uso de seu nome social, descrevendo esse procedimento como burocrático e de difícil acesso.

Já Júpiter acredita que, por estudar em uma instituição frequentada majoritariamente por adultos, o preconceito se manifestava de forma mais velada. Embora não houvesse comentários explícitos, os olhares revelavam julgamentos sutis. Segundo ele, eram aqueles olhares desconfortáveis, carregados de preconceitos implícitos, como o receio de que pessoas trans fossem agir de forma invasiva ou "dar em cima" de outras.

Saturno, em seu relato, compartilha que ainda está cursando a faculdade. Ela afirma que sua sexualidade nunca foi um problema e menciona já ter realizado a matrícula utilizando seu

nome social. No entanto, Saturno optou por não realizar a retificação de seu nome nos documentos oficiais.

Por outro lado, Netuno relata que ainda não ingressou na faculdade, embora tenha grande vontade de fazê-lo. Apesar de ainda não ter decidido qual curso deseja seguir, ela demonstra determinação e afirma que, ao fazer sua escolha, pretende se dedicar inteiramente aos estudos. Netuno reflete sobre sua trajetória escolar e reconhece que sua vivência na escola foi marcada por descompromisso, um período que ela agora considera como "tempo perdido", mas está motivada a recuperá-lo.

A aceitação familiar é algo que é reforçado como necessário para se alcançar o sucesso. Entretanto, inúmeras/os travestis e pessoas transexuais não têm apoio familiar, no enfrentamento do preconceito. Júpiter expressa a opinião de que a ausência de apoio familiar é uma das maiores dificuldades enfrentadas. Segundo ela, já é difícil lidar com os julgamentos vindos de outras pessoas fora do ambiente familiar. Essas críticas externas frequentemente assumem a forma de acusações como: "Ah, você escolheu isso para você", ou "Isso é uma escolha". Para Júpiter, tais declarações ignoram o fato de que as pessoas já nascem dessa maneira, e não se trata de uma simples escolha. Ela destaca que sofrer preconceito fora de casa já é doloroso, mas enfrentar o mesmo tipo de discriminação dentro do próprio lar torna as coisas mais difíceis.

Ela continua mencionando que, embora a sociedade tenha se tornado um pouco mais tolerante, o preconceito ainda persiste de forma camuflada, muitas vezes expressado através de olhares, comentários velados ou palavras mal colocadas. Ele exemplifica situações em que alguém se desculpa dizendo: "Ah, desculpa, não foi isso que eu quis dizer", mas, mesmo assim, o preconceito é percebido.

Por outro lado, Sol aborda a dificuldade de base que, segundo ela, está diretamente relacionada à falta de respeito. Ele observa que não há um cuidado genuíno em respeitar as diferenças. Para ilustrar, menciona um professor que, por ter desconstruído seu próprio preconceito, não enfrenta dificuldades em se relacionar com mulheres trans. Esse professor, por sua vez, frequentemente busca Sol para conversar sobre como lidar com situações envolvendo essas questões em ambientes escolares.

Sol identifica uma falha significativa na educação no que diz respeito ao respeito às diversidades. Ela relata que diretores de escolas, por exemplo, entram em contato (pois ela trabalha em uma ONG que luta a favor dos direitos das pessoas transgênero), pedindo ajuda para abordar questões relacionadas à identidade de gênero: " Olha, eu queria que você viesse aqui. Conversa com o pessoal aqui, com as meninas que eu não sei dizer se eles são trans" (sic).

Sol acredita que as pessoas precisam conversar sobre o que são e se identificar sem medo. Urano cita que acredita que a maior dificuldade é fazer as pessoas aceitarem sua identidade, especialmente usando os pronomes corretos, o que pode ser muito doloroso. Outro desafio é aceitar-se como homem enquanto os outros não o tratam de acordo com seu gênero.

Ele considera que o apoio familiar desempenha um papel essencial na formação acadêmica e pessoal de um indivíduo. Ele relata que, em sua experiência, a influência de sua mãe foi determinante. O incentivo emocional e o suporte dela foram fundamentais para que ele alcançasse a conquista de se formar. Urano ressalta ainda que a ausência de participação de seu pai em sua vida teve pouco impacto, enquanto o apoio de sua mãe foi crucial.

Lua descreve as dificuldades enfrentadas por pessoas trans ao assumirem sua identidade diante da sociedade. Segundo ela, existe uma hipocrisia latente no preconceito velado, pois muitas pessoas afirmam não ter preconceito, mas deixam claro que não aceitariam alguém trans em sua própria família. Lua também expõe as barreiras impostas pela sociedade e lamentou a falta de oportunidades para pessoas trans, notando que a sociedade espera que elas se dediquem ao trabalho sexual. Descreveu como as portas profissionais se fecham, com empregadores alegando vagas preenchidas ou prometendo contato sem nunca o fazerem. Ao contrário de muitas, Lua teve a sorte de ter uma família que a apoia. No entanto, reconhece que muitas famílias rejeitam membros trans, levando-os às ruas, onde conhecem outras trans que os introduzem ao trabalho sexual e, possivelmente, às drogas. Esse ciclo, segundo Lua, decorre da falta de oportunidades educacionais e de emprego.

Para Lua, esses problemas são alimentados pela falta de oportunidades educacionais e profissionais disponíveis para pessoas trans, perpetuando ciclos de marginalização. Saturno relatou ter passado grande parte de sua vida escondendo sua identidade, especialmente durante a fase escolar, marcada por xingamentos e perseguições constantes. Ela mencionou que, mesmo tentando disfarçar quem era, não conseguia evitar as situações de discriminação. Para ela, assumir-se como travesti naquela época teria tornado impossível concluir os estudos. Como consequência, Saturno abandonou a escola, enfrentando inúmeras dificuldades, como a necessidade de trabalhar e a repetência em diversas ocasiões. Ela destacou que suas dificuldades eram frequentemente mal interpretadas pelos outros, que a acusavam de preguiça ou má vontade, o que foi profundamente desmotivador.

Anos depois, ela conseguiu finalizar o ensino médio, mas o impacto do abandono precoce ainda a marcou. Saturno também refletiu sobre como deve ser difícil para as meninas trans que se assumem travestis em uma idade ainda mais jovem. “Faculdade, eu tinha esse

sonho, mas nem sabia se ia conseguir fazer”, ela disse, considerando os inúmeros obstáculos que enfrentou.

Netuno reconhece que, embora tivesse tido oportunidades de estudar, não as aproveitou como poderia. Durante a adolescência, Netuno não demonstrava interesse nos estudos, preferindo se dedicar a experiências que considerava prazerosas e a "aproveitar a vida". Essa falta de foco no futuro acabou influenciando negativamente sua relação com a educação.

Além disso, Netuno ressaltou que não culpa totalmente a escola, pois acredita que, naquela época, os educadores não sabiam lidar adequadamente com pessoas trans. Ela percebe que, atualmente, há maior visibilidade para pessoas trans graças às redes sociais. No entanto, Netuno apontou que questões relacionadas à religião continuam sendo um obstáculo significativo, já que muitas vezes essas crenças são usadas para justificar a discriminação.

6.4 VIOLÊNCIA DE GÊNERO E A COMUNIDADE TRANS

Terra ilustra as contradições sociais presentes em Palmas ao relatar um exemplo comum na cidade, descrevendo uma rotatória movimentada onde homens executivos, incluindo políticos casados e figuras religiosas, passam. Esses homens frequentemente são clientes de trabalhadoras sexuais trans, mas são os primeiros a discriminar, relutantes em desafiar seus egos ou a heteronormatividade.

Lua aborda a complexidade e os perigos associados à quebra de expectativas impostas pela heteronormatividade, especialmente para homens que se envolvem com pessoas trans ou gays. Segundo ela, a descoberta de tais relações pode desencadear uma crise emocional profunda nesses homens, descritos como “machões”, a ponto de colocar suas próprias vidas em risco. Lua destaca que o ego e o compromisso com a heteronormatividade podem ser tão arraigados que, em alguns casos, superam até mesmo a vontade de viver.

Urano apontou que ainda há um elevado índice de violência de gênero no estado do Tocantins, atribuindo isso à mentalidade conservadora predominante na região. Ele comentou que, embora muitas pessoas afirmem aceitar a diversidade de gênero, na realidade, essa aceitação está distante de ser plena.

Saturno relatou que enfrentou diversas formas de violência transfóbica ao longo de sua vida. No ambiente de trabalho, ela foi alvo de insultos transfóbicos por parte de um colega, e teve problemas relacionados à transfobia com motoristas de aplicativos. Segundo Saturno, a cidade de Palmas é marcada por um alto índice de conservadorismo, o que em si não seria um problema, mas se torna prejudicial quando essas atitudes ultrapassam limites e se transformam

em ataques gratuitos contra pessoas trans. Apesar disso, Saturno afirmou que não tolera tais situações e sempre busca seus direitos.

Netuno reflete que em sua juventude, ela não sabia como reagir aos xingamentos e, muitas vezes, respondia de forma que acabava divertindo os agressores, o que agravava ainda mais o cenário. Por não ter mudado significativamente seu corpo e já não ser tão jovem, ela continua sendo alvo de olhares depreciativos, piadas e insultos ofensivos, cujos conteúdos prefere não mencionar. Essas experiências dolorosas, segundo ela, são internalizadas, transformando-se em um peso emocional que carrega sozinha. Ela também aborda os riscos enfrentados por mulheres trans no contexto do trabalho de rua, onde se encontram extremamente vulneráveis. Ela descreve que, enquanto exercem suas atividades, estão sujeitas a ataques de extrema violência, como apedrejamentos ou disparos de arma de fogo, perpetuados por pessoas que as veem como "praticamente invisíveis". A indiferença da sociedade em relação a esses episódios é evidente na forma como são noticiados. Segundo Netuno, muitas vezes os jornais publicam reportagens que destacam, em letras maiúsculas, o termo "travesti", e utilizando o pronome "ELE", desrespeitando completamente a identidade de gênero das vítimas.

Existem muitos índices de violência contra as pessoas transgênero. Entretanto, muitos casos não entram para tais índices por não serem relatados. Nossos/as participantes presenciaram ou conhecem outras pessoas "T" que tenham sofrido episódios de violência devido sua expressão de gênero:

Terra identificou a falta de respeito como a principal angústia e sofrimento para pessoas trans, que muitas vezes começa em casa. Destacou que a expectativa de vida para pessoas trans no Brasil é de apenas 35 a 37 anos.

Lua expressou a dificuldade das pessoas trans em conseguir emprego, ilustrando com a pergunta se um empregador contrataria uma pessoa trans, mesmo qualificada, em vez de uma mulher tradicionalmente feminina para trabalhar em uma loja de perfumes. Argumentou que as pessoas trans perdem oportunidades de emprego devido à sua identidade, levando muitas a recorrer ao trabalho sexual como uma opção mais acessível.

Sol reflete sobre o peso imposto pela sociedade às pessoas trans, um fardo que muitas vezes impede que elas se sintam plenamente orgulhosas de quem são. Ela utiliza a metáfora de uma "fortaleza de açúcar" para descrever essa dualidade – uma fortaleza que, apesar de sua aparência de solidez, pode desmoronar com um simples pingo d'água, evidenciando a fragilidade e a sensibilidade que existem paralelamente com a força. Essa dualidade ressalta a vulnerabilidade com a resiliência das pessoas trans.

Ela ainda relata ter presenciado ou tomado conhecimento de diversos casos de preconceito. Segundo ela, em muitas ocasiões, recebe ligações de diretoras de escolas, com falas como: “É porque tem um grupo de meninos que agora se dizem trans. Eles querem frequentar o banheiro feminino”. Sol acredita que essas ocorrências devem ser abordadas com diálogo e esclarecimento, especialmente por parte dos professores, que, em sua opinião, precisam de maior preparação para tratar de questões relacionadas à identidade de gênero. No entanto, ela observa que a sociedade conservadora muitas vezes interpreta essas discussões de forma equivocada, associando-as erroneamente à "doutrinação de gênero". Ela critica essa visão limitada, argumentando que é essencial desassociar identidade de gênero da transexualidade em si, abordando o conceito de forma mais ampla.

Júpiter atribuiu o preconceito à falta de conhecimento e evolução, criticando pessoas com mentalidades ultrapassadas que misturam religião em seus argumentos. Mencionou como alguns acreditam que ser gay ou trans é inaceitável para Deus, associando-o ao demônio. Júpiter destacou que essas pessoas, muitas vezes heterossexuais e protestantes, abrigam ódio injustificado e consideram qualquer desafio às suas crenças como errado. Também referenciou o ex-presidente que promovia tais visões.

Urano relata um caso de violência enfrentado por um jovem homem trans enquanto ainda cursava o ensino médio. Durante o uso do banheiro masculino, ele foi agredido por outro estudante, que o insultou, chamando-o de "gay". Embora o rapaz fosse, na verdade, um homem trans, a situação resultou em discriminação e violência contra ele. Urano destaca que a instituição de ensino não tomou nenhuma providência diante do ocorrido. Em vez disso, a escola reforçou a exclusão ao afirmar que o banheiro masculino não era um local apropriado para ele, negando sua identidade de gênero e agravando o problema.

Terra conta sobre uma jovem que, por estar trabalhando na rua, foi abordada por um homem que a colocou em seu carro sob a falsa presunção de que ela realizava trabalho sexual. O homem, no entanto, acabou agredindo-a brutalmente, e, se não fosse pela intervenção de pessoas que passavam pelo local, ela poderia ter perdido a vida. Em outro caso, uma jovem que estava em um ponto foi alvo de jovens que passaram disparando com uma arma de “chumbinho” contra ela.

Júpiter critica a falta de conhecimento e evolução social em relação à aceitação de pessoas LGBTQIA+. Ela argumenta que muitos ainda possuem mentalidades ultrapassadas, comparáveis às do século XIX, que misturam dogmas religiosos com preconceitos. De acordo com Júpiter, discursos como “Ah, porque você é gay, você é viado, você é travesti, Deus não aceita, não foi Deus que fez, foi o demônio” ainda são amplamente propagados. Ele observa

que essa visão retrógrada alimenta um ódio gratuito, especialmente entre indivíduos que se consideram heterossexuais e protestantes. Esses indivíduos tendem a acreditar que estão certos e que qualquer questionamento de suas crenças é inaceitável. Júpiter também menciona a influência de lideranças políticas, como a do ex-presidente, Jair Bolsonaro (PL) que, segundo ela, ajudam a perpetuar esses discursos de ódio e preconceito, como uma pessoa que afirmava amar Deus, mas causou milhões de mortes por ignorância, como recusar uma vacina salvadora. Questionou a natureza do Deus que essa pessoa prega, notando que seu entendimento de Deus enfatiza amar o próximo, independentemente de sua identidade. Júpiter argumentou que o pensamento retrógrado e a retórica anti-homossexual do ex-presidente levaram a muitas mortes e fomentaram ódio contra a comunidade LGBTQ+, pois suas palavras foram interpretadas como permissão explícita para discriminar.

Ela destaca que, ao minimizar questões relacionadas à comunidade LGBTQIA+, classificando-as como "frescura", o ex-presidente incentivou a disseminação de ódio homolebotransfóbico. Segundo Júpiter, a legitimidade que o cargo conferia a essas declarações tornou o preconceito mais explícito e amplamente aceito por seus apoiadores.

Netuno descreve como um exemplo claro de violência foi o seu casamento forçado. Netuno conta que, na época, não conhecia bem a mulher com quem foi obrigada a se casar e não sabia nada sobre ela. Ela descreve a situação como algo que simplesmente aconteceu, sem que houvesse um real entendimento ou uma escolha consciente de ambas as partes. Com o tempo, foram se acostumando uma com a outra, e Netuno lembra de reproduzir o que via nos filmes e novelas, tentando se ajustar a um padrão que não condizia com sua verdadeira identidade. Apesar disso, ela sempre procurou tratá-la com respeito e carinho.

Ao longo do tempo, a mulher com quem se casou passou a entender que Netuno não tinha interesse por mulheres. Ela reconhece que, se fosse em outro momento de sua vida, não teria seguido esse caminho, embora não se arrependa de ter tido filhos. Netuno reflete que, se tivesse tido a oportunidade de estudar mais e amadurecer antes de tomar decisões, talvez tivesse seguido um caminho diferente.

6.5 CONSTRUÇÃO DE UMA ESCOLA/UNIVERSIDADE ACOLHEDORA

Os tabus ligados à existência das pessoas trans, representam um grande obstáculo para a qualidade de vida delas, afetando diretamente sua empregabilidade, suas oportunidades de trabalho e, conseqüentemente, sua felicidade. Eles dificultam que as pessoas trans alcancem uma qualidade de vida satisfatória e contribuem para que muitas delas não ultrapassem a média

de expectativa de vida da população trans no Brasil, que é alarmantemente baixa. Trata-se de um país que ocupa o primeiro lugar no ranking mundial de assassinatos de pessoas trans e travestis. De acordo com Terra, esse cenário reflete uma sociedade que parece aplaudir tais mortes, como se estivesse validando ou concordando com esses atos violentos.

Urano aponta que essa realidade evidencia uma falha estrutural no sistema educacional. Para ele, é essencial que a educação aborde o respeito desde as bases, ou seja, desde os primeiros anos escolares. Segundo sua análise, quando o respeito é ensinado de forma sólida desde cedo, as barreiras relacionadas à sexualidade, orientação sexual ou identidade de gênero tendem a ser menos significativas ao longo da vida.

Por sua vez, Sol reforça a importância de abordar questões como sexualidade desde os primeiros estágios da educação. Para ela, é essencial começar ensinando as crianças sobre respeito antes de avançar para discussões mais aprofundadas sobre sexualidade, o que deve ocorrer de maneira apropriada à maturidade de cada idade. Ela acredita que essa abordagem pode ajudar a reduzir problemas sociais como o estupro e a gravidez na adolescência. Sol também reflete sobre os desafios criados por tabus culturais, religiosos e machistas. Compartilha sua experiência pessoal, relatando que, vinda de uma família evangélica, observou como o silêncio sobre temas relacionados à sexualidade impactava negativamente o desenvolvimento das pessoas. Sol destaca como a religião, a cultura machista e outros fatores acabam se combinando para limitar o desenvolvimento social das pessoas, dando continuidade aos problemas estruturais na sociedade brasileira.

Urano defende que uma escola ideal é aquela que pratica a inclusão de maneira ampla e efetiva. No entanto, ele observa que ainda há uma falta significativa de incentivo por parte da sociedade para promover essa inclusão. Em sua visão, é fundamental que o país invista em incentivos concretos para que as pessoas possam sair das ruas e ter acesso à educação. Entretanto, ele ressalta que esse acesso precisa estar acompanhado de um ensino adequado às necessidades de cada grupo. Urano enfatiza a importância de campanhas publicitárias que destaquem a inclusão, promovendo um ambiente educacional mais acolhedor e seguro. Ele acredita que a educação desempenha um papel fundamental para facilitar a inserção social, fornecendo as ferramentas necessárias para enfrentar os desafios impostos pela sociedade.

Júpiter complementa essa visão ao destacar a interconexão entre diferentes aspectos do processo educativo. Ela sugere que, assim como há disciplinas sobre ensino religioso no currículo escolar, deveria haver uma abordagem sobre orientações sexuais desde o ensino fundamental. Júpiter argumenta que essa inclusão deve abranger não apenas questões relacionadas à transexualidade, mas também às demais identidades e orientações sexuais, como

a pansexualidade e a bissexualidade. Ela continua afirmando que essas discussões poderiam ser introduzidas inicialmente como parte da disciplina de biologia, permitindo um aprendizado progressivo que se estenderia do ensino fundamental ao médio e, posteriormente, à universidade.

Júpiter acredita que iniciar essas discussões desde cedo ajudaria a preparar tanto a sociedade quanto os próprios indivíduos para uma convivência mais inclusiva e respeitosa. Em sua visão, isso contribuiria para que crianças trans, por exemplo, não se sentissem diferentes ou excluídas. Ela compara esse processo às iniciativas já existentes para a inclusão de pessoas com deficiência em escolas especiais, destacando que, assim como essas escolas promovem a inclusão de pessoas com necessidades específicas, o mesmo deveria ser feito para abranger todos os gêneros e orientações sexuais.

Netuno, por sua vez, também expressa uma visão otimista sobre a possibilidade de mudança, mas ressalta a importância da luta por respeito no ambiente escolar. Ela compartilha que nunca frequentou uma escola particular, mas acredita que há potencial para melhorar as escolas públicas. No entanto, ela enfatiza que o respeito é essencial para que pessoas como ela possam permanecer e ter êxito no ambiente escolar.

Ele relembra que sua experiência escolar foi marcada por dificuldades, como o preconceito sofrido tanto dentro quanto fora da escola. Muitas vezes, frequentava a escola principalmente por causa da merenda, mas acredita que as coisas poderiam ter sido diferentes se tivesse recebido mais apoio, tanto de sua família quanto da própria instituição de ensino.

Saturno revela uma postura positiva e esperançosa em relação à mudança social, acreditando que transformações são possíveis, mas que precisam partir das próprias pessoas envolvidas. Segundo ela, é necessário desconstruir os estereótipos associados às travestis, como a ideia de que são "barraqueiras, que gostam de confusão". Saturno destaca que muitas pessoas acreditam que, ao frequentarem escolas, travestis perseguirão meninas ou tentarão atacá-las em banheiros. Ela contesta essas concepções como absurdas e fruto de invenções, apontando que essas ideias preconceituosas são transmitidas dos pais para os filhos, perpetuando o desrespeito e agravando a discriminação ao longo do tempo.

Sobre o papel da religião na escola, Saturno defende que instituições de ensino deveriam ser ambientes neutros, sem influência religiosa, dado que o ensino religioso nem sequer é obrigatório no Brasil. Embora seja católica e frequente missas, ela acredita que a religião deve ser uma escolha pessoal e não algo imposto. Para ela, nenhuma religião deve se sobrepor às outras em uma sociedade que se declara laica. Saturno argumenta que as escolas precisam ser

espaços inclusivos para todos, independentemente de classe social, cor, credo, orientação sexual ou identidade de gênero.

6.6 IMPRESSÕES E PROJEÇÕES DE VIDAS TRANSGÊNERO

Julgadas/os pela sociedade apenas por existirem, é uma luta árdua ser uma pessoa “T” entre gêneros. Nossos/as participantes compartilham suas impressões e projeções sobre quem são e o que querem em suas vidas:

Terra enfatizou a necessidade de inclusão e aceitação, argumentando que a sociedade exige igualdade e direitos iguais. No entanto, acredita que a sociedade ainda não está alinhada com esse ideal, como evidenciado por questões como o acesso a banheiros. Mulheres trans enfrentam ridicularização e exclusão ao usar banheiros femininos, com outras pessoas se recusando a entrar se uma mulher trans estiver presente. Terra ressaltou que as pessoas trans estão apenas usando as instalações, não para observar os outros. Defendeu o apoio das escolas e do governo estadual para abordar essas questões, advogando por uma abordagem de cima para baixo para efetuar mudanças.

Sol falou sobre a condição das meninas trans, notando que muitas não estão na escola ou estudando, enfrentam dificuldades para acessar serviços de saúde e sobrevivem por meio da prostituição. Vê isso como uma forma de violência, exacerbada pela falta de oportunidades de emprego. Embora reconheça que a situação é melhor em seu estado em comparação com outros, Sol ainda expressou gratidão pela relativa segurança de seu estado.

Terra enfatiza a importância da inclusão e da aceitação das pessoas em sociedade, destacando que o mundo atual exige uma igualdade real, na qual os direitos sejam efetivamente garantidos para todos.

Para Terra, superar esses preconceitos requer incentivos e ações concretas que devem ser implementadas por instituições como escolas e governos estaduais. Ela argumenta que essas mudanças precisam começar "de cima para baixo", com iniciativas governamentais e educacionais que promovam a igualdade e combatam a discriminação em todos os níveis.

Sol traz outra perspectiva, destacando as dificuldades enfrentadas pelas mulheres trans em relação à educação, saúde e trabalho. Ela observa que muitas dessas mulheres não estão matriculadas em escolas ou instituições de ensino, enfrentando barreiras significativas para acessar serviços básicos de saúde. Como resultado, a prostituição se torna uma das poucas alternativas de sobrevivência para a maioria delas.

Marte propõe que os setores de educação e saúde, embora financiados pelo governo, deveriam ser autônomos em suas políticas, especialmente no que diz respeito a questões de gênero e orientação sexual. Ela argumenta que essas temáticas precisam ser incorporadas às diretrizes educacionais desde os primeiros estágios do ensino, garantindo que as crianças compreendam, desde cedo, que a sociedade é composta por pessoas diversas e que nem todos seguem os mesmos padrões.

Urano amplia essa reflexão ao criticar a visão binária tradicional que foi herdada pela sociedade, na qual todos devem ser encaixados como "homem" ou "mulher". Ele ressalta que essa visão binária ignora a pluralidade existente na humanidade e a riqueza das diferenças entre as pessoas. Para Urano, a educação tradicional coloca as pessoas em "caixinhas", impondo padrões que desconsideram a diversidade do ser humano. Ele rejeita essa abordagem, afirmando que é necessário desconstruir esses conceitos pré-estabelecidos e, em seguida, construir um novo entendimento baseado no reconhecimento das diferenças e no respeito a elas.

Urano defende que a base de qualquer transformação social deve ser o respeito. Para ele, é fundamental que as crianças aprendam a respeitar as diferenças desde cedo, pois essa formação inicial será determinante para que se tornem adultos que aceitem a diversidade.

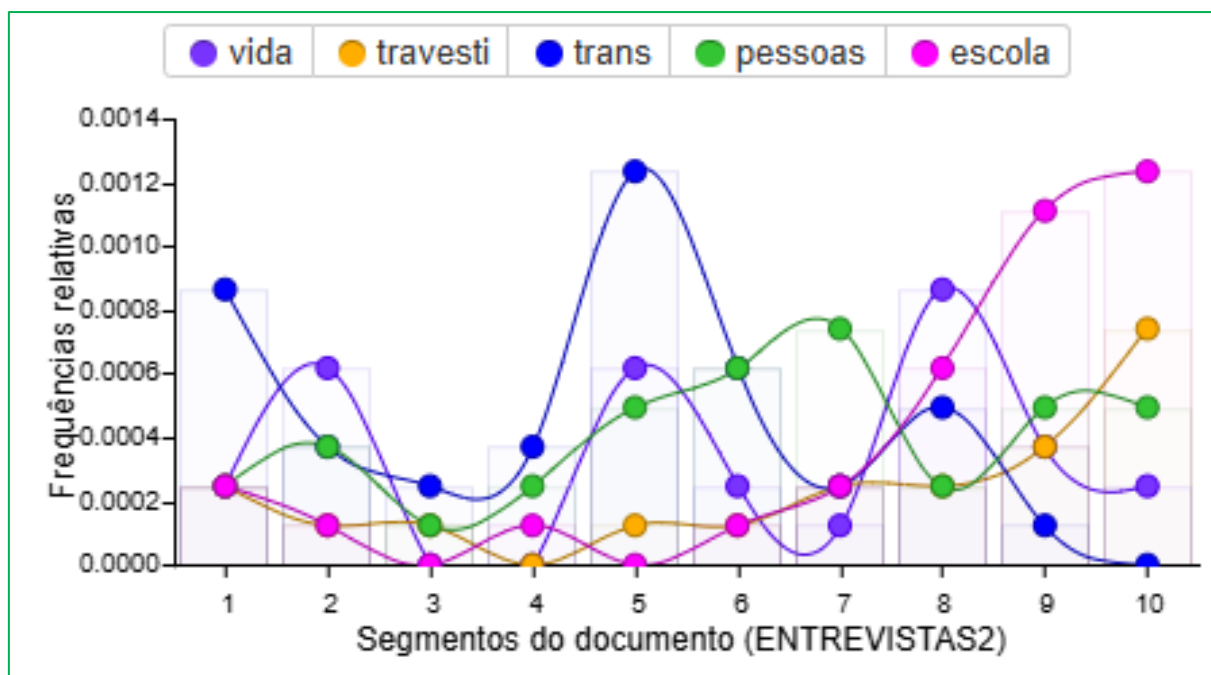
Lua afirmou que as pessoas trans são pessoas normais com sonhos, objetivos e projetos, assim como qualquer outra. Destacou a baixa expectativa de vida para pessoas trans no Brasil, cerca de 35 anos, e expressou que aquelas que vivem além disso são afortunadas. Lua enfatizou que as pessoas trans desejam oportunidades para estudar, perseguir projetos e realizar seus sonhos, assim como as pessoas heterossexuais. Lembrou que as pessoas trans são seres humanos que podem amar, respeitar os outros e pagar impostos, mas são frequentemente tratadas como se fossem de outro mundo, o que não são.

Lua destaca que o que as pessoas “T” realmente desejam são oportunidades – seja para estudar, trabalhar ou realizar seus projetos de vida. Apesar de pagarem impostos e respeitarem os outros, elas ainda são tratadas como se fossem de outro mundo, quando, na verdade, são tão humanas quanto qualquer outra pessoa. Começou afirmando o que as pessoas trans querem: respeito na sociedade, nas escolas, nos locais de trabalho e dentro das instituições religiosas, enfatizando a importância da religião para muitas pessoas. Destacou a necessidade de respeito em todas as áreas, incluindo política e políticas públicas. Júpiter reiterou que as pessoas trans são simplesmente seres humanos e devem ser respeitadas por quem escolhem ser, sem serem rotuladas ou julgadas com base em aparências.

Saturno descreveu-se como vítima da sociedade, tendo concluído o ensino médio apenas após os 30 anos. Refletiu sobre como se sentia ao ver seus colegas terminarem a escola mais

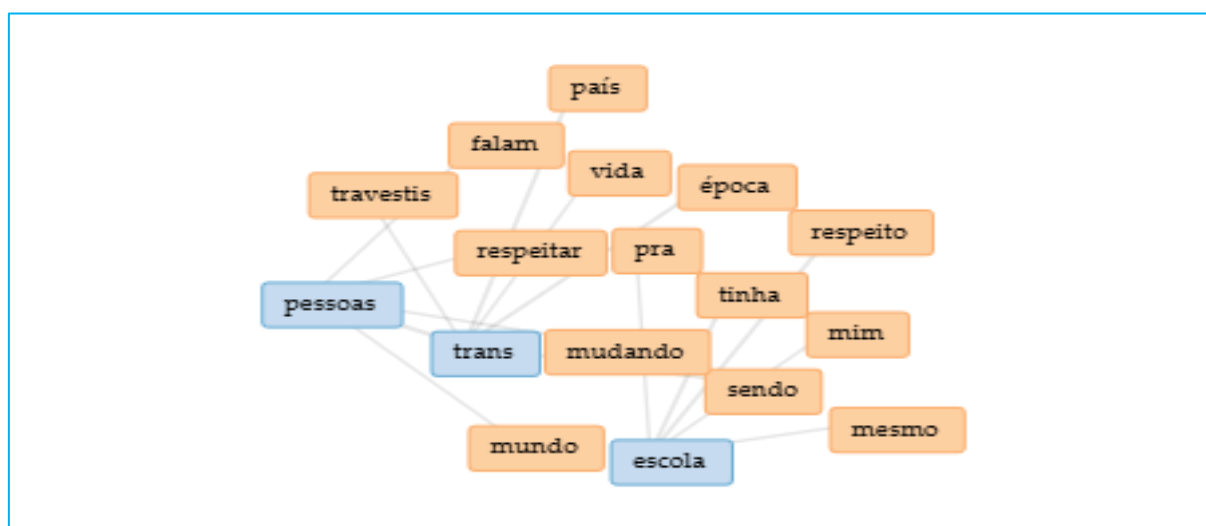
cedo, acreditando que a escola não era para ela. Apontou que muitas pessoas trans desistem quando são expulsas de casa, e inúmeras travestis têm sonhos, mas sentem-se excluídas da educação. Observou que muitas meninas trans nas ruas ainda abrigam sonhos e desejou oportunidades para melhorar suas vidas. Apesar de sempre fazer sua parte, Saturno achou tudo muito difícil e espera por mudanças no futuro.

Através dos relatos das pessoas trans, inferimos que os problemas relacionados à transexualidade possuem padrões semelhantes. Vivências, preconceitos, dificuldades e desafios impostos pela sociedade. Esse contexto torna evidente que muitas pessoas “T” desistem de ter uma vida normal, sendo condicionadas à marginalidade.

Gráfico 3 – Gráfico de representação das cinco palavras com maior ocorrência

Fonte: Elaborado pela autora através da ferramenta Voyant Tools.

Essa figura mostra as linhas de bolha para a visualização das cinco palavras principais, sendo estas as palavras mais frequentes no corpus: trans (37); pessoas (33); escola (31); vida (27); travesti (19), totalizando 207 palavras. Podemos observar que as linhas perpassam entre si, significando que essas palavras se cruzam no texto. Na figura X, verificamos que as três principais palavras – chave estão ligadas em um gráfico de colocações (links). As palavras-chave estão na cor azul, enquanto os outros temas citados na cor laranja:

Gráfico 4 – Gráfico de colocações (links)

Fonte: Elaborado pela autora através da ferramenta Voyant Tools.

A partir daí, fazemos as seguintes inferências, com base nos tópicos de investigação:

7.1 PROCESSO DE DESCOBERTA E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO

- A transfobia divide as pessoas trans em dois grupos: as que são aceitas (passabilidade) e as que sofrem discriminação. Esses, por sua vez sofrem inúmeras violências, sendo físicas, morais, psicológicas, enfrentando e sobrevivendo aos discursos de ódio que violam a dignidade humana, em um caráter estrutural. Quase sempre apenas a sociedade civil cobra por ações e leis que combatam a transfobia, é preciso que haja um “senso de pertencimento social” (Pedra, 2019, p. 50).
- A sociedade, bem como a escola, pressiona que as pessoas se encaixem em um padrão, baseado na visão macho(homem) e fêmea(mulher), sem levar em conta a pluralidade de gêneros. A universidade permite que haja uma maior diversidade e liberdade nas expressões. Porém, ainda é um local em que os padrões heteronormativos serão reforçados pelas práticas performáticas e discursivas. (Butler, 2019, 2020).
- Algumas famílias são mais liberais, enquanto outras rejeitam completamente as expressões de gênero diferentes da heteronormatividade. Essa rejeição parte do preconceito e falta de conhecimento, levando os/as jovens transgênero à sair de casa, estando sujeitos/as à diversos tipos de violência, até mesmo se suas famílias.
- O entretenimento é algo que guia as pessoas transgênero em seu processo de transição. Desde o início da televisão no Brasil, pessoas trans são representadas de formas estereotipadas. Atualmente, existe uma gama muito maior de filmes e séries que abordam a temática, bem como a facilidade de acesso à informação, com o advento das redes sociais. Isso permite que alguns até mesmo façam o processo de hormonização sem acompanhamento médico.

7.2 EXPERIÊNCIAS DE PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO NA ESCOLA

- As/os estudantes trans sofrem muito bullying, são excluídas/os de atividades e o preconceito é algo explícito no ambiente escolar: O uso de modalizadores como “você

não é mulher” demonstra a urgência de ações que ensinem os professores e alunos à não cometerem transfobia, por causa da falta de aceitação no ambiente escolar.

- A maioria das/os estudantes transgênero abandonam a escola por falta de apoio e pela discriminação. O sistema escolar não consegue de fato acolher a diversidade, fazendo com que as pessoas “T” não se sintam respeitadas pela sua identidade.
- Os professores e equipes escolares não tem uma preparação para lidar com as questões inerentes à diversidade de gênero. Há uma falta de políticas de inclusão e debates sobre gênero, com nenhum treinamento adequado, fazendo com que as práticas discriminatórias sejam perpetuadas.

7.2.1 Violência e marginalização social

- As pessoas trans são altamente vulneráveis por terem sua identidade impressa em sua aparência física. São vítimas de agressões verbais, bem como físicas, e sua maioria tem a renda oriunda da prostituição. Sendo quase que obrigadas à trabalhar na rua, sofrem além da violência, com a negação de sua cidadania, sendo dizimadas no país que mais mata travestis e transexuais no mundo.
- Mesmo que uma pessoa transgênero seja altamente qualificada, há grande discriminação nas contratações. Isso as ejeta do mercado de trabalho, diretamente para a prostituição. A intolerância e o preconceito tornam mais difícil sua inserção no mercado de trabalho.
- Essa falta de oportunidades, tanto no campo educacional, quanto no profissional, lança as pessoas transgênero em um ciclo de exclusão, as marginalizando. As instituições educacionais reforçam o sentimento de não – lugar das pessoas trans, quando não abrem o espaço para a diversidade.

7.2.2 Necessidade de educação inclusiva

- O ensino sobre a diversidade sexual e de gênero é essencial, desde o ensino fundamental, com a promoção de um ambiente de respeito e inclusão. A escola, como espaço de formação dos sujeitos, precisa garantir a dignidade humana e aceitação de toda e qualquer individualidade, sem distinção.
- É preciso que haja uma desconstrução de estereótipos baseados nas crenças próprias. Reafirmar que a escola é um espaço laico, que não deve pender para religião A ou B, e

que não se pode perpetuar visões distorcidas e punitivas que venham a contribuir para a discriminação.

- As políticas educacionais precisam ser mais combativas ao desconhecimento e *fake news* que cercam a temática de gênero. Isso acontecerá quando a inclusão de marcadores sociais de gênero e sexualidade forem incluídos no currículo escolar.

7.2.3 Projeções e desejos para o futuro

- As pessoas trans vivem em busca de reconhecimento como seres humanos e lutam pelos seus direitos. A construção de novas representações, de novas identidades que fujam dos padrões já pré-estabelecidos durante séculos, é algo considerado essencial para a verdadeira equidade.
- Trans procuram por oportunidades igualitárias, no acesso e permanência à educação, empregos e ambientes que sejam livres de preconceito. Mais políticas inclusivas na educação e no mercado de trabalho serão promotoras de uma maior justiça social.
- Há esperança de que aconteça uma reconstrução social, apesar de uma onda fundamentalista que assola o país, para que haja redução dos preconceitos e violência à esta parcela da população tão marginalizada. As ações afirmativas, são fundamentais na garantia de equidade e representatividade.

7.3 A ANÁLISE DOS ETNOTEXTOS COMO FIXADORES DE EXPERIÊNCIA

A análise dos "etnotextos fixadores de experiências" ocorre no 'contexto' e no 'lugar' da pesquisa (Rocha, 2019), sendo o 'contexto' um elemento essencial da pesquisa implicada. Para compreender seu significado, é necessário explorar sua origem etimológica e sua aplicação teórica.

No caso desta pesquisa, o 'contexto' refere-se às experiências vividas por pessoas transgênero no sistema educacional brasileiro, conforme relatado por oito participantes renomeados/as como Júpiter, Lua, Marte, Netuno, Saturno, Sol, Terra e Urano. Segundo Macedo é preciso considerar as subjetividades, valores e crenças dos/as "atores sociais" envolvidos/as (Macedo, 2010, p. 33). Essas narrativas, coletadas em um grupo focal, revelam um cotidiano permeado por preconceito, discriminação e desafios, mas também por momentos de apoio e resistência.

A análise de conteúdos, neste caso, vai além da mera análise de discurso, enfocando as vivências narradas como expressões de significados construídos ao longo das trajetórias existenciais dessas pessoas trans. Conforme Macedo (2010), conceitos como ‘cotidiano’, ‘cotidianidade’, ‘contexto’ e ‘lugar’ são mediadores essenciais em uma abordagem metodológica de etnopesquisa crítica. Assim, a análise dos etnotextos exige ‘conceituação’, ‘codificação’ e ‘categorização’, processos metodológicos indispensáveis que devem ser sustentados por uma base filosófica e teórico-epistemológica sólida (Macedo, 2010).

A primeira etapa da análise envolveu ‘leituras preliminares’ dos relatos transcritos, resultando em um rol de enunciados que proporcionou uma visão geral do *corpus*. Identificamos especificidades, como a alta evasão escolar entre pessoas trans devido à heteronormatividade e à cisgeneridade, e dificuldades, como a violência de gênero no ambiente escolar. Essa pré-análise permitiu uma familiarização com o material e a identificação de unidades informacionais significativas (Macedo, 2010).

Na segunda etapa, reduzimos os etnotextos para gerar as “unidades de significado”, na perspectiva fenomenológica. (Martins, 1992). Aqui, as unidades transcendem palavras ou frases isoladas, ganhando sentido no contexto total da pesquisa, como o desconforto de Júpiter com seu corpo biológico ou o bullying sofrido por Saturno na escola.

A partir disso, elaboramos as unidades de significado da pesquisa, apresentadas no quadro a seguir, baseadas nas vivências educacionais e identitárias narradas nos encontros do grupo focal:

Tabela 7: Unidades dos Significados

UNIDADE DOS SIGNIFICADOS
1. A escola é um espaço de descoberta da identidade, mas frequentemente marcado por desconforto e rejeição devido à normatização de gênero.
2. A escola reflete traumas e medos que acompanham as pessoas trans até a vida adulta, devido à falta de acolhimento.
3. Um ambiente de preconceito e discriminação, onde xingamentos e violência são comuns, dificultando a permanência escolar.
4. A escola pode ser um lugar de apoio, com amizades e família como suportes emocionais essenciais para a formação.
5. No ensino superior, a escola oferece oportunidades de afirmação, mas também desafios como burocracia e preconceito velado.
6. A escola ideal deveria ser um espaço acolhedor, promovendo respeito e inclusão para reduzir a marginalização das pessoas trans.

Fonte: Elaborado pela autora.

A etapa seguinte foi a “categorização”, reorganizando os enunciados em temas mais amplos, ou “noções subsunçoras”, com critérios claros de semelhança de sentidos (Macedo, 2010).

7.4 ANÁLISE DAS NOÇÕES SUBSUNÇORAS DA PESQUISA

Na etnopesquisa fenomenológica, a análise dos etnotextos é um processo contínuo, com momentos de construção analítica que culminam nas noções subsunçoras. A análise começou com um exame detalhado das informações obtidas no grupo focal, como os relatos de preconceito de Lua na escola ou a resiliência de Sol no ensino superior. Essa etapa inicial de pré-análise (Macedo, 2004) foi seguida pela criação das noções subsunçoras, que surgiram da organização e reagrupamento dos elementos, sistematizando os significados em uma nova interpretação do fenômeno (Macedo, 2004).

As noções subsunçoras desta pesquisa são: 1) Escola como espaço de identidade e resistência; 2) Escola como lugar de exclusão e violência; 3) Escola como possibilidade de inclusão e transformação. Elas refletem as experiências das pessoas trans desta pesquisa e estão detalhadas na tabela abaixo:

Tabela 8: Noções Subsunçoras

NOÇÕES SUBSUNÇORAS
1. Escola como espaço de identidade e resistência
2. Escola como lugar de exclusão e violência
3. Escola como possibilidade de inclusão e transformação

Fonte: Elaborado pela autora.

Essas noções subsunçoras qualificam o fenômeno investigado ao estabelecer conexões entre os elementos descritos (Macedo, 2004). A etapa final, de análise interpretativa, revelou conteúdos significativos que aprofundaram a compreensão das vivências trans no sistema educacional. Essa pesquisa aponta para a necessidade de uma escola que transcenda a exclusão e se torne um espaço de inclusão e transformação, alinhado às projeções de vida das pessoas trans.

8 A TESE: A PEDAGOGIA TRANS(FORMADORA)

A Tese traz a pessoa Trans como sujeito de direitos, cidadã de primeira classe. E a partir desse pressuposto a pedagogia *Trans*(formadora) na perspectiva das pessoas LGBTI+, evoca o empoderamento das pessoas a capacitá-las a transformar a realidade em que vivem. Uma “pedagogia do salto alto”, que se quer com garantias de que todEs os alunEs, independentemente de sua orientação sexual ou identidade de gênero, se sintam acolhidos e pertencentes à escola. Se propõe à transformação integral das pessoas e da sociedade, buscando a mudança de paradigmas e a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, contrapondo-se à “pedagogia do armário” (*pedagogy of the closet*). Nós pessoas Trans precisamos “sair do armário” (*to come out of the closet*), que significa “assumir” ou “divulgar” sua orientação sexual ou identidade de gênero.

Uma escola acolhedora parece ser utópica, quando consideramos o panorama atual da violência, do preconceito e da discriminação no seu interior. Por outro lado, a escola faz parte da sociedade e reflete sua macropolítica, quando o país se encontra politicamente polarizado. Qualquer discussão do que venha a acontecer nas escolas se torna a chamada “pauta de costumes”. Daí surgem milhares de *fake News* que partem das bolhas midiáticas.

Neste contexto a população tem avaliado à sua forma, as redes sociais, em confiáveis e não confiáveis. A comunicação profissional precisa desmentir informações incorretas, mentiras, fatos fakes, todos os dias, postadas nas diferentes linguagens sejam textuais, áudios e vídeos.

A principal personalidade política, símbolo da resistência transgênero, no congresso, atualmente, é a deputada Erika Hilton (PSOL). A deputada foi a mais bem votada em 2020, quando foi vereadora pela cidade de São Paulo. É a titular da Comissão de Direitos Humanos, Minorias e Igualdade Racial, instituída no governo de Luís Inácio Lula da Silva (PT). Todavia, constantemente, Erika é vítima de transfobia, por parte de colegas da Câmara dos Deputados. Um dos casos mais marcantes, da violência de gênero e violência política foi quando um colega colocou uma peruca e zombou dos seus trejeitos em um discurso no parlamento brasileiro.

O caso de Erika nos mostra que nem mesmo pessoas com altos cargos de governo estão imunes à transfobia. Então, como pensar em uma escola acolhedora? O ser professor envolve muitos aspectos profissionais, identitários e de saberes. Existem professores que apenas se preocupam com a transmissão dos objetos de conhecimento. Outros, atuam mais próximos de um currículo pós-crítico, em que as interseccionalidades não podem estar distantes do dia a dia de sala de aula. É um verdadeiro desafio para o docente lidar com os assuntos inerentes às

individualidades de seus alunos. Um corpo que transgrida, em uma escola com um currículo tradicional, será condicionado a aderir as normas do sistema heteronormativo. Quem permanece, resiste, como afirmam Sara York e Nolasco: “aqueles que vigiam e ameaçam as inadequações e os inadequados - não conseguem perceber que existimos para além disto ou aquilo” (Sara Wagner York; Nolasco, 2022, p. 17).

A escola ainda repete o modelo hierárquico em que o professor é a figura do chefe e o alunado, os subordinados que devem receber as informações prontas e não questionar. O modelo ainda é bastante enrijecido, girando em torno do certo e do errado, do bem e do mal (Andrade, 2012).

Na maioria dos casos, a transexualidade trouxe consigo experiências de isolamento e hostilização. No meu caso, e das pessoas que conheci para esta tese, em algum momento da escolarização fomos isoladas, privadas de acesso, rejeitadas em atividades esportivas, bem como até mesmo por nossas famílias. A partir das noções subsunçoras fizemos as seguintes inferências na construção da Tese, a partir do grupo focal da pesquisa.

1. Escola como espaço de identidade e resistência

As escolas não são apenas instituições destinadas ao aprendizado acadêmico; elas também funcionam como ambientes sociais dinâmicos onde os alunos desenvolvem suas identidades e, em muitos casos, resistem às normas dominantes da sociedade. Essa visão é amplamente explorada na teoria educacional crítica, que considera as escolas como espaços potenciais para a formação de identidades e a contestação de estruturas de poder. Paulo Freire, em *Pedagogia do Oprimido* (1970), argumenta que a educação pode ser uma ferramenta de libertação, permitindo que os alunos desafiem sistemas opressivos e afirmem sua agência. Nesse sentido, as escolas tornam-se locais onde os estudantes, especialmente aqueles de grupos marginalizados, resistem a narrativas hegemônicas e constroem suas próprias identidades.

Quando as escolas criam ambientes que promovem o pensamento independente e a autoexpressão, elas capacitam os alunos a resistirem às hierarquias tradicionais e às expectativas sociais. bell hooks, em *Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade* (1994), destaca que a educação deve ser uma prática libertadora, permitindo que os alunos superem os limites de sistemas opressivos. Isso é particularmente significativo para estudantes cujas identidades passam por uma interseccionalização de raça, gênero, classe e

sexualidade, pois as escolas podem tanto reforçar quanto desafiar a marginalização que enfrentam.

A escola emerge como um espaço crucial na construção da identidade e na prática da resistência para pessoas transgênero, especialmente em um contexto como a Amazônia tocaninense, marcado por diversidade cultural e desafios estruturais. Apesar das adversidades, a escola pode ser um lugar onde as identidades trans são afirmadas. Esse processo é evidente, por exemplo, na luta pelo uso do nome social, uma conquista que simboliza não apenas o reconhecimento individual, mas também um ato de resistência contra a normatividade cisgênera imposta pela sociedade.

As narrativas das pessoas “T” aqui participantes revelam que permanecer no ambiente escolar, mesmo diante de discriminações, constitui uma forma de resistência quase que diária. A educação, nesse sentido, é percebida como uma ferramenta de empoderamento, capaz de desafiar as estruturas opressivas que marginalizam as pessoas trans. Esse papel da escola como espaço de identidade e resistência reafirma sua potência transformadora, ainda que permeada por tensões.

2. Escola como lugar de exclusão e violência

Apesar de seu potencial emancipador, as escolas também podem atuar como locais de exclusão e violência, perpetuando desigualdades sistêmicas e marginalizando estudantes vulneráveis. A exclusão ocorre por meio de práticas e currículos que silenciam pessoas que destoam da cisheteronormatividade

A violência nas escolas, seja física, emocional ou simbólica, agrava ainda mais a exclusão. O *bullying*, por exemplo, é uma questão recorrente que frequentemente atinge estudantes com base em sua identidade — como raça, gênero, sexualidade ou deficiência. As consequências dessa violência são graves, impactando o desempenho acadêmico, a saúde mental e até levando à evasão escolar.

Essas práticas excludentes e violentas não são apenas interpessoais, mas estão profundamente enraizadas nas políticas institucionais e nas estruturas sociais. Neste contraste, a escola também é um ambiente que exclui pessoas transgênero, através da transfobia, que pode ser expressa por colegas, professores e até mesmo pela estrutura institucional, criando um clima hostil que impacta diretamente a permanência escolar. As experiências relatadas na pesquisa — como *bullying*, agressões verbais e físicas, e a negação do nome social por docentes —

evidenciam como a escola pode reproduzir as desigualdades e os preconceitos da sociedade mais ampla.

A falta de preparo dos educadores e a ausência de políticas inclusivas pioram esse cenário. Isso resulta na evasão escolar de muitas pessoas trans, que, sem apoio, veem-se forçadas a abandonar os estudos e buscar alternativas como a prostituição para sobreviver. Quando a escola não acolhe, ela perpetua violências que marginalizam ainda mais essa população.

3. Escola como possibilidade de inclusão e transformação

Apesar de tudo, as escolas também têm o potencial de serem espaços inclusivos e transformadores, promovendo equidade e justiça social. Isso envolve uma profunda transformação do ensino, para atender às diversas necessidades dos estudantes e promover um senso de pertencimento.

A transformação nas escolas ocorre quando elas desafiam ativamente as estruturas de poder existentes e trabalham por mudanças sociais. Além disso, políticas que promovem equidade, como treinamentos contra preconceitos para professores pode ser algo transformador. A escola precisa ser tratada como um espaço potencial de inclusão e transformação social, desde que orientada por uma pedagogia crítica e inclusiva.

Não há como controlar o que acontece no ambiente escolar. Porém, as crianças e adolescentes não-heterossexuais estão sujeitos à xingamentos, escárnios, zombarias. Acentua-se se a criança ou adolescente também for não-branca. Outro fator, é a sexualização exacerbada e precoce, exercida pelos adultos em discursos típicos a favor da hetero norma.

É importante reafirmar que as pessoas trans são normalmente confundidas como homossexuais antes de sua transição. Quando transicionam, automaticamente recebem o estereotipo de pessoas perigosas, ou que querem aparecer mais que os outros. Ser transgênero é transgredir, não se conformar com o binarismo de gênero (Lanz, 2017).

Existem apenas suposições sobre quantas pessoas trans existem no mundo. Algumas organizações dizem que é 1% da população mundial. Esses dados não são oficializados, pois não há opção de ser transgênero nos formulários censitários. Organizações privadas e públicas ofertam apenas as opções masculino e feminino em seus dados e pesquisas. Poucas têm tido uma abertura para as pessoas consideradas diferentes. A onda fundamentalista reforça essa afirmativa, pois os países que são governados pela extrema direita, como os EUA, no atual

governo de Donald Trump (Republicanos), têm se esforçado para invisibilizar qualquer performatividade de gênero.

As conjunturas atuais não mostram bons sinais para uma mudança nos parâmetros educacionais. Porém, a escola e a universidade são campos de ação. Não podemos nos prender apenas no utópico, os conflitos de interesses sempre existirão. Sempre haverá discussões baseadas nas crenças, culturas, diversidade, pautadas em “maiorias” ou em “minorias”.

É a partir disso que a escola, como espaço de formação, precisa desenvolver uma Pedagogia Trans(formadora). Acolhedora, que englobe toda a diversidade, e que faça com que as pessoas que se sentem excluídas, não abandonem seus estudos, se motivem, e permaneçam em busca dos seus objetivos. Transformadora, em mudar os parâmetros e a realidade social, através do desenvolvimento de habilidades que permitam a inserção de todos, sem distinção, na sociedade.

9 CONSTELAÇÃO FINAL DE DESCOBERTAS (IN)CONCLUSIVAS

Nesta viagem espacial, nos colocamos como pessoas que somos intangíveis. Vivemos no imaginário da sociedade: quentes como o Sol, que não se pode olhar diretamente, reativas, intensas. Objetos de fascinação, que muitos têm curiosidade em estar, em sentir. Frutos de imaginário sexualizado, de (in)certezas e (in)verdades, como planetas e corpos celestes. Por isso a escolha para essa alegoria do sistema solar que nos atravessou no trabalho de Tese.

Logo no início da pesquisa para esta Tese, fizemos uma pesquisa sobre trabalhos que abordassem a escolarização de pessoas transgênero no Tocantins. Percebemos um campo a ser explorado, pois havia escassos estudos, porém, sabíamos das violências enfrentadas nas escolas, pois quase sempre sai uma notícia que se torna polêmica social quando se refere a nós. Com base no fundamentalismo religioso, a bancada política sempre tem atacado as poucas iniciativas de (re)existência que se manifestam, em Palmas, na capital e nas maiores cidades como Araguaína e Gurupi.

Não há desconhecimento sobre as violências sofridas pelas pessoas “T”, em qualquer que seja a etapa da escolarização: da educação básica à educação superior. A heteronormatividade é a regra e padrão social de tratamento a todas nós. Existe uma insistência diuturna nossa por mudanças no ambiente escolar, todavia, aquelas pessoas Trans (mulher Trans, menino Trans, travestis, transsexuais), que não conseguem romper as barreiras da interdição de seus corpos acabam evadindo-se, desistindo, deixando de frequentar os espaços escolares e até universitários.

Tentamos assim descrever o fenômeno das experiências vivenciais das pessoas Trans, com suas trajetórias escolares. Percebemos também que o mercado de trabalho ainda ensaia uma aceitação mínima, com vagas mais inclusivas. Entretanto, grande parte das pessoas Trans, sendo travestis, transexuais, homens ou mulheres Trans, ainda sobrevivem na/da prostituição e seus derivados do mercado do sexo, por falta de outras oportunidades de ganhos financeiros para se manterem vivas.

Por isso, visamos compreender, explicar, dizer das experiências individuais, daquelas que passaram pelas etapas da vivência escolar, buscando a relação entre sua formação e sua inserção (ou não) no mercado de trabalho. Suas histórias de vida explicitaram que, por mais que, tivessem passado por experiências diversas e plurais, em algum ponto houve a intersecção em suas vidas, da violência de gênero. O preconceito sobreveio à todas, em algum momento, com menor ou maior intensidade, sendo um fator impeditivo para a continuidade de vida na escola, na rua, no dia a dia, noite a noite.

A falta de apoio familiar foi uma das dificuldades apontadas pelas participantes dessa pesquisa de Tese. Algumas tiveram apoio incondicional, outras foram expulsas da casa que habitam, sem qualquer ajuda ou auxílio moral ou financeiro. É um fator marcadamente importante, o apoio no processo de ser/estar uma “pessoa Trans” ou uma “pessoa T entre gêneros”, (Rocha; Coelho, Fernandes, 2020), como a experiência das outras pesquisas.

As interações para as pessoas T têm um papel fundamental na construção social de gênero. Se uma pessoa tem amigos na escola, consequentemente terá uma maior vontade de frequentar essa ambiência pelas redes de solidariedade. Se tem professores/as que a estimulam, tem chances maiores de seguir em frente nos estudos. Se estes/estas professores/as forem lésbicas e gays (Silva; Bassalo, 2020), a representatividade se constitui num fator de empoderamento, como está posto, em outras pesquisas com as quais dialogamos.

É ainda recente as polêmicas sobre uso de banheiros. A Associação de Mulheres, Mães e Trabalhadoras do Brasil (Matria) repudiou, durante debate, em 2024, na Câmara dos Deputados, a possibilidade do compartilhamento de banheiros femininos com pessoas de sexo biológico masculino, mas que se autodeclaram mulheres. Nossos/as participantes também apontaram que as escolas foram permissivas frente aos preconceitos enfrentados, seja no uso dos banheiros, seja em relação os corpos Trans.

No Tocantins, por exemplo, a portaria do uso do nome social nas escolas começou a vigorar apenas a partir de dezembro de 2020. Um avanço em políticas públicas voltadas para pessoas transexuais no estado. Mas, enquanto a cisheteronormatividade for imposta como a única vertente de gênero correta, enquanto não houver uma mobilização de respeito as construções sociais de gênero, não poderemos falar de escola e Universidade inclusivas.

É preciso que gestores escolares, orientadores e professores ajam diante do desrespeito à diversidade sexual e de gênero. Silenciar, se omitir ou deixar passar os preconceitos e violências contra as pessoas Trans no ambiente escolar, é descumprir o que assegura a Constituição Federal do Brasil de 1988 no que ela afirma: o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias.

A vida escolar não é fácil por uma diversidade de fatores. Toda pessoa apontada como diferente ou divergente, passa por situações de preconceitos. Ainda na infância, mesmo não se identificando com o sexo de nascimento, tiveram que passar por experiências normatizadoras.

Para uma mulher transexual, a infância envolve um processo maior de descoberta, porque vive-se um tempo acreditando ser uma pessoa homossexual.

Há mais de vinte anos, já se falava abertamente sobre a questão da transexualidade, e nem mesmo havia o acesso à informação aberta e pública aos estudos de gênero, o que hoje temos através de *smartphones* e redes sociais na palma da mão; mesmo assim, a visão preconceituosa e a personalidade homotransfóbica pouco mudaram.

Mulheres trans, ou meninos e homens trans, perfazem praticamente o mesmo caminho: o da erotização de seus corpos. Numa sociedade falocêntrica, a identidade de gênero é uma performance no entorno do ter ou não ter genitália ou órgão fállico. É perceptível na nossa Tese, o repúdio social, que alimenta a abjeção, a exotização e a fetichização dos corpos transmasculinos. A fixação no genital, como referente e signo determinante do gênero e da sexualidade, ainda é regulador de encontros sexuais e de parceiro(os) íntimo(os).

As pessoas Trans quando precisam realizar alterações corporais de forma mais acessível, recorrerem ao uso de hormônios. Outras alterações e adequações corporais são realizadas com o tempo de transição, com cirurgias plásticas para feminização (para as mulheres trans) e a mastectomia (para homens trans). Todos estes procedimentos têm custos elevados e precisam de acompanhamento médico, uma realidade ainda distante das pessoas Trans não estabelecidas financeiramente, inclusive no Tocantins amazônico.

Ainda em meio as dificuldades na obtenção de empregabilidade, algumas de nossas participantes de pesquisa, apontaram que mesmo com qualificação profissional, tiveram muita dificuldade na obtenção de um emprego formal; por outro lado, a baixa qualificação para o trabalho afeta diretamente elas na produção de sua renda de sobrevivência.

Por eu estar atualmente em uma condição socialmente diferenciada ao das nossas participantes de grupo focal, tive dificuldade no começo da pesquisa em relação a conseguir sua adesão à investigação, principalmente no que tange à aproximação pessoal com elas. Eu mesma tive uma transição de gênero mais ou menos segura. Sou servidora pública, a primeira mulher Trans a fazer mestrado numa universidade federal, na cidade de Palmas. A primeira doutoranda, mulher Trans do polo UFT, no Doutorado em educação, uma romancista Trans do Estado do Tocantins.

São conquistas pessoais, mas não posso negar que tive uma estrutura institucional ou individual para realizá-las. A partir do ponto que comecei a perceber que minhas vivências de transgeneridade era uma “exceção à regra” em relação a elas, ao romper as interdições sociais, senti que precisava investigar as causas da pouquíssima quantidade de mulheres Trans na educação formal deste Tocantins amazônico.

Essa foi minha implicação com o trabalho de pesquisa, e me fez ver as pessoas Trans, agora com outro olhar. Perceber que apesar de termos tido chances diferentes na vida, passamos por episódios semelhantes. Até eu mesma, tinha uma visão limitante, acreditava que as pessoas não fluíam por outros caminhos devidos suas próprias escolhas, mas vejo que ainda existem muitos fatores determinantes que exercem relação coercitiva de poder sobre elas.

Existe uma pluralidade de identificações transgênero, por isso, tivemos dificuldade para assumir somente uma nomenclatura, um termo, uma perspectiva teórica. O foco principal foram as pessoas que haviam passado por um processo de transição de gênero, pois diferentemente das pessoas que se consideram não-binárias, a identidade visual corporal, contribui em muito para as construções sociais.

A questão da polêmica “passabilidade” abre e fecha muitas portas, em diversos campos: emprego, estudos, relacionamentos amorosos, entre outros. O corpo de uma pessoa Trans está em mudanças constantes. Sempre há insatisfação com a sua aparência física, algo ou algum aspecto que se deseja mudar para se adequar ao gênero ao qual se identifica. Essa inconstância de gênero, está presente nessa pesquisa de Tese, e por isso, algumas vezes, não optamos somente por um termo ou uma nomenclatura social.

O uso do nome social para pessoas travestis e transexuais nas instituições públicas, da educação básica a educação superior e no Enem é um reconhecimento. Precisamos de políticas públicas governamentais na área de saúde pública, mercado de trabalho e educação, principalmente, com cotas e bolsas que deem acesso e permanência às pessoas Trans da educação básica a pós-graduação *stricto sensu*.

No decorrer da pesquisa de Tese, surgiram muitos outros questionamentos. Não há uma resposta para os problemas interseccionados quando se percebe os marcadores sociais de classe, gênero, raça e etnia, por exemplo, incluindo idade e escolaridade. Minha Tese não abarcou e nem esgota esta discussão das pessoas Trans na escola, na Universidade, na vida social.

Não quis trazer apenas as dificuldades da travestilidade das pessoas Trans, tentei retratar as revelações do grupo focal para descrever uma pedagogia (Trans)formadora. Que seja uma pedagogia Trans, que seja formadora de uma outra realidade social, política, na perspectiva de “furar a bolha perversa do cis-tema” heteropatriarcal.

Entendendo que na “identidade de gênero” existem vários tipos, incluindo “cisgênero” (quando a identidade de gênero corresponde ao sexo biológico), “transgênero” (quando a identidade de gênero difere do sexo biológico) e “não binário” (quando a identidade de gênero não se encaixa nas categorias de homem ou mulher), e que existem diferentes tipos de identidades não binárias, como “agênero”, “bigênero” e “gênero-fluido”; que mesmo depois,

que Simone de Beauvoir em sua obra "O Segundo Sexo", publicada em 1949, nos advertiu “Não se nasce mulher, torna-se mulher”, ainda está sendo politizada a nossa condição de ser/estar mulher ou homem Trans.

Apreendi com meu orientador e no grupo de pesquisa Gepce/minorias, uma letra de música, como tantas outras com as quais ele trabalha psicanaliticamente conosco, que é reveladora da sua autodeclarada identidade “gay cisgênero”, da minha como “mulher Trans”, da nossa condição de “sujeitos LGBTI+” de ser/estar na performance de gênero.

Quero/queremos nós, concluir com a letra de Rita Lee, do ano de 2000, em *Pagu*, que representa a nós e as outras nesta Tese: “*Mexo, remexo na inquisição. Só quem já morreu na fogueira. Sabe o que é ser carvão. Eu sou pau pra toda obra. Deus dá asas a minha cobra. Minha força não é bruta. Não sou freira, nem sou puta. Porque nem toda feiticeira é corcunda. Nem toda brasileira é bunda. Meu peito não é de silicone. Sou mais macho que muito homem. Sou rainha do meu tanque. Sou Pagu indignada no palanque. Fama de porra louca, tudo bem. Minha mãe é Maria Ninguém. Não sou atriz, modelo, dançarina. Meu buraco é mais em cima...*”

REFERÊNCIAS

- Agreli, Milene Soares. **A inclusão da diversidade sexual na Universidade**. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia: Processos Culturais e Subjetivação) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018. doi:10.11606/T.59.2018.tde-23032018-103830.
- Akotirene, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial Ltda, 2019.
- Alcântara, Dandara Costa et al. Interseccionalidade e transexualidade no processo discriminatório: uma revisão integrativa [Intersectionality and transsexuality in the process of discrimination: an integrative review][Interseccionalidad y transexualidad en el proceso discriminatorio: una revisión integradora]. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 30, n. 1, p. 66665, 2022.
- Alós, Anselmo Peres. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, p. 421-449, 2011.
- Appolinário, Fábio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. Thomson, 2006.
- Araújo, Samuel Moreira de. **As trajetórias escolares de homens trans da Educação Básica ao Ensino Superior**. 175 f. Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Programa de Pós-graduação em Educação, 2021.
- Arroyo, Miguel G. **Outros sujeitos, outras pedagogias**. Editora Vozes Limitada, 2012.
- Barbosa, Bruno César. **Nomes e diferenças: uma etnografia dos usos das categorias travesti e transexual**. 2010. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
- Bardin, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- Bastos, Carmen Célia Barradas Correia. Pesquisa qualitativa de base fenomenológica e a análise da estrutura do fenômeno situado: algumas contribuições. **Revista Pesquisa Qualitativa**, [S. l.], v. 5, n. 9, p. 442–451, 2017. Disponível em: <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/156>. Acesso em: 11 dez. 2024.
- Benevides, Bruna G. (org). Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2021. **Brasília: Distrito Drag, ANTRA**, 2022.
- Bento, B. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades**, [S. l.], v. 3, n. 04, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2298>. Acesso em: 27 jan. 2023.
- Brandão, Z. **A dialética macro/micro na sociologia da educação**. Cadernos de Pesquisa. São Paulo, SP, n. 113, p. 153-165, jul. 2001.
- BRASIL. **Decreto nº 8.727, de 28 de abril de 2016**. Dispõe sobre o uso do nome social e o reconhecimento da identidade de gênero de pessoas travestis e transexuais no âmbito da administração pública federal direta, autárquica e fundacional. Disponível em:

<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/decreto/d8727.htm>. Acesso em: 11 jan. 2023

Butler, Judith. Actosperformativos e constituição de gênero. Um ensaio sobre fenomenologia e teoria feminista. In: MACEDO, Ana Gabriela; RAYNER, Francesca (Org.). **Gênero, cultura visual e performance**. Antologia crítica. Minho: Universidade do Minho/Húmus, 2011.

Butler, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. 18. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.

Butler, Judith. **Corpos que Importam: os limites discursivos do sexo**. São Paulo: N-1 Edições, 2020.

Castilhos, Ian Fernandes de. Transfobia e evasão escolar de pessoas trans. **Episteme Transversalis**, v. 15, n. 1, p. 414-428, 2024.

Chiesa, A. M.; Ciampone, M. H. T. Princípios gerais para a abordagem de variáveis qualitativas e o emprego da metodologia de grupos focais. **A classificação internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva – CIPESC**. Brasília: ABEN, 1999, p. 306-324.

Dia da Visibilidade Trans destaca a luta pelos direitos da população LGBTQ+. **Comissão de Diversidade Sexual da Ordem dos Advogados do Brasil (CEDS/OAB)**, 2019. Disponível em: <<https://cpers.com.br/dia-da-visibilidade-trans-destaca-a-luta-pelos-direitos-da-populacao-lgbt/>>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Duarte, Francisco Ednardo Barroso. **As representações sociais de universitários de sexualidades LGBTQ sobre seus processos de escolarização e as implicações em seus projetos de vida**. 2015. 307 f. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Ciências da Educação, Belém, 2016. Programa de Pós-Graduação em Educação.

Flick, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.

Freire, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Freire, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 42. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 213 p.

FUNAI — FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO. **Conheça as bonecas Ritxoko produzidas por mulheres indígenas da etnia Karajá**, 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/noticias/2022-02/conheca-as-bonecas-ritxoko-produzidas-por-mulheres-indigenas-da-etnia-karaja>>. Acesso em: 20 ago 2023.

Garfinkel, Harold. **Estudos de etnometodologia**. Editora Vozes Limitada, 2018.

Gil, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, SP: Atlas. 1999

Hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. Tradução: Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Editora Martins Fontes. 2017. 283p.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE).

Tocantins: Panorama. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/panorama>. Acesso em 19 ago 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2022**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Bonecas Karajá: Novo Patrimônio Cultural Brasileiro**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1190/bonecas-karaja-novo-patrimonio-cultural-brasileiro>. Acesso em: 20 ago 2023.

IRINEU, Bruna Andrade; FROEMMING, Cecília Nunes. Gênero, sexualidade e direitos: construindo políticas de enfrentamento ao sexismo e a homofobia. **Tocantins: Biblioteca da Universidade Federal do Tocantins**, 2012.

Jacinto, Jéssica da Costa. **(In)visibilidades e reflexões a partir da evasão de estudantes trans** / Jéssica da Costa Jacinto. 199 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Sexual) — Universidade Estadual Paullista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, São Paulo, 2022.

Jesus, Jaqueline Gomes de. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. **Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião**, v. 2, p. 42, 2012.

Lacerda, Milena Carlos de. **Entre - lugares do nome social e do uso autorreferido dos banheiros**: um itinerário de assujeitamentos e resistências na Universidade Federal do Tocantins. 2018. 199 f. Dissertação (Mestrado em Política Social e Trabalho) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

Larrosa, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, jan/fev/mar/abr, n. 19, p. 20-28, 2002.

Lima, Fátima. Raça, interseccionalidade e violência: corpos e processos de subjetivação em mulheres negras e lésbicas. **Cadernos de gênero e diversidade**, v. 4, n. 2, p. 66-82, 2018.

Lima, Samuel. Decreto que instituiu a Universidade Federal do Tocantins completa 21 anos. **UFT**, 2021. Disponível em: <https://ww2.uft.edu.br/index.php/ultimas-noticias/30174-decreto-que-instituiu-a-universidade-federal-do-tocantins-completa-21-anos#:~:text=21%20de%20fevereiro%20de%201990,da%20Funda%C3%A7%C3%A3o%20Universidade%20do%20Tocantins>. Acesso em: 17 ago 2023

Macedo, Roberto Sidnei. **Etnopesquisa crítica, etnopesquisa- formação**. 2. ed. Brasília: Líber Livro, 2010.

Macedo, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencial nas ciências humanas e na educação**. Salvador: EDUFBA, 2004.

Macedo, R. S. **A etnopesquisa implicada: pertencimento, criação de saberes e afirmação**. Brasília: Líber Livro, 2012.

Malhotra, Naresh K.; **Pesquisa de marketing: uma orientação aplicada**. 2006.

Maurano, Luis Eduardo Pinheiro; ESCADA, Maria Isabel Sobral; RENNO, Camilo Daleles. Padrões espaciais de desmatamento e a estimativa da exatidão dos mapas do PRODES para Amazônia Legal Brasileira. **Ciência florestal**, v. 29, p. 1763-1775, 2019.

Minayo, Maria Cecília de Souza O desafio da pesquisa social. In: Minayo, M. C. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro, RJ: Vozes, 2009.

Minayo, Maria Cecília de Souza. Construção de indicadores qualitativos para avaliação de mudanças. **Rev. Bras. Educ. Med.**, Rio de Janeiro, v. 33, supl. 01, p. 83-91, 2009. Disponível em <http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-52712009000500009&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 16, mar, 2025.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. 2016. Disponível em: <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2016/resolucao-no-510.pdf/view> . Acesso em 05 abr 2025.

O QUE É? Amazônia Legal. **Ipea**. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2154:catid=28#:~:text=O%20conceito%20de%20Amaz%C3%B4nia%20Legal,territ%C3%B3rio%20de%20oito%20pa%C3%ADses%20vizinhos. Acesso em 16 ago 2023.

Oliveira, Maria Isabel Zanzotti de. **Nas margens do corpo, da cidade e do Estado: educação, saúde e violência contra travestis**. 2015. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidad de São Paulo, São Paulo, 2015. doi:10.11606/D.8.2016.tde-07032016-133233.

Oñoro, Carmen dos Santos. **A transexualidade e o direito à educação inclusiva**. 2019. 150 f. Dissertação (Mestrado em Direito) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Direito, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

Pedra, Caio Benevides. **Direitos LGBT: a LGBTfobia estrutural e a diversidade sexual e de gênero no direito brasileiro**. Curitiba: Appris, 2019.

Pordeus, Marcel Pereira; Viana, Rosemary de Abreu. Feminismo, Desigualdade de Gênero e LGBTfobia: a interseccionalidade das minorias no Brasil. **Conhecer: debate entre o público e o privado**, v. 11, n. 26, p. 113-131, 2021.

Ranieri, Leandro Penna; Barreira, Cristiano Roque Antunes. A entrevista fenomenológica. **Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos**, v. 4, p. 1-8, 2010.

Ribeiro, Izaque Machado. **Cidadanias Precárias: Sujeitos Trans e Educação**. 169 p. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, RS, 2019.

Rocha, J. Damião T.; Coelho, M. Irondes; Fernandes, A. Araripe. Experiências de/com uma "pessoa T" indígena entre-gêneros do/no cotidiano tocantinense. **Revista Teias**, Rio de Janeiro,

v. 21, n. 61, p. 117–127, 2020. DOI: 10.12957/teias.2020.49500. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistateias/article/view/49500>. Acesso em: 26 abr. 2025.

Rocha, Damião; Maia, Marcos. A pesquisa implicada de inspiração fenomenológica para estudos in situ de/com sujeitos sociais da diversidade sexual e de gênero. **Revista Ensino de Ciências e Humanidades-Cidadania, Diversidade e Bem-estar - RECH**, v. 1, n. 1, Jul-Dez, p. 220-237, 2017.

Rocha, José Damião Trindade; COELHO, Wilma de Nazaré Baía; HORA, Dinair Leal da. Currículo e ensino do curso de doutorado em educação na Amazônia: apontamentos docentes sobre a rede EDUCANORTE. **Humanidades & Inovação**, v. 8, n. 39, p. 322-339, 2021.

Rocha, Damião. Arranjos curriculares do trabalho didático pedagógico na pandemia em escolas e universidades na Amazônia Tocantina. **Revista Espaço do Currículo**, v. 15, n. 1, p. 1-15, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-1579.2022v15n1.59861>

Rodarte, Ana Paula Veloso Silveira Teodoro. Transfeminismo: vivências, (r)ex(s)istências e autodeterminação. **Revista Estudos Feministas**, [S. l.], v. 30, n. 2, 2022. DOI: 10.1590/1806-9584-2022v30n284067. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/84067>. Acesso em: 9 dez. 2024.

Rosa, Karen Susan Silva Pitinga da. **Políticas Públicas para a inserção e permanência de travestis e transexuais no ensino superior**: um estudo de caso da Universidade Federal da Integração Latino-Americana. 2020. Dissertação (Mestrado em Humanidades, Direitos e Outras Legitimidades) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Silva, Jardínlio R. Bassalo, Lucélia de Moraes Braga. Narrativas de professoras lésbicas e professores gays no ambiente escolar heteronormativo no nordeste do Pará. In: **Revista Humanidades e Inovação**. v.7, n.12. 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2538> Acesso em: 24 maio. 2025.

Salvador, Nayara Cunha; OLIVEIRA, Anderson José de; FRANCO, Neil. Fracasso, evasão e abandono escolar de pessoas trans: algumas reflexões necessárias. **Revista de Educação Pública**, v. 30, 2021.

Santos, Adriana Lohanna dos. **Formação das pessoas transexuais na Universidade Federal de Sergipe: enfrentamento e resistência das normas de gênero no espaço acadêmico**. 2018. 90 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, 2017.

Santos, Edilon de Freitas dos. **Etnopesquisa crítica sobre identidade racial na educação de jovens e adultos**. 2017. 115 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras, Cachoeira, 2017.

Scote, Fausto Delphino. **Será que temos mesmo direitos a universidade? O desafio do acesso e a permanência de pessoas transexuais no ensino superior**. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2017.

Silva, Aline Ferraz da. **Currículo e diferença: cartografia de um corpo travesti**. 2014. 104 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

SINDICATO DAS ENTIDADES MANTENEDORAS DE ESTABELECIMENTOS DE ENSINO SUPERIOR NO ESTADO DE SÃO PAULO (SEMESP). **Mapa do Ensino Superior do Estado do Tocantins**. 11ª edição, 2021. Disponível em: <https://www.semesp.org.br/mapa/edicao-11/regioes/norte/tocantins/>. Acesso em: 17 ago 2023.

TOCANTINS (Estado). **Jalapão**, 2023. Disponível em: <https://www.to.gov.br/jalapao/w2szzqpn9qm>. Acesso em: 16 ago 2023.

Trad, Leny A. Bomfim. Grupos focais: conceitos, procedimentos e reflexões baseadas em experiências com o uso da técnica em pesquisas de saúde. **Physis: revista de saúde coletiva**, v. 19, p. 777-796, 2009.

UFT. **Grupos de Pesquisa CNPq**. Disponível em: <https://portal.uft.edu.br/pesquisa-e-pos-graduacao/grupos-de-pesquisa>. Acesso em: 02 de fevereiro de 2019.

Vartabedian, Julieta. Migraciones trans: travestis brasileñas migrantes trabajadoras del sexo en Europa. **Cadernos Pagu**, p. 275-312, 2014.

Valle, Paulo Roberto Dalla; Ferreira, Jacques de Lima. **ANÁLISE DE CONTEÚDO NA PERSPECTIVA DE BARDIN: CONTRIBUIÇÕES E LIMITAÇÕES PARA A PESQUISA QUALITATIVA EM EDUCAÇÃO**. **SciELO Preprints**, 2024. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.7697. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/7697>. Acesso em: 11 dez. 2024.

Vinuto, J. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 44, p. 203–220, 2014. DOI: 10.20396/tematicas.v22i44.10977. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>. Acesso em: 17 fev. 2023.

York, Sara Wagner; Nolasco. Escolas para todas, todes, todxs e todos: uma conversa preliminar sobre gêneros e sexualidades. **Gênero e sexualidade na educação: uma perspectiva interseccional**. Salvador, BA: Devires, 2022.

APÊNDICE A – PERGUNTAS DISPARADORAS

- Eu queria que você falasse um pouco de como foi o seu processo de descoberta enquanto pessoa transgênero?
- E qual foi o ponto pontapé principal para você assumir a sua identidade de gênero?
- E no ensino fundamental, qual você já sofreu algum episódio de preconceito na época? Preconceito ou alguma fala de alguma professora, algo assim que te deixasse com constrangimento ou com raiva?
- Você chegou a fazer a entrar no ensino superior? No ensino superior, na época que você faz faculdade, você sentiu algum desafio inerente à sua sexualidade? Como que foi para você na época da faculdade?
- Você teve uma aceitação familiar? Tem muitas pessoas que não tem essa aceitação na família e muitas das pessoas trans, pessoas travestis, elas não chegam a concluir os estudos. Qual é a maior dificuldade que essas pessoas enfrentam, tanto na escola básica, quanto na universidade?
- Você acredita que existe muita violência de gênero, aqui, no nosso estado?
- Na sua opinião, poderia existir uma escola acolhedora, entre aspas? A escola, a universidade acolhedora, que levasse a sério a diversidade e a inclusão das pessoas trans. Como que seria essa escola ideal?
- Você já presenciou ou conhece alguém que tenha sofrido algum episódio de violência devido à sua expressão de gênero? Pelo fato de ser trans dentro da escola ou da universidade? Se você conhece alguém como você falou que né, sempre foi resistente, mas se você sabe algum caso que você queira partilhar, que foi assim, algo que te chamou a atenção no âmbito pessoal.

ANEXO A – GLOSSÁRIO DE TERMOS INCLUSIVOS

Versão completa do glossário de termos inclusivos da professora doutora Jaqueline Jesus (2012):

Gênero

Classificação pessoal e social das pessoas como homens ou mulheres. Orienta papéis e expressões de gênero. Independe do sexo.

Sexo

Classificação biológica das pessoas como machos ou fêmeas, baseada em características orgânicas como cromossomos, níveis hormonais, órgãos reprodutivos e genitais. Ao contrário da crença popular, reiterada em diferentes discursos, a categoria sexo não se configura como uma dualidade simples e fixa entre indivíduos deste e daquele sexo (binarismo ou dimorfismo sexual), mas, isso sim, como um contínuo complexo de características sexuais.

Expressão de gênero

Forma como a pessoa se apresenta, sua aparência e seu comportamento, de acordo com expectativas sociais de aparência e comportamento de um determinado gênero. Depende da cultura em que a pessoa vive.

Identidade de gênero

Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero.

Papel de gênero

Modo de agir em determinadas situações conforme o gênero atribuído, ensinado às pessoas desde o nascimento. Construção de diferenças entre homens e mulheres. É de cunho social, e não biológico.

Cisgênero

Conceito “guarda-chuva” que abrange as pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

Transgênero

Conceito “guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, em graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do gênero que lhes foi determinado quando de seu nascimento.

Intersexual

Pessoa cujo corpo varia do padrão de masculino ou feminino culturalmente estabelecido, no que se refere a configurações dos cromossomos, localização dos órgãos genitais (testículos que não descenderam, pênis demasiado pequeno ou clitóris muito grande, final da uretra deslocado da ponta do pênis, vagina ausente), coexistência de tecidos testiculares e de ovários. A intersexualidade se refere a um conjunto amplo de variações dos corpos tidos como masculinos e femininos, que engloba, conforme a denominação médica, hermafroditas verdadeiros e pseudo-hermafroditas.

O grupo composto por pessoas intersexuais tem-se mobilizado cada vez mais, a nível mundial, para que a intersexualidade não seja entendida como uma patologia, mas como uma variação, e para que não sejam submetidas, após o parto, a cirurgias ditas “reparadoras”, que as mutilam e moldam órgãos genitais que não necessariamente concordam com suas identidades de gênero ou orientações sexuais.

Orientação sexual

Atração afetivossexual por alguém. Vivência interna relativa à sexualidade. Diferente do senso pessoal de pertencer a algum gênero.

Assexual

Pessoa que não sente atração sexual por pessoas de qualquer gênero.

Bissexual

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de qualquer gênero.

Heterossexual

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero diferente daquele com o qual se identifica.

Homossexual

Pessoa que se atrai afetivo-sexualmente por pessoas de gênero igual àquele com o qual se identifica.

Crossdresser

Pessoa que frequentemente se veste, usa acessórios e/ou se maquia diferentemente do que é socialmente estabelecido para o seu gênero, sem se identificar como travesti ou transexual. Geralmente são homens heterossexuais, casados, que podem ou não ter o apoio de suas companheiras.

Transexual

Termo genérico que caracteriza a pessoa que não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Evite utilizar o termo isoladamente, pois soa ofensivo para pessoas transexuais, pelo fato de essa ser uma de suas características, entre outras, e não a única. Sempre se refira à pessoa como mulher transexual ou como homem transexual, de acordo com o gênero com o qual ela se identifica.

Homem transexual

Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como homem. Alguns também se denominam transhomens ou Female-to-Male (FtM).

Mulher transexual

Pessoa que reivindica o reconhecimento social e legal como mulher. Algumas também se denominam transmulheres ou Male-to-Female (MtF).

Travesti

Pessoa que vivencia papéis de gênero feminino, mas não se reconhece como homem ou mulher, entendendo-se como integrante de um terceiro gênero ou de um não-gênero. Referir-se a ela sempre no feminino, o artigo “a” é a forma respeitosa de tratamento.

Transformista ou *Drag Queen/Drag King*

Artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento. A sua personagem não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual.

***Queer* ou Andrógino ou Transgênero**

Termo ainda não consensual com o qual se denomina a pessoa que não se enquadra em nenhuma identidade ou expressão de gênero.

Binarismo

Também denominado como “dimorfismo sexual”. Crença, construída ao longo da história da humanidade, em uma dualidade simples e fixa entre indivíduos dos sexos feminino e masculino. Quando essa ideia está associada à de que existiria relação direta entre as categorias sexo (biológica) e gênero (psicossocial), incorre-se no cissexismo.

Cissexismo

Ideologia, resultante do binarismo ou dimorfismo sexual, que se fundamenta na crença estereotipada de que características biológicas relacionadas a sexo são correspondentes a características psicossociais relacionadas a gênero. O cissexismo, ao nível institucional, redundando em prejuízos ao direito à autoexpressão de gênero das pessoas, criando mecanismos legais e culturais de subordinação das pessoas cisgênero e transgênero ao gênero que lhes foi atribuído ao nascimento. Para as pessoas trans em particular, o cissexismo invisibiliza e estigmatiza suas práticas sociais.

Estereótipo

Imagem fixa e preconcebida acerca de algo ou alguém. É o fundamento das crenças e dos preconceitos.

Preconceito

Juízo preconcebido acerca de algo ou alguém, com base em estereótipos. Predis põe a determinadas atitudes com relação ao objeto do preconceito, que pode ou não se manifestar na forma de discriminação.

Discriminação

Comportamento de fundo preconceituoso com relação a algo ou alguém.

Transfobia

Preconceito e/ou discriminação em função da identidade de gênero de pessoas transexuais ou travestis. Não confundir com homofobia.

Homofobia

Medo ou ódio com relação a lésbicas, gays, bissexuais e, em alguns casos, a travestis, transexuais e intersexuais, fundamentado na percepção, correta ou não, de que alguém vivencia uma orientação sexual não heterossexual.

Heteronormatividade ou Heterossexualidade Compulsória

Crença na heterossexualidade como característica do ser humano “normal”. Desse modo, qualquer pessoa que saia desse padrão é considerada fora da norma, o que justificaria sua marginalização.

Despatologização

Conceito introduzido por uma campanha internacional pela exclusão da transexualidade, da travestilidade e das manifestações de gênero escapam à noção binária homem/mulher da Classificação Diagnóstica e Estatística de Doenças – CID, da Organização Mundial de Saúde, e do Manual Diagnóstico e Estatístico das Doenças Mentais – DSM, da Associação Psiquiátrica Americana. Em nível nacional, a campanha se estende à reformulação do processo transexualizador no Sistema Único de Saúde, tendo em vista a adoção de uma concepção de saúde que reconheça a pluralidade de identidades de gênero como uma manifestação natural dos seres humanos e que atenda as demandas das pessoas trans sem a necessidade de condicionar esse atendimento a um diagnóstico psiquiátrico e/ou psicológico.

Processo transexualizador

Processo pelo qual a pessoa transgênero passa, de forma geral, para que seu corpo adquira características físicas do gênero com o qual se identifica. Pode ou não incluir tratamento hormonal, procedimentos cirúrgicos variados (como mastectomia, para homens transexuais) e cirurgia de redesignação genital/sexual ou de transgenitalização.

Cirurgia de redesignação genital/sexual ou de transgenitalização

Procedimento cirúrgico por meio do qual se altera o órgão genital da pessoa para criar uma neovagina ou um neofalo. Preferível ao termo antiquado “mudança de sexo”. É importante, para quem se relaciona ou trata com pessoas transexuais, não enfatizar exageradamente o papel dessa cirurgia em sua vida ou no seu processo transexualizador, do qual ela é apenas uma etapa, que pode não ocorrer.

LGBT

Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Eventualmente algumas pessoas utilizam a sigla GLBT, ou mesmo LGBTTT, incluindo as pessoas transgênero/queer. No Chile é comum se utilizar TLGB, em Portugal também se tem utilizado a sigla LGBTTTQI, incluindo pessoas queer e intersexuais. Nos Estados Unidos se encontram referências a LGBTTTQIA (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais e Assexuais).

Nome social

Nome pelo qual as travestis e pessoas transexuais se identificam e preferem ser identificadas, enquanto o seu registro civil não é adequado à sua identidade e expressão de gênero.

Transfeminismo

Também denominado feminismo transgênero. Linha de pensamento e movimento de cunho feminista que reconhece o direito à autodeterminação das identidades de gênero das pessoas transgênero e cisgênero, o poder exclusivo dos indivíduos sobre os seus próprios corpos e a interseção entre as variadas identificações dos sujeitos.

Por meio do pensamento transfeminista se entende que o gênero é uma categoria distinta da de sexo, e mais importante do que está para se compreender os corpos e as relações sociais entre homens e mulheres. A prática do transfeminismo com relação à mulheres, em particular, corresponde à constatação de que a liberação das mulheres trans está intrinsecamente ligada à liberação de todas as mulheres.

Orgulho

Antônimo de vergonha. Conceito desenvolvido pelo movimento social LGBT para propagar a ideia de que a forma de ser de cada pessoa é uma dádiva que a aproxima de comunidades com características semelhantes às suas, e deve ser afirmada como diferença que não se altera, não deveria ser reprimida nem recriminada.

Dois Espíritos

O conceito de "Dois Espíritos" (Two-Spirit, em inglês) refere-se a uma identidade de gênero e espiritualidade presente em diversas culturas indígenas da América do Norte, que transcende as categorias binárias de masculino e feminino. Em estudos de gênero, "Dois Espíritos" descreve indivíduos que incorporam tanto aspectos masculinos quanto femininos, muitas vezes assumindo papéis sociais, espirituais ou cerimoniais únicos em suas comunidades. Essa identidade, que varia entre diferentes nações indígenas, é profundamente enraizada em cosmovisões culturais e espirituais, desafiando as normas de gênero ocidentais e coloniais. Nos estudos contemporâneos, o termo é utilizado para destacar a interseccionalidade entre gênero, sexualidade e identidade cultural, promovendo o reconhecimento da diversidade de gênero pré-colonial e a resistência à imposição de binarismos de gênero.